João Sérgio Lauand

Modulações: Ensaios e Notas de um Tempo Vivido

Edições Cemoroc – Feusp

São Paulo
2025

Copyright © 2025 do autor
Todos os direitos reservados.

Conselho Editorial dos livros do Cemoroc

Diretores:
Jean Lauand (Feusp)
Paulo Ferreira da Cunha (Univ. do Porto)
Sylvio R. G. Horta (FFLCH-USP)

Membros:
Aida Hanania (FFLCH-USP)
Chie Hirose (Pós-Doutora Feusp)
Enric Mallorquí-Ruscalleda (Indiana University-Purdue University Indianapolis)
Gabriel Perissé (Pós-Doutor Unicamp)
Lydia H. Rodriguez (Indiana Univ. of Pennsylvania)
María de la Concepción P. Valverde (FFLCH-USP)
Maria de Lourdes Ramos da Silva (Feusp)
Nádia Wacila H. Vianna (Fea-USP)
Pedro G. Ghirardi (FFLCH-USP)
Pere Villalba (Univ. Autònoma de Barcelona)
Roberto C. G. Castro (Pós-Doutor Feusp)
Rui Josgrilberg (Dr. Univ. Strasbourg)
Sílvia M. Gasparian Colello (Feusp)
Terezinha Oliveira (Uem)
Vitor Chaves de Souza (UFPB)

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira de Livro, SP, Brasil).

Lauand, João Sérgio
Modulações: Ensaios e Notas de um Tempo Vivido; São Paulo: Cemoroc, 2025

ISBN 978-65-01-57497-4

1. Ensaios 2. Educação 3. Filosofia I. Título
CDD- 370.19 Educação e Sociedade

Capa: Triângulos e linhas verdes – Judith Lauand

Todos os direitos desta edição reservados ao CEMOROC
http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/

SUMÁRIO

VÁRIOS

A Esperança em Tempos difíceis 07
A Guerra da minha Geração 11
Eu lhe desejo 13
Juízes em Berlim 16
Mega da Virada 19
Modulações 21
O que o Tempo leva 23
Por que chegar tão cedo 26
Porque estamos irritados 29
Orgulho da tia 32
O que há em cada nome 33
Frases 45
"En caravana los recuerdos pasan" – recordando velhos tangos 47

LIVROS

Um mundo atrás de uma tirinha 67
Tudo vale a pena 72
Um escritor brilhante e pouco conhecido entre nós 75
Amigos, o melhor de todos, preconceitos e injustiças 80
Don Camillo e seu Pequeno Mundo 85

HUMOR

O Humor de um líder 93
Humor inglês 96
Humor nas Canções 97

FILMES

A Idade Dourada 101
As Separações 103
Silêncios 106
Cartas de Iwo Jima 109
Um Bom Filme sobre Educação 112
A Família Soprano e uma Personagem muito real 114
Uma Imagem vale por mil Palavras 127
Corinthians – Irmãos de Armas 130
Lost in Translation, Perdidos na Tradução 133
Rosas sempre haverá 136
Revoluções Inglesas ‘ 138
Publique-se a Lenda 141
Policiais 143
Um Espião Infiltrado 146
Duas Máscaras 147
A Criação do Homem segundo os Gregos 149
Dois Filmes, Vários Oscars 152

MATEMÁTICA E FÍSICA

Jogo de Bingo, Probabilidades e Senso Comum 155
Contos Árabes e Problemas Matemáticos 163
Algumas observações sobre o jogo de Sudoku 171
A Natureza do Tempo 179
Enigmas da Física e limites do nosso conhecimento 181

VÁRIOS

A Esperança em Tempos Difíceis (2020)

Como tantos, estou fechado em casa nestes dias. Em uma leitura, me deparei com um texto excepcional que parece se adaptar muito bem ao que estamos vivendo. Conto sua história.

No ano passado tivemos a oportunidade de fazer uma viagem muito boa e passar pela Eslovênia, Croácia e Bósnia. Todos os elementos para constituir um tempo feliz estavam presentes: excelente companhia, paisagens lindas, enriquecimento cultural, pratos típicos.

Já sabia que se trata de uma região com longa história e com suas peculiaridades. Situada na Europa Central, habitada por cristãos católicos e ortodoxos e muçulmanos, palco de tantas guerras e caminho entre a Ásia e a Europa não poderia deixar de ter uma cultura e história muito ricas.

Tivemos a sorte de ter como guia Nina Mimica, uma croata, nascida em Split, de mãe italiana e profunda conhecedora da história da região. Ela nos falou sobre as guerras recentes, a vida antes e depois, consequências, esclareceu motivos com aspectos que eu não conhecia.

Em uma de suas conversas no ônibus falou-nos do livro “A Ponte sobre o Drina”. O autor Ivo Andric, nasceu no final do Sec. 19, em uma família croata, numa região do Império Austro-Húngaro, que hoje pertence à Bósnia. Lendo esse livro se entende porque ele recebeu o Nobel de Literatura em 1961. Narra quatro séculos de história da região em torno da construção dessa ponte e de sua utilização por habitantes tão iguais e tão diferentes.

Ela nos leu um trecho do livro. Com muita solidariedade e muitas guerras é natural que haja uma mistura de sentimentos. Era muito bonito. Só me lembro vagamente

que comentava que assim como as águas do rio passavam sobre a ponte e iam embora, assim nossas mágoas, ressentimentos e ódios deveriam escoar também, passar pela ponte e ir adiante. Isso em um lugar onde imagino que todos perderam algum familiar ou amigo, morto em conflitos étnicos. Eu achei muito poético e tocante. Ela chorou.

Voltando ao Brasil tentei comprar o livro. Parece que não há nenhuma edição brasileira. Depois de muita pesquisa consegui encontrar em um sebo uma edição portuguesa de 1962, já bastante amarelada. Ao ler, tem-se a impressão de estar em uma roda com os mais velhos do lugar, ouvindo suas histórias e lendas, repetidas de geração em geração.

No capítulo V, lido nesse período de quarentena em casa, ele fala das "inundações" ao longo dos séculos. Todos os anos, na Primavera e Outono, as águas do rio se avolumam e ameaçam a cidade. Em geral, nada muito sério. "Porém, a intervalos regulares de vinte a trinta anos, sobrevinham grandes inundações, que, depois deixavam profunda recordação, como as insurreições ou as guerras, sendo por muito tempo usadas como datas a partir das quais se calculava a idade dos cidadãos e a duração das vidas humanas: "cinco ou seis anos após a grande inundação" ou "durante a grande inundação".

Passa a descrever os efeitos de uma delas, ocorrida há bastante tempo. Os habitantes faziam rondas noturnas ao pressentir o perigo, mas houve uma ocasião em que as águas os enganaram. Os prejuízos foram muitos, houve a habitual solidariedade entre todos, recolhendo na parte mais alta da cidade as pessoas e o que elas conseguiram salvar. Quando as águas baixaram havia casas e celeiros destruídos, as mercadorias perdidas, nas paredes uma linha indicava a altura da água e nas ruas árvores arrastadas e animais mortos. Reproduzo agora o final do capítulo.

Tal era o estado da cidade, à qual era preciso descer e continuar a viver. E entre as margens inundadas, sobre a água que ainda corria com grande rumor, elevava-se a ponte, branca e imutável, ao sol. A água atingia o meio dos pilares e a ponte dava a impressão de estar noutro rio mais profundo que aquele que habitualmente corria sob seus arcos. Em cima da ponte acumulavam-se camadas de lama e havia ramos, mas tudo isso em nada alterava o aspecto da ponte, que, solitária, atravessara a inundação sem estragos e dela emergira incólume.

Todos na cidade se lançaram imediatamente ao trabalho para reparar os estragos e ninguém teve tempo para pensar no significado da vitória da ponte, mas, ao cuidarem dos seus afazeres nesta cidade malfadada, na qual quase nada fora poupado pelas águas, sabiam que na sua vida havia qualquer coisa que podia resistir a todos os elementos e que a ponte, mercê da estranha harmonia das suas formas e a solidez invisível e permanente das suas fundações, sairia de cada prova indestrutível e inalterada.

O Inverno que se seguiu foi rude. Todos os produtos, cuidadosamente armazenados nos pátios e nos celeiros –madeira, trigo, feno – tinham sido arrastados pela inundação. Era preciso restaurar as casas, reconstruir os estábulos e as cercas e obter a crédito novas mercadorias para substituir as destruídas nos armazéns e nas lojas.

> No Verão seguinte a lembrança da grande inundação começou a esfumar-se na mente dos velhos, onde deveria permanecer ainda longo tempo, enquanto os jovens, cantando e tagarelando, se sentavam na torre da ponte sobre a água que corria lá muito em baixo, e que, com seu rumor, fazia o acompanhamento das canções. O esquecimento tudo cura e o canto é a mais bela maneira de esquecer, pois ao cantar o homem só se lembra do que ama.
> Assim, sobre a ponte, entre o céu, o rio e as montanhas, gerações sucessivas aprenderam a não se afligir demasiadamente com o que as águas revoltas do Drina provocavam. Foi assim que adotaram a filosofia inconsciente da cidade: a vida é um milagre incompreensível, porque se consome e dilui sem cessar, e, todavia, continua e mantém-se solidamente, como a ponte sobre o Drina

Isso foi o que encontrei na minha leitura habitual de ontem. Achei muito merecido o Nobel. E me ajudou a pensar no momento em que estamos vivendo.

A Guerra da minha geração (2020)

Entre os motivos de agradecimentos a Deus, sempre incluí não ter passado por especiais dificuldades, como uma guerra.

Nesta pela qual estamos passando agora, estou aproveitando para ler entre outros livros, biografias de Getúlio e de Churchill. Na primeira descobri que na gripe espanhola de 1918 morreram em torno de 5 mil paulistanos e 40 mil brasileiros. Na revolução de 1932 o número oficial de mortos é de 633 paulistas.

Churchill assumiu o governo da Inglaterra em 1940. Seu antecessor, Neville Chamberlain, relutou o quanto pôde em admitir a ameaça de Hitler. É mais ou menos compreensível, os ingleses haviam acabado uma guerra há 20 anos, com um milhão de mortos e o dobro de feridos. Era a Grande Guerra, a que veio para acabar com as guerras, e ninguém – com exceção de Hitler – queria outra. Mas foi inevitável. Já disseram que uma diferença entre as crianças e os adultos é que elas não são capazes de perceber os obstáculos para atingir o seu desejo, são imediatistas. As pessoas maduras sabem quando é preciso fazer uma pausa, por difícil que seja, vencer os obstáculos e depois retomar seu caminho. A grandeza de Churchill foi ser dos primeiros a perceber que não havia possibilidade de acordo com Hitler, e que quanto mais se adiasse o enfrentamento do problema, mais ele sairia fortalecido.

Com a queda de Chamberlain, o novo primeiro ministro assumiu. Em seu primeiro pronunciamento disse a célebre frase: “Não tenho nada a oferecer além de sangue, trabalho, lágrimas e suor”. Foram anos muito difíceis com os bombardeios nazistas a Londres. Fome de dia e bombas à noite. Muitos deixaram Londres, crianças foram levadas a

lugares seguros no interior, mas Churchill, o Rei Jorge VI e sua filha Elizabeth estavam lá todos os dias, após os bombardeios, para reforçar a coragem e a esperança de seu povo.

Passaram-se cinco anos, morreram muitos, mas a guerra foi vencida, com a ajuda de seu líder.

Penso que estamos vivendo a nossa guerra. Não sabemos quanto vai durar, mas será mais breve e, ainda que dolorosas, haverá menos perdas. E agradeceremos a Deus por ter vencido a nossa guerra.

Eu lhe desejo

Em geral desejamos o bem para as pessoas queridas e também para todas. Para os antigos, por exemplo Aristóteles, a palavra “bem” tinha muito mais alcance do que hoje. Incluía a felicidade e muito mais, e talvez seja nesse sentido que lhes desejamos o bem, mesmo sem uma consciência clara.

As doenças ou deformações de caráter podem quebrar essa regra e fazer que alguns desejem o mal. Mesmo em outros casos, momentos de raiva, decepção, inveja, etc., podem fazer aflorar alguma má erva que levamos dentro.

O desejo de bem por excelência é a bênção, em que invocamos a proteção de Deus para alguém. Pessoalmente, gosto muito da fórmula que aparece no livro dos Números, na Bíblia:

> O Senhor te abençoe e te guarde; faça resplandecer o seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti; levante o seu rosto e te dê a paz

Essa bênção pede paz. Outro dos dons mais preciosos que se podem desejar. Foi o anúncio dos Anjos, por ocasião do nascimento de Jesus: “Paz na Terra...”

Desejamos, aos que queremos bem, paz, felicidade, saúde, sucesso, ...

Neste ano fui mais econômico. Em geral desejo um ano novo excelente. Parei para pensar e achei que excelente pode ser um pouco inalcançável. É verdade que os desejos podem ser um tanto inatingíveis. Mas, a verdade é que para

vários desejei um bom ano. Se não puder ser excelente, um ano bom não é nada mau!

Um bom amigo sempre me deseja o que ouviu várias vezes de sua mãe: “Eu lhe desejo tudo o que você deseja!” Em geral sabemos o que é melhor para nós. Em geral!

Nelson Rodrigues, no seu estilo inconfundível, tinha um desejo especial: “Eu lhe desejo sorte. Com ela você atravessa o mundo. Sem ela você não atravessa nem a rua!”

As canções falam muito de desejos. Uma de que gosto muito é “I wish you love”, que Rod Stewart incluiu em seu American Songbook, e é linda. Ele acha que não vai dar certo, então se despede da amada e lhe deseja felicidade no amor. Não é pouco:

> Desejo a você pássaros azuis na primavera
> Para dar ao seu coração uma música para cantar
> E então um beijo, mas mais do que isso
> desejo-lhe amor
>
> Em julho uma limonada
> Para lhe refrescar à sombra de alguma árvore
> Desejo-lhe saúde e mais que riqueza
> desejo-lhe amor
>
> Meu coração partido e eu concordamos
> Que você e eu não daremos certo
> Então, com o meu melhor, o meu melhor mesmo
> eu a liberto
>
> Desejo que você tenha um abrigo seguro na tempestade

Um fogo aconchegante para mantê-la aquecida
Mas acima de tudo, enquanto os flocos de neve caem
desejo-lhe amor

Alvo de todos esses desejos, seremos bem ricos. Como naquela família em que a mãe dizia ao menino: “Filho, nós somos bem ricos. E tenho certeza de que, um dia, teremos bastante dinheiro!”

Juízes em Berlim

"Sim, se não houvesse juízes em Berlim".

Essa frase, conhecida nos meios jurídicos, remete a um conto que se tornou famoso. Estamos em 1745, na Prússia. Um moleiro tinha sua propriedade nas cercanias do palácio de Frederico II. O Kaiser pretendia ampliar seu palácio de verão, mas encontrou resistência por parte do moleiro, cuja propriedade impedia a ampliação. Após inúmeras propostas recusadas, chamou o moleiro à sua presença e afirmou que poderia expropriar o moinho contra sua vontade, se assim entendesse, ao que o moleiro respondeu: "Vós… tomardes meu moinho? Sim, se não houvesse juízes em Berlim".

Durante muito tempo prevaleceu no mundo a lei do mais forte, que ainda hoje se opõe ao legítimo direito da sociedade de se organizar e escolher com liberdade por quem será governada e dentro de quais limites.

O termo Democracia, governo do povo, surgiu na Grécia, mas era muito limitada, e foi lá também que surgiu o regime político conhecido como Tirania. As invasões dos exércitos de Alexandre introduziram novos governantes. A República Romana durou pouco e foi sucedida pelos Imperadores. Lendo uma história de Roma nos primeiros séculos de nossa era, havia um padrão que se repetia: um general desbancava o Imperador e governava por cinco anos, em média, até ser sucedido por outro general, e tudo se repetia. Apareceram as Monarquias Absolutistas, em que os monarcas decidiam sozinhos sobre tudo e podiam dizer como Luis XIV: "o Estado sou eu".

Só com muito tempo, muita luta e muito sangue a situação foi mudando. A Inglaterra parece ser o país que foi na frente na conquista de direitos em relação aos governantes.

Em 1215, nobres ingleses insatisfeitos com os impostos abusivos do rei João Sem-Terra, lhe impõem a Magna Carta, marco fundador do sistema político britânico, que limita o poder do monarca. A partir dela, para tomar decisões os reis tiveram que consultar um Grande Conselho, origem do Parlamento britânico. Outro passo importante foi a chamada Revolução Gloriosa, em 1688, que marca definitivamente a queda do absolutismo nesse país, confirmando-o como uma monarquia constitucional, o que foi fundamental para o acontecimento de outras revoluções no século seguinte. É difícil separar o progresso atingido por esse país a seguir, do estabelecimento desses marcos políticos. Outros fatos importantes são a Revolução Americana e sua Constituição e a Revolução Francesa com os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, que no Brasil são independentes e harmônicos entre si.

Observando o que ocorre hoje em nosso país é difícil entender porque alguém prefere voltar ao sistema de governo absoluto por uma pessoa ou grupo, como ocorre nos sistemas totalitários e ditaduras, sejam de esquerda ou de direita. Esses costumam se apresentar como os únicos que podem resolver uma situação grave e depois se perpetuam por "amor a seu povo", que não pode caminhar sozinho por ser imaturo, por sistemas fraudulentos de eleições, por serem líderes messiânicos e populistas. E os privilégios ficam para seu grupo de apoio, pois como no clássico "A Revolução dos Bichos", todos são iguais, mas uns são mais iguais que outros.

É claro que nenhum dos três poderes é isento de falhas, mas sem dúvida é preferível um sistema democrático imperfeito a uma ditadura exemplar. Como dizia alguém, a Democracia é a pior forma de governo, com exceção de todas as demais.

Como a lei do mais forte nunca cessa e há muitos grupos de poder e influência querendo agir, as democracias tentam criar instituições e controles, para neutralizar essas manobras e garantir que a vontade e o bem da maioria sejam preservados. Os países que conseguem fazer isso são os que progridem e dão bem-estar a seu povo. Os outros patinam, não saem do lugar, têm enormes desigualdades e ampla corrupção. Para isso, são necessárias instituições fortes, respeitadas e independentes, nomeações com bases técnicas, controle independente de gastos em todos os níveis, imprensa livre, e tantos outros fatores. São metas para muitos anos e sob permanente controle da sociedade, pois sempre se pode regredir. A lei da gravidade também nesse caso, age no sentido da queda, se não houver uma força contrária.

Não tenho a ilusão de pensar que nossos deputados, juízes e instituições são impolutos. Mas sem eles, quem nos defenderá dos tiranos? O que será do nosso moinho? É bom que haja juízes em Berlim.

Mega da Virada

Temos um grupo de amigos que se reúne de vez em quando. Agora perto do final do ano, alguém se lembrou da Mega Sena da Virada e sugeriu fazer um bolão. Como outros milhares de grupos pelo país, ficamos todos animados e com a certeza de que íamos ganhar. E logo vieram as reuniões, os planos, muitas compras, viagem a Cancun, manter a vitória em segredo para não criar problemas.

Houve especialmente uma reunião que foi muito divertida. Como escolher os números ganhadores? Vieram as sugestões: placas de carros, telefones antigos, datas de nascimento, algum que apareceu em sonhos, tudo regado a longas discussões e muitas risadas. Também probabilidades, números astronômicos que ninguém consegue imaginar. Números aceitos, outros rejeitados, teorias, e mais discussões, e mais risadas!

Feitas as listas, chegou a hora de conseguir as apostas físicas. Mais reuniões, bebida, conversa e discussões. Finalmente tudo pronto.

E chegou a noite do dia 31. Planos em pé, mas acho que todos já sabiam que não íamos ganhar. Como quase toda a população brasileira, de norte a sul, não ganhamos. Foram só 5 os acertadores.

Então me lembrei de uma frase ouvida há muito tempo, que me marcou muito, uso sempre e nunca esqueci. Vem de ninguém menos do que John Lennon, em uma música linda, com letra especial, dedicado ao filho Sean, citado textualmente, chamada “Beautiful Boy (Darling Boy)”.

O verso diz: “Life is what happens to you While you're busy making other plans”

> Vida é o que vai acontecendo, enquanto você está muito ocupado fazendo planos para outras coisas!!

Fizemos planos para Cancun. Na verdade, nem queria tanto ir a Cancun, me basta uma boa conversa, com um bom amigo, em qualquer lugar por aqui.

Fizemos planos para Cancun, mas nos encontramos, nos provocamos, discutimos muito e rimos muito. Vivemos e prestamos atenção à vida.

Como diz outra canção poderosa, desta vez do Grande Louis Armstrong, demos as mãos e perguntamos como vai, mas estávamos dizendo: “gosto de você!!”

> I see friends shaking hands
> Saying, “How do you do?”
> They're really saying
> I love you

É claro que a bolada da Mega Sena seria muito bem-vinda. Daria para fazer muita coisa. Mas não tem problema. Um ano passa depressa e logo vem outra Mega da Virada. E dessa vez, com certeza vamos ganhar! E as passagens para Cancun já estão reservadas!!

Modulações

Os adjetivos e advérbios que usamos servem para dar tonalidade às frases e, às vezes, para lhes modificar totalmente o sentido.

Getúlio Vargas brincava com a composição do seu Ministério: “meu governo tem dois grandes problemas, alguns dos meus ministros não são capazes de nada; mas outros são capazes de tudo!”

Todos temos ao nosso redor pessoas muito boas que estão sempre dispostas a fazer o que é necessário, mas nunca agora. Já se disse que muitos “depois” na verdade são “nãos”, parte do jeito brasileiro por suavizar tudo.

Quando tínhamos gosto por ver Seleção Brasileira de Futebol jogar, houve uma ocasião em que enfrentamos o México. Os mexicanos fizeram uma partida excelente, mas não o suficiente para ganhar. No dia seguinte, um dos jornais mexicanos estampou uma manchete ótima: “Jogamos como nunca! Perdemos como sempre!”

Há fórmulas que usam o tempo que também são muito interessantes, como a usada certa vez por um bom amigo: “Passado é o que não passa!”

Nestes tempos difíceis em que guerras e eventos climáticos põem dúvidas em nosso ânimo, também quanto ao que virá, alguém lembrou uma frase famosa: “nos dias de hoje nem o futuro é mais o que era!”

Certa vez ouvi uma frase sobre a antiga União Soviética e gostei muito. Circulavam muitas piadas sobre essa região e uma dizia que “lá prever o futuro era muito fácil, difícil era prever o passado!”. Pessoas como Trotsky, e tantos outros, foram apagados das fotos heroicas com Lenin, e muitos foram mortos. Não é um privilegio desse região.

Eventos e pessoas podem ficar nebulosos com o correr dos dias. Tornando o passado muito duvidoso!

PS. Já tinha escrito isto quando ao fazer Palavras Cruzadas encontrei: “santo que não tem dia de comemoração”. Logo achei a resposta, um santo bem brasileiro: São Nunca! O Nunca virou santo! E logo veio o Dia primeiro de novembro, de Todos os Santos. Não dá para comemorar São Nunca nesse dia?!

O que o tempo leva

Estes dias diferentes que estamos vivendo trouxeram a oportunidade de ler mais livros e assistir a mais filmes. Por coincidência, três dessas obras falavam da passagem do tempo. Isso me fez pensar em como é forte esse sentimento, que há em todos nós, mais ou menos conscientemente, de querer voltar a épocas alegres, de recordar pessoas queridas, momentos em que fomos felizes. Li em uma crônica e nunca esqueci; "infância era aquela época em que comemorava meu aniversário e ninguém tinha partido". Como são poderosas as palavras saudades, nostalgia e recordar, esta, literalmente, trazer de novo ao coração.

A primeira é a peça "O Cerejal", de Tchekov, considerada sua obra prima. Ele teve uma vida curta e no último de seus 44 anos fez um esforço muito grande para terminar essa obra. Uma família da pequena aristocracia rural russa de meados do Século XIX, decadente, não quer se desfazer de sua propriedade e de seu Cerejal, que traz lembranças de outras épocas. Mas tudo está mudando, o país, a sociedade, as pessoas. "Ninguém sabe mais como aproveitar os frutos produzidos pelas árvores; a receita foi esquecida num tempo passado, quando a fertilidade generosa da terra se convertia em saborosas geleias e conservas". Mas se há tristeza, outros personagens visam o futuro:

> A Rússia inteira é nosso jardim. A terra é grande e bela, e há lugares lindos em toda ela.

Outra dessas obras é o filme "E o Vento levou", antigo de 1939, ganhador de vários Oscars. O tema é conhecido, as mudanças no estilo de vida do Sul dos Estados Unidos, com a Guerra de Secessão e a abolição da

escravatura. O título original, que é o mesmo do livro, é mais forte, pondo o sujeito não no Vento, mas no que se perdeu, *Gone with the Wind*. Belíssimo filme e, para mim, merece ser visto, mesmo que em várias etapas, devido a suas quatro horas de duração. Mais um filme que retrata a devastação das guerras e tem personagens bem interessantes, como a mimada Scarlett O´Hara e o canastrão Rhett Butler. Interpretado por Clark Gable que sempre tem aquela sobrancelha levantada, dando a impressão de não levar nada a sério, a mesma atitude do excelente "Aconteceu naquela Noite", de Frank Capra, também ganhador de Oscars. A personagem de Vivien Leigh vai amadurecendo e lutando pela vida, enquanto seu mundo antigo vai sendo levado pelo vento e pelo tempo.

Por fim, o livro "Surpreendido pela Alegria" de C.S. Lewis. Este ainda não acabei. Lewis é o criador das "Crônicas de Nárnia", um evangelho em contos infantis. Assisti ao ótimo "Terra de Sombras" em que o escritor irlandês é representado por Anthony Hopkins, e trata de seus últimos anos e da paixão por Joy Davidman, uma americana divorciada. Alguns anos antes, um britânico como ele, perdera a Coroa nas mesmas circunstâncias. Lewis encontrou um grande amor. Gostei muito do filme e pensei que em sua autobiografia, "*Surprised by Joy*", o Joy tanto poderia ser a Alegria, como seu Amor. Lewis é um grande autor. Recentemente reli "Os Quatro Amores", em que analisa com grande profundidade, humor e senso de observação, nossas formas de querer. No que estou lendo agora, suas observações são tão agudas e constantes, que leio pensando que preciso reler o livro. Uma frase do Prefácio: "Fui encorajado a escrever sobre isso (a alegria) porque reparei que um homem raramente menciona aquilo que supõe serem suas sensações mais pessoais, sem ouvir de pelo menos um dos presentes a resposta: ´O que?! Você sentiu isso também? Sempre pensei que eu fosse o único!". Como disse, ainda

estou no começo do livro, mas Lewis já está com saudades da sua infância.

Os Físicos dizem que o tempo não existe, nós e as coisas é que vamos mudando. Também se diz que a saudade é a mistura da tristeza pelo que já passou com alegria de tê-lo vivido. Talvez esse seja um bom resumo da nossa vida: passar e ir guardando a felicidade que vamos vivendo.

Por que chegar tão cedo?

Todos os países têm suas músicas que nos fazem rir. Aqui, entre tantas outras me lembro do “Samba do Crioulo Doido” e da “Conversa de Botequim” de Noel Rosa. Há muitos anos ouvi uma música espanhola desse tipo, e nunca me esqueci.

Chama-se “Cómo está el mundo, Señor Macario”. Passa-se em 1947. Podem ser dois senhores aposentados, sentados num calmo banco de praça, e enquanto o Sr. Macário escuta pacientemente, o amigo (qual será o seu nome?) vai falando.

É a conversa repetida de geração em geração, garantindo o fim do mundo próximo, com tudo o que está acontecendo. No caso, é a chegada dos rádios, do cinema, quem pode suportar isso? O refrão diz:

Cómo está el mundo, señor Macario
Cómo está el mundo, qué atrocidad
Con tanta radio, con tanto cine
¿Vamos pa' 'lante, o vamos pa' atrás?
Bueno está el mundo, señor Macario
Corre que corre, velocidad
Tanto adelanto para hacer churros
¿Es que está loca la humanidad?”

Vamos para a frente, vamos para trás! Tantas novidades para fazer churros, a humanidade só pode estar louca!!

Todas as gerações passam por essa situação, pela estranheza diante do novo. A insegurança nos leva a pensar

que os tempos passados sempre foram melhores e que "éramos felizes, e não sabíamos". E aparecem também os conflitos de gerações, com a incompreensão mútua entre os jovens e os não tão jovens.

Demantes con un duro eras el amo
Podías a tu novia convidar
Vivir en el Palace una semana
Y hoy cuesta un duro, el respirar

Aqueles sim eram bons tempos! Com um "duro", cinco pesetas, podias passar uma semana em um bom hotel, com a noiva: agora é o preço de respirar!

Encontrei a letra na internet. A música também está lá para quem quiser ouvir e é muito boa. Mas não havia um trecho que gravei na memória.

El agua con limón de aquellos tiempos
Que te hacia templado el paladar
Ahora te sirven um Cuba Libre
Y dicen que te sabe, a libertad!!

Senhor Macário e seu amigo não querem saber de ideologias novas! Provavelmente têm as suas, mas essas sim são boas, não as novas. Aquilo sim era bebida, a boa água com limão, que deixava o paladar feliz! Aqui uma curiosidade. Sempre pensei que o drink Cuba Libre se referisse à Revolução de Castro em 1959, e aí seria difícil estar em uma música de 1947. Mas parece que a invenção desta bebida é atribuída aos soldados norte-americanos que ajudaram nas guerras da independência cubana em 1898, o

que explicaria seu nome. E com certeza não agrada muito aos espanhóis!

E agora vêm os versos de que mais gosto:

> El tiempo que tardabas de la Bombi
> Al centro de Madrid en un simón
> Te lleva a Nueva York un aeroplano
> ¿Y qué haces tan temprano en Nueva York?

O tempo que se levava para ir da Bombi, nos subúrbios de Madrid, ao Centro da cidade, em uma charrete puxada por cavalos, é o mesmo que os aviões levam para chegar a Nova York. E aí vem a pergunta que acho maravilhosa: mas, para quê chegar tão cedo em Nova York?!

Sentados em seu banco de praça, vendo os pombos comerem milho e as crianças pequenas correrem, Sr. Macário e seu amigo não entendem a correria da vida moderna. É preciso mesmo correr tanto?

Há muitas ocasiões em que podemos fazer essa pergunta, e muitas respostas possíveis. Já me fiz várias vezes essa pergunta, olhando para mim ou para algum amigo ansioso.

Da minha parte, em geral, prefiro encontrar um lugar no banco, ouvir o Sr. Macário e seu amigo e deixar o assento no avião para os que têm muita pressa. Se não preciso nem ir a Nova York, por que chegar tão cedo lá?

Porque estamos irritados (junho/2020)

Boa parte dos brasileiros está nestes dias surpresa, cansada, horrorizada, assustada e irritada. Gostaríamos que houvesse paz e serenidade para viver nossas vidas e atender às situações difíceis pelas que estamos passando. Infelizmente há neste país, hoje, uma poderosa máquina de criar problemas e confusão. Não precisamos disso, o mundo já é suficientemente confuso, mas é isso o que se tem a nos oferecer neste momento. Todos os dias, com constância exemplar. Quando parece que já não há mais como cair, descemos um pouco mais.

Nem são necessários exemplos, todos os conhecemos. Queria analisar agora uma das palavras da primeira frase acima: irritação. Um dos motivos de indignação é a falta de justiça. Muitas pessoas ficam bastante irritadas quando confrontadas com a falta de justiça. Penso que esse é um dos principais motivos para as maravilhosas marchas que estamos vendo no mundo todo: a reação a uma grande injustiça, filmada, e que se repete diante dos nossos olhos.

Pensando nisso, listei cinco critérios ligados à justiça, e entre si, que quando desprezados, e de acordo com as circunstâncias, podem produzir grande indignação. São critérios de domínio comum, regras estudadas na Ética e que se apresentam com enorme frequência na nossa vida. Quando percebemos que foram desatendidas, podemos ter fortes reações. Vou analisá-las muito brevemente agora e talvez voltemos a cada uma, outro dia.

O primeiro é a chamada regra de ouro da ética: faça o bem e evite o mal. É o básico, acessível a todos. Há casos em que talvez seja difícil distinguir o bem do mal, mas na maioria dos casos não há muitos problemas. Diante de uma pandemia, por ex., fazer o bem é determinar com

especialistas a melhor forma de enfrentá-la, informar bem a população para que se proteja, amparar economicamente os mais fracos, chorar os mortos, consolar seus parentes.

O segundo é amar a Verdade. Em todos estes critérios pode haver discussões teóricas e filosóficas, e saber sempre o que é Verdade, é tarefa quase impossível. Mas há casos óbvios, de adequação das palavras com os fatos. Não é amar a Verdade produzir notícias falsas, inventar mentiras sobre os adversários, distorcer o significado de palavras como democracia, liberdade ou manifestantes, dizer uma coisa de manhã e outra à tarde.

A seguir vem a sentença de Aristóteles, seguida por Tomás de Aquino e toda a tradição moral ocidental, de que a virtude está no equilíbrio. É a conhecida sentença *in medio virtus*. Também aqui são possíveis muitas argumentações, e algumas muito necessárias, para evitar pensar que esse equilíbrio ou *medio* é uma postura covarde. Nem covarde nem fanática. Tomando o exemplo do remédio, é preciso tomar a dose certa, em menor quantidade não alcança o efeito desejado, não cura; em excesso, pode matar. A diferença entre o remédio e o veneno pode ser a dose. Voltaremos a esse tema em outro momento, com mais vagar. Baste agora dizer que nestes dias que vivemos talvez o que mais chame a atenção é a falta de bom senso e de equilíbrio. Se Aristóteles fosse brasileiro, estaria muito envergonhado.

O quarto critério não tem uma fórmula consagrada embora possa ser expresso de muitas formas: seguir as regras do jogo, jogar limpo, praticar o *fair play*. Talvez seja o que causa mais irritação quando descumprido. Se o jogador de futebol não devolve a bola, praticando o *fair play*, nas ocasiões requeridas, haverá uma briga generalizada com certeza. Penso que um dos motivos para a rejeição a Neymar é a simulação, no caso dele exagerada, que o marcou muito na última Copa, que é considerada não jogar limpo. São

muitos os exemplos de jogo sujo atualmente no Brasil: mentiras, falsidades, manipulação. No limite, o máximo de jogo sujo que é acabar com o jogo, pegar a bola e ir embora. De acordo com um personagem, em declaração pública, o jogo vai acabar, ele só não sabe quando.

E finalmente a conhecida frase de que o fim não justifica os meios. Costuma-se dizer que quem não a pratica é maquiavélico, faz qualquer coisa para obter o que deseja. Ouvi dizer que não está na obra de Maquiavel, e que ele só leva a fama. De qualquer forma é injustificável. Do contrário, poderíamos justificar qualquer barbaridade, experiências com seres humanos, massacres, etc., por um fim imaginado bom. Infelizmente a História está cheia de exemplos, e nosso país, hoje, também. Penso que muitos brasileiros têm umas metas, a serem conseguidas a qualquer preço: impedir o comunismo, evitar que um partido de esquerda volte a governar, defender a moral e a religião cristã que julgam ameaçadas, combater aspectos da chamada modernidade, com os quais não se identificam. Será que esses motivos justificam a quantidade de males que é preciso tolerar? Não há outra alternativa?

Ficam aqui breves ideias do que poderia ser uma exposição bem mais completa. Se for possível voltaremos a ela. Como diz o grande Noel Rosa, “se não chover eu volto pra te ver”, se os bons ventos nos trouxerem de volta.

Orgulho da tia

Acabo de visitar a Exposição de Judith Lauand, no MASP (https://masp.org.br/exposicoes/judith-lauand-desvio-concreto). Em uma semana marcada por agressões covardes, absurdas e selvagens à Arte e Cultura do nosso povo, essa visita foi uma lufada de ar fresco. Foi uma alegria e imenso orgulho ver as obras de uma tia querida, carinhosa, generosa. Suas pinturas e trabalhos em diversos materiais revelam uma sensibilidade extraordinária. Já tinha visto várias das obras expostas, mas voltei a me encantar com elas. Uma delas me chamou especialmente a atenção. Um quadro, óleo sobre tela, com cores esplêndidas, e com um efeito quando visto a certa distância, que parecia indicar uma terceira dimensão. Olhei a data: 2001. Ela tinha 79 anos! Parabéns tia Didi! Longa vida à sua Arte! Longa vida à Arte! Longa vida à Cultura!

O que há em cada nome – breves notas

A situação é bem conhecida. Julieta Capuleto ama Romeu Montecchio mas eles não podem se ver, nem se encontrar. Tudo por causa de um nome, Romeu se chama Montecchio. As famílias se odeiam. Julieta fica revoltada: "O que há em um nome? Uma rosa, com qualquer outro nome, teria o mesmo perfume". No original de Shakespeare a pergunta é "What's in a name?" e gerou músicas, livros, filmes. Umberto Eco escreveu o famoso "O nome da Rosa", em referência a esse texto.

O perfume da rosa não mudaria com a mudança de nome, mas nos seres humanos o nome tem consequências. Chamar-se Montecchio indica quem são seus pais, parentes, amigos, como foi educado, etc. Há muitos sobrenomes italianos conhecidos, como Ferrari, Martini, Caruso, e cada um deles significa muito em cada localidade, como Montecchio ou Capuleto em Verona no texto do bardo. E a história de Romeu e Julieta acaba em tragédia, devido aos nomes que têm.

Qual o significado e importância dos nomes? Não é fácil precisar. Eles têm algo de bastante aleatório. A princípio, não há nenhuma obrigação de dar um nome a uma criança. Há pessoas que recorrem a especialistas, para escolher o nome adequado para um recém-nascido, para que ele tenha a melhor trajetória no futuro. Por outro lado, os nomes podem carregar informação sobre nós: família, origem, época, intenções, etc. Vamos listar algumas dessas possibilidades, sem nenhum estudo mais aprofundado.

Mudanças de nome

A Bíblia faz referência a algumas alterações de nomes. No Antigo Testamento Jacó tem seu nome mudado. Há um episódio em que ele é testado por Deus e ao ser aprovado passa a se chamar Israel, que significa "permita que Deus prevaleça".

É muito conhecida também a passagem do Novo Testamento em que Jesus muda o nome de Simão: “Tu és Pedro e sobre essa pedra edificarei a minha Igreja”. É o caso de um nome que indica missão.

No ambiente religioso, as mudanças de nomes indicam a necessidade de uma vida nova, do abandono do passado, a realização de uma missão.

A princípio os Papas não alteravam seu nome. O primeiro papa a mudar de nome foi João II, no século VI (533-535 d.C.). Antes de ser eleito, seu nome era Mercúrio, que ele considerou inadequado para um líder da Igreja Católica, pois Mercúrio era um deus pagão romano. Em geral, a escolha recai sobre o nome de um santo ou um Papa anterior, que é homenageado ou posto como exemplo. Assim, Albino Luciani decidiu ser João Paulo I, para homenagear seus antecessores imediatos, a seguir veio João Paulo II, Bento XVI em honra de São Bento, um grande organizador e evangelizador da Europa e Francisco, o santo dos pobres. Com a escolha do nome Leão XIV o Papa atual indicou que seguiria a linha de Leão XIII, com forte apelo social ou Leão Magno, de muita força e prestígio.

Em muitas ordens religiosas os frades mudam seus nomes, indicando também essa necessidade de uma nova identidade.

Exemplos curiosos de mudanças de nome vêm da Casa Real Britânica. Alberto, o marido da Rainha Vitória que governou de 1837 a 1901, era de família germânica, e tinha o sobrenome Sax-Coburgo-Gota. Em 1914 o Reino Unido entrou em Guerra com a Alemanha e o Rei Jorge V, neto de Vitória e Alberto, em 1917 deixou de lado o sobrenome alemão, adotando outro, bem britânico, de Windsor.

No mesmo ano um príncipe germânico que vivia na Inglaterra e ocupava cargos na Marinha Britânica precisou aposentar-se e alterou seu sobrenome. Louis “anglicizou” o alemão Battenberg, a montanha Batten, por Mountbatten, para soar mais

inglês. Seu neto, Philip casou-se com Elizabeth II e hoje, os membros da família real que não têm títulos, utilizam o sobrenome Mountbatten-Windsor.

Outra situação que requer mudança de nome é o ingresso na mítica Legião Estrangeira Francesa. É obrigatório que os recrutas mudem de nome e adotem um novo. Este nome falso é utilizado durante o período de serviço e tem como objetivo garantir o anonimato e a segurança dos legionários, especialmente em situações perigosas.

Contam-se muitas histórias de Alexandre Magno, o grande conquistador macedônio. Uma diz que certa vez chegou a seus ouvidos que um de seus soldados, de nome como o seu, Alexandre, não se comportava com bravura nos combates. O grande general o chamou: "Ou você muda de atitude ou de nome, porque um Alexandre não pode ser covarde!".

Nomes gregos

Muitos nomes têm origem incerta. Outros podem ser identificados.

A civilização grega, com sua mitologia, suas histórias, seus poetas e teatrólogos produziu muitos nomes.

Os nomes de deuses gregos são muito utilizados. Começando pela palavra Deus (*Theos*) e suas composições como Teodoro (em latim, Deodato), Teófilo etc., que fazem referência ao senhor do Olimpo. Também os de Apolo, Hermes, Dionísio, Eros, ou os femininos, Ártemis, Afrodite, Diana.

Uma de suas muitas deusas é a da Vitória, Niké, em português Nice, tão importante em época de inúmeras batalhas. Uma das peças mais visitadas do Museu do Louvre é a Vitória de Samotrácia ou Vitória Alada, que representa a deusa. Entre outros, ela deu nome à cidade de Nice no sul da França, à famosa marca esportiva e a tantas Eunices, de quem se esperam boas vitórias,

juntando o nome da deusa com o prefixo *Eu*, que indica algo bom. Esse prefixo também está nos Eugênios, os bem nascidos.

Talvez as Ágatas, Sofias, Aglaes e Irenes não saibam, mas seus nomes são palavras gregas, que significam Boa, Sabedoria, Beleza e Paz. Seria uma incongruência uma Ágata ruim, uma Sofia ignorante ou uma Irene nervosa. Um nome muito comum é Filipe, que significa o que ama os cavalos. Outro é Jorge que significaria agricultor ou trabalhador da terra, derivando de *Geo* e *Ergo*.

Também são muito utilizados Hélio, Hércules, Aquiles, Alexandre. E entre os femininos Helena, Cibele, Cíntia, Ariadne, Cassandra, Gláucia e tantos outros.

Nomes romanos

Os romanos também têm seu Panteão, em boa parte trazido dos gregos, com nomes como Júpiter, Marte, Mércurio, Diana, Vênus. De Marte, deus da Guerra derivam Márcio e Marcial. E também o nome do terceiro mês, Março.

Outros meses são dedicados a deuses. Janeiro honra Janus que, na mitologia romana, é a divindade bifronte que mantém uma de suas faces sempre voltada para frente, o porvir, e a outra, para trás, em apreciação ao que já passou. É o deus da transformação e o mediador das preces humanas aos demais deuses. Apropriado para o primeiro mês do ano, ainda tão carregado do período que termina. Primavera no hemisfério Norte, Maio honra Maia, deusa da terra e de plantas em crescimento. Aparentemente, Junho, início do verão europeu, sempre foi um mês popular para casamentos. Os romanos homenageiam Juno, esposa de Júpiter, a rainha dos deuses e padroeira dos casamentos. Os meses de Julho e Agosto honram dois imperadores, Júlio César e César Augusto. O segundo mês do ano deve seu nome a uma festa de purificação chamada Februa, que se realizava nessa época. Sobram Abril e os meses de Setembro a Dezembro. O primeiro não tem uma etimologia aceita por todos. Quanto aos últimos, temos que considerar que o antigo

calendário romano se iniciava no mês de março, com o equinócio da primavera. Eles seriam os meses de sete a dez. Foi somente em 1582, que o papa Gregório ajustou o calendário, de modo que a maioria das nações ocidentais começou a celebrar o início do ano em 1º de janeiro. Essa nova forma ficou conhecida como calendário gregoriano.

Uma cultura como a romana, rica e poderosa, que durou séculos, tinha que contribuir com muitos nomes: Tito, Caio, Mário, Otávio, Valéria, Fabiana, Priscila, Patrícia.

Muitos deles com significado como Ângelo e Regina, o anjo e a rainha, Flávio e Bruno, o loiro e o moreno, Letícia, Beatriz e Amanda, a alegria, a feliz e a que vai ser amada.

Nomes orientais

Outra fonte inesgotável de nomes são as Sagradas Escrituras. Desde o início com Adão e Eva, passando pelos patriarcas, profetas e reis, e chegando aos Apóstolos de Cristo, muitos dos nomes que utilizamos estão na Bíblia.

Nomes como Abraão, Noé, Elias, Eliseu, Saul, David, Salomão e João, Tiago, André, Paulo estão em todas as culturas.

É interessante observar como se reproduzem em cada uma delas. João por exemplo pode ser Juan, Jean, John, Jan, Hanna. O nome Ivan também é João, em sua variante russa. Tomando um nome feminino podemos escolher Margareth (ou Margarete ou Margarida), de origem grega, onde “margarites” significa “pérola”. Este nome foi muito popular na Idade Média e continua a ser, em várias línguas, até hoje. As variantes italiana e espanhola são muito próximas à grega: Margherita e Margarita. Aquela deu nome a um sabor de pizza, passando pela Rainha da Casa de Saboia, esposa de Humberto I (que virou rua do bairro da Vila Mariana em São Paulo), muito nacionalista. A pizza tem as cores da bandeira da Itália: o branco (queijo), vermelho (tomate) e o verde (manjericão).

Voltando aos nomes temos Marguerite, Margaret, Margit (ou Grete), em francês, inglês e alemão, e tantos outros.

Curioso é o que aconteceu com o nome de dois apóstolos de Cristo, chamados Jacó, nome também de um patriarca. A forma latina de dizer São Jacó é *Sancte Iacob*. Por alguma razão, nas línguas ibéricas essa expressão se transformou em São Tiago, e o nome Jacó acabou virando Tiago em português e Santiago em espanhol. É outro nome com muitas variações: Jacques, James, Jakob. Tive um colega de escola de origem armênia, que se chamava Hagop. Demorei a descobrir que era outra variação do nosso Tiago.

Recentemente encontrei uma moça chamada Keren. Achei um nome diferente e lhe perguntei se sabia qual era a origem. Ela me disse que era uma das filhas de Jó. Fui procurar e descobri que são três moças muito louvadas na Bíblia. As filhas de Jó foram citadas como as "mulheres mais justas de toda a Terra". Elas se destacaram pela sua beleza e pureza, sendo consideradas as mais bonitas entre todas. São elas Jemima, Quezia e Keren, e seus nomes simbolizam a fé, a pureza e o triunfo da fé, respectivamente. Já conheci algumas Quezias; Jemima, nenhuma.

Muitos dos nomes orientais terminam por "el", como os três Arcanjos Miguel, Gabriel e Rafael. Esse sufixo faz referência a Deus. Miguel significa literalmente "Quem como Deus" e costuma ser traduzido também por sua função como Chefe do Exército Celestial em luta contra os inimigos. Rafael é a cura de Deus.

Em Gabriel costuma-se encontrar a tradução força de Deus. Jean Lauand tem uma explicação muito interessante sobre esse nome. Nas palavras semíticas são decisivas as três consoantes presentes, no caso GBR (ou JBR). Esse radical significa "o que leva as coisas ao seu lugar certo". O gesso e a tala que levam os ossos a cicatrizar de maneira correta são GBR, um guia que reconduz alguém ao lugar certo é GBR. Aqui aparece uma relação que surpreende muito à primeira vista. A ciência da Algebra, que é GBR com o artigo árabe "Al" é a ciência de levar a incógnita (x)

ao seu lugar certo, nas regras das equações! É surprendente que Gabriel e Álgebra tenham a mesma origem. Então o Arcanjo Gabriel é aquele que conduz e realiza os planos de Deus, para que as coisas todas vão aos seus devidos lugares. Desse mesmo radical fazem parte vários nomes árabes, como Jaber, Jabur, Geber, que acabam significando o mesmo.

Ainda terminados em "el" temos muitos nomes, como Daniel, Natanael, Ezequiel, Ariel e tantos outros.

Entre os nomes femininos muitos têm origem bíblica e recordam as heroínas e mulheres fortes do Povo de Israel e do Novo Testamento: Sara, Ruth, Ester, Débora, Damaris e tantos outros.

Nomes comuns e incomuns

São raros os nomes que surgem do nada, que não foram usados antes. O jogador Neymar deu à sua filha o nome de Mavie, que em francês seria "Minha Vida". Não conheço outra. Alguns multimilionários, talvez na ânsia de separar-se ainda mais do comum dos mortais, dão nomes esquisitos aos seus filhos. Mas não é a regra geral.

Comumente usa-se um nome já conhecido, de um santo, herói, guerreiro, de um parente.

Entre as mulheres, Maria tem um lugar especial, pela beleza, simplicidade e pelo que representa para o Cristianismo. Em suas várias versões, Miriam, Mary, Marie, com um segundo nome ou sozinho, é e será sempre muito presente. Também nas invocações relativas a Maria, como *Stella Maris* (Estrela do Mar), Regina, Auxiliadora. Assim também muitos outros como: Ana, Teresa, Clara, etc.

Entre os nomes masculinos José, João e os nomes bíblicos (Marcos, Tiago, Lucas, etc.) são sempre muito usados.

Em um país de tradição cristã e católica forte como o nosso, é natural que os santos populares tenham seus nomes muito utilizados. É o caso dos Franciscos, Antonios, Ritas, Inês e Cecilias.

É curioso pensar porque alguns nomes aparecem e outros não. No Brasil há muitos Washington, Lincoln, Wellington. Dá para entender, são heróis, famosos em seus países. Mas por que não há Einstein, Eisenhower ou Bolivar? E também há muitos Wilson e William, por exemplo. A quem se referem? Homenageiam alguém? Será que alguém já estudou isso?

Há muitos Wesley entre nós. Provavelmente deve-se a John Wesley, fundador da Igreja Metodista. Tendo muitos seguidores é de esperar que muitos sirvam-se desse nome para seus filhos.

Um amigo viajou para o Egito e ficou surpreso porque vários de seus guias chamavam-se Mohamed. Explicaram-lhe que uma porcentagem muito alta da população tem esse nome, ou sua variante Ahmed, que significa o mesmo, em homenagem ao Profeta, fundador do Islamismo, a que chamamos Maomé. Serve de confirmação, o mais famoso jogador egípcio, candidato a melhor da temporada, atuando no Liverpool da Inglaterra, chamar-se Mohamed Salah!

Há sem dúvida algo de cultural na escolha dos nomes. É muito raro encontrar um Jesus entre nós. Pode ser referência (Carlinhos de Jesus) ou sobrenome, mas nome é difícil. Já entre os de língua castelhana é um nome comum.

Um animal forte como o Leão tinha que gerar muitos nomes: Léo, Leôncio, Leonardo. No seu formato original acabou sendo o nome de muitos Papas, incluindo o atual.

Se há nomes procurados, outros são rejeitados entre nós. Um deles é de Judas, o apóstolo que traiu Cristo. Havia outro apóstolo com esse nome e, por sorte, tinha um segundo nome, que deu origem a muitos dos Tadeu que conhecemos. Na história, David é o herói e Golias o vilão. Há muitos David por aí, mas não

conheço nenhum Golias, a não ser o grande humorista, que tinha esse sobrenome.

Falando em nomes rejeitados, há uma cena formidável no clássico da literatura italiana "O pequeno mundo de Don Camillo". Don Camillo é o padre impetuoso de uma pequena cidade no vale do Pó, no norte da Itália. Ele é um homem grande, alto e forte, com punhos firmes. Está sempre às turras com Peppone, Giuseppe Bottazzi, o prefeito comunista da cidade, inspirado em Joseph Stalin. Os dois estão em desacordo sobre praticamente tudo, criando situações hilárias, exploradas com maestria por Guareschi. Em uma delas Peppone quer batizar seu filho recém-nascido. Don Camillo fica feliz de saber que o prefeito comunista pede um sacramento para seu filho, até saber o nome que querem dar à criança: Stalin. Recusa-se a fazer o batizado.

Também muito significativa foi a observação de outro amigo. Contou-me que desde criança, ao ver os álbuns de figurinhas, ficava intrigado com algo que só se dava na Seleção Brasileira de Futebol. Ele via as seleções estrangeiras e encontrava entre os ingleses: Edwards, Rhodes, Statham, Bailey, Peacock, McMichael, quando muito um Bob ou Jimmy, e assim também em todas as outras seleções, só sobrenomes. Aí vinha o Brasil com: Zito, Garrincha, Didi, Vavá e Pelé!! Que significa isso? Uma busca de intimidade, de afetividade? Diz muito sobre o povo, mas é preciso interpretar.

Nomes de época

O Mestre da Provocação, Nelson Rodrigues, é o autor de várias frases polêmicas, como "toda unanimidade é burra", ele fala da preocupante "ascensão dos idiotas", e criou o "complexo de vira-lata" que impedia os brasileiros de serem mais vitoriosos em alguns setores, como o futebol. Em algum lugar ele diz que o problema de sua época é já não haverem Odetes. Como ele tinha suas manias, talvez tivesse algo a ver com esse nome. Uma de suas

peças tem uma tia Odete, “Perdoa-me por te traíres”, de 1957. O certo é que já não há muitas Odetes, muitos tivemos uma tia Odete, como eu, mas é um nome mais raro hoje em dia.

Os nomes vão e vêm. Alguns surgem como Luan, Rian e Téo e outros desaparecem como os Asdrubal, Onofre, Filomena e tantos outros.

Nomes que indicam origem

Há nomes universais. E outros que revelam de alguma forma sua origem, ou a origem da família.

Por um lado temos os sufixos e prefixos. Muitos nomes da antiga Iugoslávia terminam em “ic”, como em Bacic, Modric; os armênios em “ian”, como em Kherlakian, ou Aznavourian que o grande cantor abreviou para Charles Aznavour; ou os “Mac” e “Mc” irlandeses e escoceses como o do Beatle Paul McCartney, que deve ter essa origem. Em muitas outras origens há algo parecido.

Na Espanha há um costume tradicional que pode ser percebido algumas vezes. Durante muito tempo, as famílias com profundas raízes católicas davam a seus filhos o nome do santo do dia em que nasciam ou de alguma data próxima. Muitos inclusive celebram a data do santo e não a do nascimento. Uma criança nascida próxima ao Natal seria Jesus, Salvador, Manuel (Deus conosco) ou outro com referência à festa. Por isso, entre as mulheres há por lá tantos nomes de festas de Nossa Senhora, como Anunciación, Amparo, Mercedes, Dolores, Concepción, Asunción.

Os nomes carregam também algo da posição social das pessoas. Os autores de novelas sabem muito bem disso e os nomes dos patrões e dos funcionários talvez não possam ser trocados sem causar surpresas. O mesmo se dá nas histórias de outras origens, mesmo que não sejamos capazes de identificar isso. Em Downtown

Abbey, talvez não se possa trocar o nome do lorde com o do mordomo.

Significados e curiosidades

Como sabemos, alguns nomes têm algum significado ou origem, e outros não.

Alguns falam por si, como Benigno, Aurora, Dalva. Também são muito comuns os nomes de flores: Rosa, Dália, Margarida, etc.

Entre os nomes árabes, muitos têm significado, desconhecido para os que não conhecem essa língua. Assim, o nome Salim significa íntegro. Como comentamos acima, seu radical é SLM, o mesmo de Salam ou Shalom, que quer dizer Paz. A Paz, especialmente naquelas regiões, está muito ligada à integridade da terra, do território, e essa é a raiz que une essas duas palavras, como em SaLoMão (Sulaiman).

O nome Haddad vem de um ofício, ferreiro, semelhante aos Ferreira e os Smith, na língua inglesa. Para citar somente alguns, Karim é o generoso, Bashar é o portador de boas notícias (tem a mesma origem de alvíssaras) e Leila é a noite.

Há um costume entre os árabes cristãos de, muitas vezes, dar ao filho um segundo nome, que é o do pai. Assim ao encontrar um Paulo Salim, sabemos que seu pai se chama Salim. E seu nome significaria Humilde (esse é o significado de Paulo, humilde ou pequeno) e Íntegro (Salim), se não na vida, ao menos no nome!

Entre os elementos geográficos, Gibraltar, enclave britânico em território espanhol, vem de Gib al Tarik, Monte Tarik, o chefe militar omíada que iniciou a conquista do que hoje é a Espanha.

O mesmo se dá na língua japonesa, que a maioria de nós não conhece (com a complexidade adicional de o mesmo som do

nome admitir várias grafias com ideogramas de distintos significados). Nomes como Akira, Kenji, Chie e Yuki, podem significar vivacidade (ou radiante, mente brilhante), saudável (ou vigoroso, confiável), sabedoria abençoada e felicidade (ou esperança).

Alguns nomes parecem ter começado sendo diminutivos de outros, até se tornarem eles próprios nomes. Será que Alex e Sandro são diminutivos de Alexandre ou Alessandro? Talvez. Entre os nomes russos Katia deve proceder de Ekaterina e o nosso Elis talvez venha de Elizabete.

Os nomes usados por todos os povos e todas as pessoas são incontáveis. Fizemos aqui um brevíssimo apanhado, um pequeno resumo do que se pode considerar.

O que há em um nome? Algo que nos identifica, para que possam nos chamar e saber que somos nós. E algumas vezes algo mais.

Frases (Junho 25)

Acabo de encontrar na mesma página de uma revista de circulação semanal, quatro frases que me chamaram a atenção.

A primeira é Maurício Macri, ex-presidente da Argentina, sobre conversa que teve com Donald Trump, em 2018, durante seu primeiro mandato na Casa Branca: "Ele (Trump) começou a olhar um mapa no meu gabinete e, ao ver o lado esquerdo, perguntou: 'O que é isso? Eu respondi: 'É o Chile'. E ele disse: 'Você deveria conquistar o Chile para ter dois oceanos.'"

Talvez fosse uma boa ideia para os americanos, colocar como exigência, que ninguém poderia ser eleito presidente, sem saber identificar o Chile em um mapa.

A segunda é de Friedich Merz, chanceler da Alemanha, condenando a postura agressiva do governo de Israel: "Prejudicar a população civil dessa forma, como tem acontecido cada vez mais nos últimos dias, não pode ser justificado como luta contra o terrorismo do Hamas"

Será que algum dia o mundo ficará livre dos Netanyahu e dos Putin?

A seguir vem uma de Antonela Rocuzzo, esposa de Messi, com quem tem três filhos, em raríssima entrevista: "É fundamental que eles saibam que não somos melhores do que ninguém"

Somente por uma frase não é possível conhecer uma pessoa. Mas essa é um belíssimo começo. Diante de tantos pais educando descuidadamente seus filhos, e incentivando-os a faltarem com a humildade e o respeito, Antonela parece ser tão craque como seu marido.

Por fim, Debora Bloch, a Odete Roitman da segunda versão de Vale Tudo: “Nas redes, tá cheio de especialistas, como diz Odete, sem preparo nenhum. Todo mundo virou crítico como se tivesse dizendo uma grande verdade, sem ter lido um livro”.

Nada a acrescentar.

“En caravana, los recuerdos pasan” - recordando velhos tangos

Guardo uma relação muito especial com o tango. Desde criança, nos anos 50, ouvia falar de Carlos Gardel. Meu pai e meus tios gostavam muito dessas melodias. Nessa altura estávamos ainda muito próximos da morte de Carlitos, ocorrida em 1935. Logo será o centenário de sua morte, e os fãs de Gardel costumam brincar dizendo que com o passar do tempo, ao voltar a ouvir suas canções, ele canta cada vez melhor!

Como em outros gêneros, suas letras podem ter os mais variados matizes. Há aquelas românticas e líricas como a de “El día que me quieras”, composição de Alfredo Le Pera:

El día que me quieras
La rosa que engalana
Se vestirá de fiesta
Con su mejor color
Y al viento las campanas
Dirán que ya eres mía
Y locas las fontanas
Nos contarán su amor

Falando de amor, não podem faltar os que falam de saudades e “añoranzas”. É o que encontramos em “Mi Buenos Aires querido”:

Mi Buenos Aires querido
Cuando yo te vuelva a ver
No habrá más pena ni olvido
Mi Buenos Aires, tierra florida

Donde mi vida terminaré
Bajo tu amparo no hay desengaño
Vuelan los años, se olvida el dolor
En caravana, los recuerdos pasan
Por una estela dulce de emoción
Quiero que sepas que al evocarte
Se van las penas del corazón.

E também em “Anclao en Paris”:

Tirao por la vida de errante bohemio
estoy, Buenos Aires, anclao en París
Cubierto de males, bandeado de apremio,
te evoco desde este lejano país.
Lejano Buenos Aires, qué lindo que has de estar!
Ya van para diez años que me viste zarpar
Aquí, en este Montmartre, rincón sentimental,
yo siento que el recuerdo me clava su puñal

Mas quando se fala de tango o que nos ocorre são as situações trágicas, desesperadas, os amores não correspondidos, as traições e mortes. E são abundantes. Uma das letras que me parecem das mais duras é a de uma melodia belíssima, “Yira, Yira”:

Cuando la suerte que es grela
Fallando y fallando, te largue para'o
Cuando estés bien en la vía
Sin rumbo, desespera'o
Cuando no tengas ni fe
Ni yerba de ayer secándose al sol
Cuando rajés los tamangos

Buscando ese mango que te haga morfar
La indiferencia del mundo
Que es sordo y es mudo, recién sentirás
Verás que todo es mentira
Verás que nada es amor
Que al mundo nada le importa
¡Yira, yira!
Aunque te quiebre la vida
Aunque te muerda un dolor
No esperes nunca una ayuda
Ni una mano, ni un favor
Cuando estén secas las pilas
De todos los timbres que vos apretás
Buscando un pecho fraterno para morir abraza'o
Cuando te dejen tira'o después de cinchar lo mismo que a mí
Cuando manyés que a tu lado
Se prueban la ropa que vas a dejar
Te acordarás de este otario
Que un día, cansado se puso a ladrar
Verás que todo es mentira
Verás que nada es amor
Que al mundo nada le importa
¡Yira, yira!
Aunque te quiebre la vida
Aunque te muerda un dolor
No esperes nunca una ayuda
Ni una mano, ni un favor

Uma possível tradução seria:

Quando a sorte que é falsa (1)
Falhando e falhando, te deixe sozinho

Quando você estiver bem na estrada
Sem rumo, desesperado
Quando não tenhas nem fé
Nem o mate de ontem secando ao sol
Quando você quebre os tamancos
Procurando por aquela alça que sirva de apoio
A indiferença do mundo Que é surdo e mudo, você vai sentir
Verá que tudo é mentira Verá que nada é amor
Que ao mundo nada importa
Gira! Gira!
Mesmo que a vida lhe quebre
Mesmo que uma dor lhe morda
Não espere nunca uma ajuda
Nem uma mão, nem um favor
Quando estiverem secas as baterias
De todas as campainhas que você apertar
Procurando um peito fraterno para morrer num abraço
Quando eles te deixem jogado
Depois de sacudir, assim como a mim
Quando percebas que ao seu lado
Já experimentam as roupas que você vai deixar
Você vai se lembrar deste otário
Que um dia, cansado, se pôs a bradar

A letra, de Enrique Santos Discépolo, é duríssima ao recomendar não confiar em ninguém, não esperar nada de ninguém! É também de Discépolo a letra de "Esta noche me emborracho", outro canto à desilusão e à tragédia:

Sola, fané, descangayada, la vi esta madrugada
Salir de un cabaret, flaca, dos cuartos de cogote

Y una percha en el escote bajo la nuez
Chueca, vestida de pebeta, teñida y coqueteando
Su desnudez, parecía un gallo despluma'o
Mostrando al compadrear el cuero picotea'o
Yo que sé cuando no aguanto más
Al verla así rajé, pa' no llorar
Y pensar que hace diez años fue mi locura
Que llegué hasta la traición por su hermosura
Que esto que hoy es un cascajo
Fue la dulce metedura donde yo perdí el honor
Que chifla'o por su belleza le quité el pan a la vieja
Me hice ruin y pechador
Que viví si un amigo, que viví de mala fe
Que me tuvo de rodillas
Sin moral, hecho un mendigo cuando se fue
Nunca pensé que la vería en un *resquiescat in pace*
Tan cruel como el de hoy
Mire si no es pa' suicidarse, que por este cachivache
Sea lo que soy
Fiera venganza la del tiempo
Que le hace ver deshecho lo que uno amó
Este encuentro me ha hecho tanto mal
Que si lo pienso más termino envenena'o
Esta noche me emborracho bien
Me mamo bien mama'o pa' no pensar

Uma possível tradução seria:

Sozinha, murcha (2), alquebrada, eu a vi esta madrugada,

Sair de um cabaré, Magra, dois quartos de pescoço
E um cabide no decote embaixo da noz
Torta (3), vestida de pebeta, pintada e coqueteando
Sua nudez parecia um galo depenado
Mostrando o couro picado
Eu que sei quando não aguento mais
Ao vê-la assim fugi, para não chorar
E pensar que há dez anos foi minha loucura
Que cheguei ao ponto de trair, por sua beleza
Isso que hoje é entulho
Foi o doce erro onde perdi a honra
Louco por sua beleza, tirei o pão da velha (4)
Me tornei mau e pecador
Que vivi sem nenhum amigo, que vivi de má-fé
Que me deixou de joelhos
Sem moral, como um mendigo quando se foi
Nunca pensei que a veria em um "*resquiescat in pace*"
ão cruel como o de hoje
Veja se não é para se suicidar, que por causa dessa porcaria
Seja o que hoje sou
Vingança feroz do tempo
Que lhe faz ver desfeito, o que tanto amou
Esse encontro me fez muito mal
Que se eu pensar mais nisso vou acabar envenenado
Esta noite eu fico muito bêbado
Vou mamar muito, para não pensar"

Aqui já aparecem na letra traços de uma "malandragem" ao falar, própria do tango, como nas expressões: chifla'o por su belleza le quité el pan a la vieja, Nunca pensé que la vería en un *resquiescat in pace*, Tan cruel como el de hoy. A tragédia também está presente, a que foi sua loucura há dez anos agora está acabada, é preciso embebedar-se para não chorar!

Ao falar em tragédia e solidão chama a atenção a letra de "La cumparsita". Essa canção, considerado o tango mais tocado no mundo, foi, na verdade, composta por um uruguaio, Gerardo Matos Rodriguez, e originalmente não tinha letra. Só alguns anos mais tarde, o argentino Pascual Contursi pôs a letra que ficou consagrada:

Los amigos ya no vienen
Ni siquiera a visitarme
Nadie quiere consolarme
En mi aflicción
Desde el día que te fuiste
Siento angustias en mi pecho
Decí, percanta, qué has hecho
De mi pobre corazón
Al cotorro abandonado
Ya ni el sol de la mañana
Asoma por la ventana
Como cuando estabas vos
Y aquel perrito compañero
Que por tu ausencia no comía
Al verme solo, el otro día
También me dejó

Uma possível tradução seria:

Os amigos já não vêm mais
Nem mesmo para me visitar

Ninguém quer me consolar na minha aflição
Desde o dia em que você partiu
Sinto angústia no peito
Diga, mulher, o que você fez
Do meu pobre coração
Para o casebre abandonado
Nem mesmo o sol da manhã
Se achega pela janela
Como quando você estava lá
E aquele cachorrinho companheiro
Que pela sua ausência já não comia
Me vendo sozinho outro dia, também me deixou!

Como relatos de tragédias, são muitas as letras que comparam os doces tempos de outrora com a realidade triste de hoje. Um dos mais bonitos é "Cuesta abajo", onde o cantor fala de carregar a "vergonha de ter sido e a dor de já não ser":

Si arrastré por este mundo
La vergüenza de haber sido y el dolor de ya no ser
Bajo el ala del sombrero, cuántas veces embozada
Una lágrima asomada yo no pude contener
Si crucé por los caminos
Como un paria que el destino se empeñó en deshacer
Si fui flojo, si fui ciego, solo quiero que comprendas
El valor que representa el coraje de querer

Uma possível tradução seria:

Se arrastei por este mundo
A vergonha de ter sido e a dor de não ser mais
Sob a aba do chapéu, quantas vezes esboçada
Apareceu uma lágrima que eu não pude conter
Se cruzei os caminhos
Como um pária que o destino insistiu em desfazer
Se fui fraco, se fui cego, só quero que você entenda
O valor que representa a coragem de amar”

Um dos tangos de Discépolo narra uma história de enganos, mas com uma novidade. Desta vez foi toda a família que se uniu para enganar o pobre amante. Já é tarde quando ele descobre que: “tu mama" noble viuda de un guerrero", ¡es la chorra de más fama que ha pisao la treinta y tres!”. E também que: “el ‘guerrero’ que murió lleno de honor, ni murió ni fue guerrero como m'engrupiste vos. ¡Está en cana prontuariado como agente 'e la camorra, profesor de cachiporra, malandrín y estafador!”. Só lhe resta a raiva: “¡Lo que más bronca me da, es haber sido tan gil!”

Chorra

Por ser bueno,
me pusiste a la miseria,
me dejaste en la palmera,
me afanaste hasta el color.
En seis meses
me comiste el mercadito,
la casiya de la feria,

la ganchera, el mostrador...
¡Chorra!...
Me robaste hasta el amor...
Ahura,
tanto me asusta una mina,
que si en la calle me afila
me pongo al lao del botón.
¡Lo que más bronca me da,
es haber sido tan gil!
Si hace un mes me desayuno
con lo qu' he sabido ayer,
no er'a mí que me cachaban
tus rebusques de mujer...
Hoy me entero que tu mama
“noble viuda de un guerrero”,
¡es la chorra de más fama
que ha pisao la treinta y tres!
Y he sabido que el “guerrero”
que murió lleno de honor,
ni murió ni fue guerrero
como m'engrupiste vos.
¡Está en cana prontuariado
como agente 'e la camorra,
profesor de cachiporra,
malandrín y estafador!
Entre todos
me pelaron con la cero,
tu silueta fue el anzuelo
donde yo me fui a ensartar.
Se tragaron
vos, “la viuda” y “el guerrero”
lo que me costó diez años
de paciencia y de yugar...

¡Chorros!
Vos, tu vieja y tu papá,
¡Guarda!
Cuidensé porque anda suelta,
si los cacha los da vuelta,
no les da tiempo a rajar.
¡Lo que más bronca me da,
es haber estao tan gil!

Uma possível tradução seria:

Ladra

Por ser bom,
Você me colocou na miséria,
Você me deixou na rua
Você me roubou até a cor.
Em seis meses
me levou o mercadinho,
a barraca da feira,
o pegador, o balcão...
Ladra!
Até o amor você roubou
Agora,
tanto me assusta uma menina,
que se me alcança na rua,
eu fico do lado do guarda.
O que mais me irrita
É ter sido tão estúpido
Há um mês que meu café
É o que comi ontem,
Não era a mim que você mirava
com seus esquemas de mulher...

Hoje descobri que sua mãe
“nobre viúva de um guerreiro”,
É a ladra mais famosa
Que pisou a Trinta e Três (5)
E fiquei sabendo que o “guerreiro”
Que morreu cheio de honra,
Nem morreu nem foi guerreiro
Como você me enganou.
Está preso, fichado
como agente da Camorra,
professor de cassetete, malandro e estafador.
Entre todos
me rasparam com a zero,
sua silhueta foi o anzol
onde fui para me espetar.
Você, “a viúva” e "o guerreiro"
levaram o que me custou dez anos de paciência e trabalho
Ladrões, você, sua velha e seu pai,
Guarda, tome cuidado porque ela está solta,
Se ela lhe pegar, ela lhes engana
Nem lhes dá tempo de escapar
O que mais me irrita
é ter sido tão estúpido.

Por fim, vamos considerar um dos tangos mais famosos de Gardel, em que ele junta duas paixões: a música e o turfe. Trata-se de “Por uma cabeza”, uma expressão das corridas de cavalo que indica que se ganhou ou perdeu por muito pouco, pela distância de só uma cabeça do animal. Entre outros, Gardel era muito amigo do jockey Irineu Leguisamo, a quem dedicou um tango que leva seu nome. “Por uma cabeza” é a música dançada por Al Pacino em uma cena muito famosa de “Perfume de Mulher”. A letra vai

jogando todo o tempo com a sorte e os azares do amor e das corridas, e por uma cabeça, ele ganha ou perde o valor apostado ou o amor de sua pretendida! Reflete bem os dilemas do jogador com os dois "pero": "Pero si un mirar me hiere al pasar, su boca de fuego otra vez quiero besar" e "Pero si algún pingo llega a ser fija el domingo, Yo me juego entero qué le voy a hacer".

Por una Cabeza

Por una cabeza, de un noble potrillo
Que justo en la raya, afloja al llegar
Y que al regresar, parece decir
No olvides, hermano
Vos sabes, no hay que jugar
Por una cabeza, metejón de un día
De aquella coqueta y risueña mujer
Que al jurar sonriendo el amor que está mintiendo
Quema en una hoguera
Todo mi querer
Por una cabeza, todas las locuras
Su boca que besa
Borra la tristeza
Calma la amargura
Por una cabeza
Si ella me olvida
Qué importa perderme
Mil veces la vida
¿Para qué vivir?
Cuántos desengaños, por una cabeza
Yo juré mil veces no vuelvo a insistir
Pero si un mirar me hiere al pasar

Su boca de fuego
Otra vez quiero besar
Basta de carreras, se acabo la timba
Un final reñido ya no vuelvo a ver
Pero si algún pingo llega a ser fija el domingo
Yo me juego entero
¿Qué le voy a hacer?
Por una cabeza, todas las locuras
Su boca que besa
Borra la tristeza
Calma la amargura
Por una cabeza
Si ella me olvida
Qué importa perderme
Mil veces la vida
¿Para qué vivir?

Uma possível tradução seria:

Por uma cabeça, de um potro nobre
Que quase na linha relaxa e não chega
E que ao retornar, parece me dizer
Não se esqueça, irmão
Você sabe, que não deve jogar outra vez
Por uma cabeça,
Confusão de um dia
Daquela mulher coqueta e sorridente
Que ao jurar sorrindo o amor que está mentindo
Queima em uma fogueira todo meu amor
Por uma cabeça,
todas as loucuras
Sua boca beijando

Apaga a tristeza
acalma a amargura
Por uma cabeça
Se ela me esquecer
O que me importa perder mil vezes a vida
Para que viver?
Quantas decepções,
Por uma cabeça
Eu jurei mil vezes que não vou insistir de novo
Mas se um olhar me fere ao passar
Sua boca de fogo
Eu quero beijar de novo
Chega de corridas,
acabou a farra
Eu nunca mais verei um final disputado
Mas se algum pangaré for indicado para o domingo
Eu me jogo inteiro
O que posso fazer?!

O tango com sua mistura de canção, lirismo, tragédia, sensualidade, está no imaginário popular de todo o mundo. Especialmente dos argentinos, mas também de todos. Dois exemplos recentes ilustram bem isso. Um é do Papa Francisco recém-falecido. Em um texto revela toda sua admiração por essa música:

> Na minha pátria, a Argentina, há uma dança que amo muito, uma na qual participei com frequência quando era jovem: o tango.
> O tango é um maravilhoso jogo livre entre homem e mulher, cheio de encanto e atração erótica. Os dançarinos se cortejam e

> experimentam a proximidade e a distância, a sensualidade, a atenção, a disciplina e a dignidade.
> Alegram-se no amor e compreendem o que pode significar entregar-se completamente a alguém. Talvez por causa da lembrança distante dessa dança eu tenha chamado minha grande exortação apostólica sobre o matrimônio de *Amoris Laetitia* – a alegria do amor.

Donald Trump também o citou por estes dias. Estava recebendo o Primeiro Ministro do Canadá na Casa Branca. Diante das afirmações absurdas de Trump sobre anexar o Canadá, o canadense afirmou fortemente que seu país não está venda. Só restou a Trump servir-se do que parece uma frase feita: "Para dançar um tango são necessários dois"!

A devoção a Gardel entre seus admiradores é contínua. Sua tumba no Cemitério de Chacarita em Buenos Aires é visitado intensamente. Há uma estátua do cantor e dizem que entre os dedos há sempre um cigarrinho aceso, que os fãs se encarregam de renovar.

Entre nós o tango está muito ligado às tragédias no amor e na vida. É o que está expresso no Poema "Pneumotórax" de Manuel Bandeira, dos tempos em que as doenças pulmonares podiam ser uma sentença de morte:

> Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.
> A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
> Tosse, tosse, tosse.
> Mandou chamar o médico:
> —Diga trinta e três.
> —Trinta e três… trinta e três… trinta e três…
> — Respire.

….....……

— O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.

—Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?

— Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Notas

(1) Grela em lunfardo, a linguagem do tango, é mulher pertencente a um rufião, amante.

(2) Em lunfardo, “fané” significa “marchito”, “demacrado”, “esmaecido” ou “sem vida”. É uma palavra que descreve algo ou alguém que está em declínio, desgastado ou desanimado. A palavra tem origem no francês “fané”, que também significa “marchito”.

(3) Em lunfardo, “chueca” é uma palavra com significados diversos, mas geralmente indica algo que é retorcido, torto, desonesto, ou de má qualidade. Pode referir-se a pessoas com má intenção, coisas mal feitas ou negócios ilícitos. Em outras palavras, “chueca” é usada para descrever algo que não está correto ou que é de baixa qualidade, seja fisicamente, moralmente ou em termos de honestidade.

(4) Não é uma velha qualquer, mas uma forma de se referir à mãe.

(5) Segundo um fórum de apreciadores de tango “La Treinta y tres” se refere à Delegacia de Polícia que ainda está no Bairro Belgrano, em Buenos Aires.

LIVROS

Um Mundo atrás de uma tirinha

Há muitos anos leio as tirinhas do Calvin no jornal. Para mim, todas são muito boas, mas algumas são ótimas, pelo texto, pelo desenho ou tudo. Quando encontro uma destas costumo recortar e guardar. Foi o que aconteceu neste domingo. Vou tentar pô-la abaixo e espero que vocês consigam ver.

Os personagens Calvin e Haroldo foram criados por Bill Watterson e publicados em milhares de jornais de 1985 a 1995. A partir desse ano, Watterson abandonou a criação e já não foram publicadas tiras inéditas. Os fãs consideram Calvin uma obra prima pela sua visão única do mundo, pela imaginação do protagonista e pelas situações insólitas que se estabelecem.

O título original é Calvin and Hobbes e a tradução por Haroldo feita no Brasil desagradou a muitos. Sendo João Calvino e Thomas Hobbes dois personagens históricos, sempre pensei que os nomes não eram casuais. Pesquisando um pouco descobri que tinha razão.

Segundo Watterson ele adotou o nome Calvin por ser um teólogo que acreditava na predestinação. Calvin também: as culpas nunca são suas, mas do destino que rege todos os acontecimentos.

> Muitas pessoas assumem que Calvin é baseado em um filho meu ou em memórias detalhadas da minha própria infância. Na verdade, eu não tenho filhos e era uma criança bastante quieta e obediente, quase o oposto de Calvin. Uma das razões pelas quais o personagem de Calvin

> é divertido de escrever é que muitas vezes não concordo com ele.
> Calvin é autobiográfico no sentido de pensar nos mesmos problemas que eu, mas, nesse sentido, Calvin reflete mais minha idade adulta do que minha infância. Muitas das lutas de Calvin são metáforas para mim. Suspeito que a maioria de nós envelheça sem crescer e que dentro de cada adulto (às vezes não muito longe) há um garoto malcriado que quer tudo do seu jeito. Uso Calvin como uma saída para minha imaturidade, como uma maneira de me manter curioso sobre o mundo natural, como uma maneira de ridicularizar minhas próprias obsessões e como uma maneira de comentar sobre a natureza humana. Eu não gostaria que Calvin estivesse em minha casa, mas no papel, ele me ajuda a me organizar e entender minha vida.

Hobbes é o tigre de pelúcia, grande amigo de Calvin, com quem ele conversa e brinca. Watterson explica:

> Nomeado em homenagem a um filósofo do século XVII com uma visão sombria da natureza humana, Hobbes tem a dignidade paciente e o bom senso da maioria dos animais que conheci. Hobbes foi muito inspirado por uma de nossas gatas, uma gata malhada, cinza chamada Sprite. Sprite não apenas forneceu as características faciais e corporais de Hobbes, mas também foi o modelo de sua personalidade. Ela era bem-humorada,

> inteligente, amigável e entusiasta, com um jeito de ser que poderíamos chamar de esgueirar-se e atacar. Sprite sugeriu a ideia de Hobbes recebendo Calvin em sua chegada em casa, na porta, no ar, em alta velocidade.
> Na maioria dos animais de desenho animado, o humor vem de seu comportamento humano. Hobbes fica de pé e fala, é claro, mas tento preservar seu lado felino, tanto em seu comportamento físico quanto em sua atitude. Sua reserva e tato parecem muito felinos para mim, juntamente com seu orgulho mal contido de não ser humano. Como Calvin, muitas vezes prefiro a companhia de animais do que a das pessoas, e Hobbes é minha ideia de um amigo ideal. O chamado "truque" da minha tira - as duas versões de Hobbes - às vezes é mal compreendido. Não penso em Hobbes como um boneco que milagrosamente ganha vida quando Calvin está por perto. Nem penso em Hobbes como o produto da imaginação de Calvin. Calvin vê Hobbes de uma maneira, e todo mundo vê Hobbes de outra maneira. Mostro duas versões da realidade, e cada uma faz todo sentido para o participante que a vê. Eu acho que é assim que a vida funciona. Nenhum de nós vê o mundo exatamente da mesma maneira, e eu apenas desenho isso literalmente na tira. Hobbes é mais sobre a natureza subjetiva da realidade do que sobre bonecos que ganham vida.

Os nomes dos pais de Calvin não são conhecidos.

> Eu nunca dei nome aos seus pais, porque, no que diz respeito à tira, eles são importantes apenas como pai e mãe de Calvin. Dizem que o pai de Calvin é meu auto-retrato. Todos os meus personagens são metade de mim, então é verdade, de certa forma, mas o pai de Calvin também é parcialmente uma sátira do meu próprio pai. Qualquer tira sobre como o sofrimento "constrói caráter" é geralmente uma transcrição literal das explicações de meu pai, sobre porque estávamos todos congelando, exaustos, com fome e perdidos em acampamentos. Essas coisas são muito mais engraçadas depois de vinte e cinco anos.
> A mãe de Calvin é a disciplinadora diária, um trabalho que sobrecarrega sua sanidade, então não acho que possamos vê-la da melhor forma possível. Lamento que a tira mostre principalmente seu lado impaciente, mas tento sugerir outros aspectos de sua personalidade e seus interesses pelo que ela está fazendo quando Calvin irrompe. Normalmente, só vemos os pais de Calvin quando estão interagindo com ele, então, como personagens secundários, tentei mantê-los realistas, com um senso de humor razoável sobre o que é ter um filho como Calvin. Eu acho que eles fazem um trabalho melhor do que eu faria.

A vizinha e colega de escola é Susie Derkins. Ela quer brincar mas ele não, está sempre tentando enganá-la. "Susie é sincera, séria e inteligente, o tipo de garota pela qual fui atraído no ensino médio e, com a qual acabei por me casar.

“Derkins” era o apelido do beagle da família da minha esposa. Suspeito que Calvin tenha uma leve queda por ela, que ele expressa tentando irritá-la, mas Susie está um pouco nervosa e desanimada com a estranheza de Calvin. Isso incentiva Calvin a ser ainda mais estranho, por isso é uma boa dinâmica. Nenhum deles entende o que está acontecendo, o que provavelmente é verdade para a maioria dos relacionamentos ...”

Na versão brasileira, a professora de Calvin, Miss Wormwood foi chamada de D. Hermengarda, e com frequência ele a imagina como um monstro extra-terrestre. “Como alguns leitores imaginaram, Miss Wormwood recebeu o nome do diabo aprendiz em *The Screwtape Letters*, de C.S. Lewis. Tenho muita simpatia pela senhorita Wormwood. Vemos dicas de que ela está esperando para se aposentar, que fuma muito e que toma muitos remédios. Eu acho que ela acredita seriamente no valor da educação, e escusado será dizer que deve se sentir um pouco frustrada”.

Calvin tem um colega rude e que gosta extorqui-lo e ameaçá-lo. “Moe é todo idiota que eu já conheci. Ele é grande, burro, feio e cruel. Lembro-me da escola cheia de idiotas como Moe. Eu acho que eles surgem do chão úmido do vestiário”.

Para poder sair de casa algumas vezes à noite, os pais de Calvin contratam uma babá. “Provavelmente a única pessoa que Calvin teme é sua babá. Eu a coloquei em uma tirinha de domingo cedo, sem pensar nela como uma personagem habitual, mas sua intimidação por Calvin me surpreendeu, então ela voltou algumas vezes desde então. Rosalyn assusta os pais de Calvin, ameaçando ir embora, e usando o desespero deles por sair de casa e ter um jantar tranquilo, para exigir adiantamentos e aumentos. O relacionamento de Rosalyn com Calvin é bastante unidimensional, então as histórias de babás ficam cada vez

mais difíceis de escrever, mas, para uma personagem que não era prevista, ela trabalhou muito bem”.

Tudo vale a pena

Estive na semana passada na Casa de Portugal, visitando uma Exposição de Porcelanas Portuguesas, trabalhadas com frases de Fernando Pessoa. Uma boa amiga nos convidou e fomos ver.

Voltei a me emocionar com a genialidade desse poeta. Tirei algumas fotos. Poderia ter fotografado tudo. Reproduzo a seguir as frases que fotografei.

A obra de Fernando Pessoa retrata muito o Mar e o Heroísmo Português:

> "Cantigas de portugueses, são como barcos no mar…,Vão de uma alma para outra, com riscos de naufragar"
>
> "Ó mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal?"

O paralelo com as canções de pescadores de Dorival Caymmi é notório: "Minha jangada vai sair pro mar, vou trabalhar, meu bem querer..."

> "Deus ao mar o perigo e o abismo deu, Mas nele é que espelhou o Céu"

E não poderia faltar a mais famosa de todas: "Tudo vale a pena, se a alma não é pequena".

Estava lá também o reflexo de sua alma inquieta de poeta:"Andorinha que vais alta, Porque não me vens trazer

Qualquer coisa que me falta, E que não te sei dizer". Sabe que lhe falta, mas não sabe o quê.

> "O poeta é um fingidor, finge tão completamente, Que chega a fingir que é dor, a dor que deveras sente"

Como todo poeta, precisa de seus momentos a sós, para aflorar a sensibilidade:

> "A liberdade é a possibilidade do isolamento. Se te é impossível viver só, nasceste escravo"

Sensibilidade refletida de forma magistral em outro pensamento:

> "Outras vezes oiço passar o vento, e acho que só para ouvir passar o vento vale a pena ter nascido"

Confesso que ao ler essa frase, que não conhecia, voltei a pensar: "não estarei deixando passar coisas importantes?". Tive o mesmo pensamento conversando um dia com um tio muito querido, em sua loja na Rua Fradique Coutinho. Ele me contava de um mercado que havia aberto ali, próximo à sua casa. Falou da cor das frutas, do cheiro das verduras, do sabor de tudo o que provou. E fiquei pensando como eu não percebia tudo aquilo.

Mais uma vez lembrei de Guimarães Rosa: "Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo" e de Adélia Prado: "De vez em quando Deus me tira a poesia. Olho pedra, vejo pedra mesmo".

Bela exposição, grande Fernando Pessoa!

Um escritor brilhante e pouco conhecido entre nós

Recebi de um amigo um comentário sobre o escritor inglês P. G. Wodehouse, publicado no site da BBC. Ele sabe que gosto muito desse autor, que me parece ser pouco conhecido entre nós, muito menos do que deveria. Fiz uma tradução do artigo. Apesar de um pouco longo, creio que vale a pena conhecê-lo. Há livros dele editados aqui e os que li achei ótimos. Boa leitura!

O site da BBC pediu a críticos para escreverem sobre trabalhos culturais que trazem alegria. Alguém escreveu:

Se estamos falando de como a cultura pode deixar as pessoas felizes, precisamos começar com os trabalhos de P. G. Wodehouse. Há duas razões para isso. Em primeiro lugar porque era essa sua intenção e depois porque ele era melhor nisso do que qualquer outro escritor da história.

Alguns autores querem expor as injustiças do mundo ou elevar-nos com seus insights psicológicos. Wodehouse, em suas palavras, preferia espalhar "doçura e luz". Basta olhar para esses títulos: *Nada de grave*, *Gás Hilariante*, *Alegria pela manhã*. Com piadas brilhantes, personagens bem-intencionados e inocentes, com brigas ridículas de cisnes raivosos e cãezinhos pequineses de estimação ou descrições de passeios pelos terrenos da imponente casa de um amigo, ele queria nos levar para longe de nossas preocupações. Ao escrever sobre ser um humorista em sua autobiografia *Acima dos Setenta*, Wodehouse citou dois personagens do Talmude que conquistaram seu lugar no Céu: "Somos Portadores de Alegria. Quando vemos uma pessoa desanimada, nós a animamos."

Minha apresentação a este supremo Portador de Alegria veio através de *Jeeves e Wooster*, a série de televisão adaptada de algumas de suas histórias mais queridas sobre um jovem aristocrata e seu imperturbável mordomo. Hugh

Laurie estrelou como Bertie Wooster, o solteirão endinheirado que parecia não se importar com nada, exceto comida, bebida e meias da moda, e que sempre vinha em auxílio dos numerosos colegas de escola mais velhos que eram ainda mais estúpidos do que ele. Stephen Fry co-estrelou como Jeeves, que tinha o cérebro que seu jovem mestre não possuía. Como um aluno desnutrido e sobrecarregado de trabalho, estressado por ensaios e exames, eu sempre ficava aliviado quando podia ir até a sala de TV da faculdade (sim, faz muito tempo), minha fuga semanal para o país maravilhoso da era do jazz, com apartamentos em estilo art deco e clubes de cavalheiros com painéis de madeira nas paredes, coquetéis restauradores e buffet de café da manhã servido em travessas de prata.

Um criador de frases perfeitas

Quase três décadas depois, atualmente estou assistindo os DVDs com minha filha, e Jeeves e Wooster ainda são praticamente impecáveis. Quando entrevistei Laurie em 2000, estava entusiasmado com a série, e ele disse qual era, na época, sua frase favorita de Wodehouse: "A quietude sonolenta da tarde foi abalada pelo que soou aos seus sentidos tensos como GK Chesterton (escritor e polemista inglês de tamanho avantajado) caindo em uma folha de estanho."

Há muitas outras frases que ele poderia ter citado. Que tal esta?: "Não é sempre que tia Dahlia deixa suas paixões raivosas crescerem, mas quando o faz, homens fortes escalam árvores e se escondem atrás delas."

Ou isto?

"Como tantos cidadãos honrados da América, ele se casou jovem e continuou se casando, passando de loira em loira, como a cabra dos Alpes pulando de rochedo em rochedo".

Poderíamos continuar listando frases todo o dia: há 96 livros de Wodehouse publicados em sua vida, e ele estava

redigindo outro quando morreu em 1975, aos 93 anos de idade. O que esses trechos provam é que, por mais que possamos valorizar personagens aristocráticos confusos e suas aventuras complicadas, o que realmente torna Wodehouse tão viciante é sua prosa: frases que parecem flutuar tão facilmente, na verdade surgiram porque, como disse, ele escreveu algumas até dez vezes.

Ler qualquer uma dessas frases é maravilhar-se com a rota, elaborada e elegante, que leva a um ponto de vista perfeito; deliciar-se com a forma como desliza entre Shakespeare e as gírias das corridas, entre o eufemismo e o exagero, entre o humor gentil e a inteligência ardente. “O que Wodehouse escreve é pura música de palavras”, disse Douglas Adams, autor do Guia do Mochileiro das Galáxias. “Não importa que ele escreva inumeras variações sobre o tema de sequestros de porco, mordomos grandiosos e imposturas ridículas. Ele é o maior músico da língua inglesa, e explorar variações de material familiar é o que os músicos fazem o dia todo.”

Ele certamente poderia ter escrito livros mais sombrios e mais profundos, se não tivesse sido tão naturalmente jovial: tinha bastante matéria-prima para isso. Pelham Grenville Wodehouse nasceu em 1881. Como diz seu biógrafo: “No total, Wodehouse viu seus pais por apenas seis meses entre as idades de três e quinze anos, o que é, de qualquer forma, uma privação emocional arrasadora”. Ele adorava seus dias de escola e estava ansioso pelos anos na Universidade quando o próximo golpe caiu: seu pai anunciou que, em vez disso, teria que ir direto para um emprego em um banco.

A decepção não o impediu de buscar seu sonho. Sempre soube que queria ser escritor e, por isso, vendeu contos a um ritmo sobre-humano até poder ganhar a vida com eles. Além dos livros, escreveu musicais para Broadway e roteiros de Hollywood, e teve um casamento longo e

harmonioso. Ele ganhou o dinheiro e sua esposa o gastou, um acordo adequado para ambos.

Mas enquanto suas vidas profissional e pessoal foram abençoadas, houve episódios que poderiam ter sido transformados em literatura sombria. Durante a Segunda Guerra Mundial, sua adorada enteada Leonora morreu inesperadamente, aos 40 anos, após uma pequena operação, e o próprio Wodehouse foi preso no norte da França, onde morava na época, e enviado para um campo de internação na Alemanha por quase um ano. Mesmo lá, ele continuou escrevendo e finalizou um romance em cativeiro, com o apropriado título *Money in the Bank*. Ele foi então transferido para um hotel em Berlim, onde foi convidado pela rádio alemã a transmitir uma série de histórias cômicas sobre sua internação. Ingenuamente, concordou, empenhado em assegurar aos fãs que tinha boa saúde e bom humor. O que ele não percebeu, é que estava sendo usado pelo governo nazista, que poderia afirmar estar tratando bem seu ilustre convidado. Na Grã-Bretanha, foi acusado de acordo com o inimigo, e sua reputação nunca se recuperou completamente. Mas não há vestígios de raiva ou amargura em seu trabalho.

Apesar de tudo o que estava acontecendo em sua vida, Wodehouse permaneceu dinâmico; e também nos manteve dinâmicos. “Quando fiquei clinicamente deprimido durante a maior parte do ano de 1999”, disse Jay McInerney, autor de *Bright Lights, Big City* em uma entrevista de 2016 “eu me voltava para Wodehouse, possivelmente o escritor mais engraçado do idioma inglês. Parecia ser mais eficaz para afastar meu desespero do que os antidepressivos que eu estava tomando.”

Talvez você consiga identificar alguns temas mais profundos nos livros dele, se você se esforçar o suficiente. Às vezes, consigo me convencer de que há algo subversivo na falta de interesse de Bertie pelos indicadores de status convencionais de carreira e casamento, e algo instrutivo em sua insistência em ajudar seus amigos apaixonados, por mais

ingratos que sejam. Posso até argumentar que Wodehouse foi revolucionário porque seus personagens não derrotaram vilões em brigas ou tiroteios, embora às vezes roubassem capacetes de policiais na noite da corrida de barcos. Talvez ele estivesse nos ensinando que não podemos todos ser protagonistas de grandes realizações, muito menos ser heróis de ação, mas que todos podemos ser gentis e generosos. Em outras palavras, podemos viver de acordo com o código dos Woosters (título de um seus dos livros). Mas admito que isso é exagero. Como Stephen Fry disse: "Você não analisa essa perfeição iluminada pelo sol: apenas desfruta de seu calor e esplendor".

Evelyn Waugh poderia ter concordado. "O mundo idílico de Mr. Wodehouse nunca pode envelhecer", disse ele em 1961. "Ele continuará a libertar as gerações futuras de um cativeiro que pode ser mais irritante do que o nosso". É difícil um cativeiro ficar mais irritante do que o que estamos enfrentando agora, mas Wodehouse ainda pode nos libertar dele.

Amigos, o melhor de todos, preconceitos e injustiças

Acabei de ler “Surpreendido pela Alegria”, de C. S. Lewis. É um livro excelente, mas não o recomendo para quem não leu ainda nenhum livro desse autor. Acho preferível ler antes “Os Quatro Amores” ou “Cartas do Diabo a seu Aprendiz”, ou outro.

Reproduzo aqui quatro passagens que achei ótimas: a descrição de seu cachorro, uma análise sobre os amigos, uma observação sobre seu grande amigo Tolkien com quebra de preconceitos e a descrição de um episódio de guerra com um erro crasso de julgamento.

O primeiro é a descrição de Tim em um momento de solidão:

> Os dias de semana continuavam a me proporcionar uma ração considerável de solidão. Eu tinha, é verdade, a companhia de Tim, que já deveria ter sido mencionado bem antes. Tim era nosso cachorro, um terrier irlandês. Mas a companhia de Tim não significava muita coisa. Há muito já firmáramos o acordo de que ele não me acompanharia nas caminhadas. Eu andava bem mais do que ele apreciava andar, pois suas formas já lembravam na época uma almofada, ou mesmo um barril, de quatro pernas. Além disso, eu ia a lugares onde se podiam encontrar outros cachorros; e embora Tim não fosse covarde (pois o vi lutar como um demônio no seu território), certamente odiava cachorros. Nos seus tempos de passeios, ele ficara famoso por sumir atrás de uma cerca viva assim que

> visse outro cachorro, ressurgindo cem metros depois. Sua mentalidade se formara durante nossos tempos de escola, e talvez ele tivesse aprendido a agir assim em relação a outros cachorros espelhando-se na minha própria atitude em relação a outros meninos. Portanto, eu e ele éramos menos dono e cachorro que dois hóspedes amistosos no mesmo hotel. Encontrávamo-nos constantemente, cumprimentávamo-nos e nos despedíamos com muita cordialidade, cada um seguindo o seu caminho. Acho que ele tinha um amigo da própria espécie, um setter de pelo avermelhado, morador da vizinhança; um cachorro de meia-idade, bastante honrado. Talvez uma boa influência; pois o pobre Tim, embora eu o amasse, era a criatura mais indisciplinada, mal dotada e de aparência mais dissoluta que jamais andou sobre quatro pernas. Ele nunca chegava a obedecer de fato; no máximo podia concordar com você ... às vezes.

Lewis pensou muito na Amizade e "Os Quatro Amores" tem um capítulo ótimo sobre isso. Aqui ele descreve os primeiros grandes amigos que fez em Oxford:

> Tenho a impressão de que esses dois são o modelo do Primeiro Amigo e do Segundo Amigo de qualquer pessoa. O Primeiro é o alter ego, o homem que primeiro lhe revela que você não está sozinho no mundo, por vir (muito além do que se podia esperar) a

> partilhar todos os seus deleites mais secretos. Nada há a superar para fazer dele um amigo; ele e você se unem como gotas de chuva numa vidraça.
> Mas o Segundo Amigo é o homem que discorda de você sobre tudo. Ele não é tanto o alter ego quanto o antiego. É claro que partilha dos seus interesses; senão de modo nenhum se tornaria seu amigo. Mas ele aborda todos esses interesses de um ângulo diferente. Leu todos os livros certos, mas deduziu a ideia errada de cada um deles. É como se falasse sua língua, mas com pronúncia equivocada. Como é que ele pode estar quase tão certo, e, no entanto, sempre e absolutamente errado? É encantador (e irritante) como uma mulher.

Ele foi grande amigo de Tolkien, o criador do "Senhor dos Anéis", que era católico, chamados às vezes depreciativamente de papistas:

> Quando comecei a lecionar na Faculdade de Inglês, fiz dois outros amigos, que mais tarde iriam me ajudar muito. Um deles era J. R. R. Tolkien. A amizade com ele assinalou a queda de dois velhos preconceitos. Logo que vim ao mundo aconselharam-me (implicitamente) a jamais confiar num papista, e na primeira vez que pus os pés na Faculdade de Inglês, (explicitamente) a jamais confiar num filologista. Tolkien era as duas coisas.

Ele esteve na Primeira Grande Guerra. As lembranças não são boas. Mas ao ler o trecho a seguir, de flagrante injustiça e erro de julgamento, não consegui segurar o riso:

> Não devo retratar o período de combates no exército como tempos dourados. Conheci ali tanto o Mundo quanto a grande deusa Bobagem. O impacto desta foi engraçado, e o encontrei bem antes de alcançar meu batalhão. O trem militar que partia de Rouen – aquele trem interminável, que viajava a menos de vinte quilômetros por hora e no qual não se viam dois vagões iguais – saía perto das dez horas da noite. Eu e mais três outros oficiais ficamos numa cabine. Não havia aquecimento; luz só das velas que nós mesmos levávamos; e para sanitários, as janelas. A viagem duraria cerca de quinze horas. O frio era enregelante. No túnel logo à saída de Rouen (toda a minha geração há de lembrá-lo) ouviu-se um súbito e violento rangido, e uma das nossas portas caiu lá fora na escuridão. Ficamos ali sentados, tiritando de frio, até a parada seguinte, quando o oficial no comando do trem chegou correndo, perguntando o que havíamos feito com a porta.
>
> – Caiu, senhor - dissemos.
> – Não falem bobagem - replicou ele. Ela não iria cair se vocês não fizessem alguma palhaçada! – como se nada fosse mais natural que quatro oficiais (munidos, é claro, de chaves de fenda) começarem uma viagem

noturna no meio do inverno removendo a porta
do próprio vagão.

Don Camilo e seu Pequeno Mundo

Ao final da II Grande Guerra havia na Itália duas grandes forças moldando a vida e o pensamento dos italianos: A Igreja Católica e o Partido Comunista. Apareceu um escritor, Giovanni Guareschi, que captou esse ambiente e o descreveu em várias histórias, que se tornaram posteriormente o livro e o filme "O Pequeno Mundo de Don Camillo". Os dois fizeram muito sucesso na Itália e no exterior.

Guareschi teve uma vida atribulada. Nasceu em Fontanelle (Parma), uma região da Bassa. Filho de uma professora e de um comerciante de bicicletas:

> Quando era rapaz, sentava-me muitas vezes na margem do grande rio (Rio Pó) e dizia: "quem sabe se, quando for grande, conseguirei passar para a outra margem!". … Agora, tenho quarenta e cinco anos e vou frequentemente, como outrora, sentar-me na margem do grande rio e, enquanto mastigo uma folha de erva, penso: "estou bem aqui, nesta margem".

Começou cedo a trabalhar como cartunista e repórter. Em 1942 foi preso por ter dito palavras ofensivas contra o fascismo e Mussolini. A 9 de setembro de 1943 foi feito prisioneiro pelos alemães e internado em diversos campos de concentração na Alemanha e na Polônia, até setembro de 1945. Descreve assim aquela experiência determinante:

> Encontrei-me enredado nesta guerra, no princípio, na qualidade de italiano aliado dos alemães e, no fim, na qualidade de italiano prisioneiro dos alemães. Os anglo-americanos,

> em 1943, bombardearam-me a casa e, em 1945, vieram libertar-me da prisão… Pelo que me diz respeito, esta é a história toda. Uma história banalíssima, em que tive o peso de uma casca de avelã num oceano tempestuoso, da qual saí sem fitas e sem medalhas, mas vitorioso porque, apesar de tudo e de todos, consegui passar através deste cataclismo sem odiar ninguém. Mais: consegui encontrar um amigo precioso: eu próprio.

Devido a questões políticas ligadas ao seu papel na imprensa acabou sendo preso. Passou mais de um ano na prisão de Parma e não quis recorrer – "Aceito a condenação como aceitaria um murro na cara", disse. Nunca se recuperou desta experiência devastadora. Em 1957 deixou direção de Il Candido, o periódico que dirigia e, em 1961, teve um primeiro enfarte; o segundo, em 1968, aos 60 anos, foi fatal.

A sua não foi uma vida de sucesso, apesar do enorme êxito internacional das suas obras. Pelo contrário, foi uma existência repleta de críticas maldosas e injustas, marginalização, depreciação das suas obras, reduzidas a historietas risíveis, e ele rebaixado a cartunista.

Os personagens de seus livros são três. Don Camillo é o padre impetuoso de uma pequena cidade no vale do Pó, no norte da Itália. Ele é um homem grande, alto e forte, com punhos firmes. O segundo é Peppone, Giuseppe Bottazzi, o prefeito comunista da cidade, inspirado em Joseph Stalin. Os dois estão em desacordo sobre praticamente tudo, criando situações hilárias, exploradas com maestria por Guareschi. Em uma delas Peppone quer batizar seu filho recém-nascido. Don Camillo fica feliz de saber que o prefeito comunista pede um sacramento para seu filho, até saber o nome que querem dar à criança: Stalin. Recusa-se a fazer o batizado.

O que Peppone e Camillo têm em comum é o interesse pelo bem-estar da cidade. Ambos parecem ter sido inspirados em combatentes guerrilheiros durante a Segunda Guerra Mundial; um episódio menciona Don Camillo tendo desafiado patrulhas alemãs para alcançar Peppone e seus companheiros comunistas nas montanhas e celebrar a missa em campo aberto. Enquanto Peppone faz discursos públicos sobre como "os reacionários" devem ser fuzilados, e Don Camillo prega fogo e enxofre contra "comunistas ímpios", eles, na verdade, se admiram de má vontade.

O terceiro personagem de destaque é o Crucifixo, com quem Don Camillo conversa com frequência. O Cristo no crucifixo tem uma compreensão muito maior do que Don Camillo dos problemas do povo, e precisa constantemente, de forma gentil, repreender o padre por sua impaciência e impetuosidade.

Reproduzo a partir de agora palavras de Luigino Bruni sobre esse tema. Guareschi nunca se deu ares de escritor. Não frequentava os ambientes literários que interessavam, não ganhou o Nobel (embora, em 1965, alguém o tenha tentado nomear): "Eu, no meu vocabulário, terei cerca de duzentas palavras… Por isso, não faço literatura ou outra coisa do gênero". No entanto, basta ler as suas histórias para perceber que se trata de um grande escritor. É assim porque apresenta (pelo menos) três características que se encontram apenas nos escritores muito bons.

A primeira é a capacidade de saber captar a alma profunda de um tempo e de um lugar. Revelou-nos a Bassa como Levi a Lucânia e Silone a Marsica. Mas, mais do que Silone e Levi, Guareschi está verdadeiramente por dentro dos seus relatos. Está por dentro de muitas palavras e gestos de Don Camillo, mas também de Peppone, da Senhora Cristina ou do Crucificado: "Pois bem, aqui é preciso explicar: se os padres se sentem ofendidos por causa de Don Camillo, são perfeitamente livres para me partir um círio na cabeça, se os comunistas se sentem ofendidos por causa de Peppone, são

perfeitamente livres para me partir uma tranca nas costas. Mas se alguém se sente ofendido por causa dos discursos de Cristo, não há nada a fazer. Porque quem fala nas minhas histórias não é Cristo, mas o meu Cristo: isto é, a voz da minha consciência. São minhas coisas pessoais, meus assuntos internos".

O segundo talento é o dom de não ficar presos na jaula de aço do seu próprio temperamento, das suas próprias ideologias, convicções e fés, das quais não se libertam os escritores médios e pequenos. Guareschi, até ao segundo antes de escrever as suas histórias e a partir do segundo depois de as ter escrito, não era capaz de pensar as palavras dos seus personagens. Sobretudo em algumas histórias, as palavras de Peppone, de Don Camillo e de Jesus são maiores, muito maiores do que as palavras de Guareschi.

E chegamos, assim, diretamente ao terceiro ponto, o que diz respeito à relação entre o escritor e as suas criaturas. Guareschi pertence aos poucos escritores que não são marionetes dos seus personagens: "Agora não é que me dê ares do criador: não estou a dizer que as criei. Eu dei-lhes uma voz. Quem os criou foi a Bassa. Eu encontrei-os, tomei-os debaixo do braço e os fiz andar para cima e para baixo pelo alfabeto". No princípio de Pequeno Mundo foi Giovanni a levar, de braço dado, os seus protagonistas; depois, foram Peppone e Don Camillo a levar, de braço dado, a Guareschi em histórias, emoções, palavras que Giovanni não sabia nem imaginava naquele remoto 1946, quando começou a escrever as histórias. Guareschi não teria batizado o filho de Peppone com o nome de 'Lenine'; Don Camillo, sim; Guareschi não teria corrigido o italiano do discurso de Peppone, Don Camillo, sim; Guareschi não se teria arrependido de ter escrito 'Peppone burro', Don Camillo, sim. Toda a grande obra é, para os seus leitores, catarse e metanóia; para o seu autor é, quase sempre, também ressurreição.

Entre as palavras que, provavelmente, Guareschi não queria escrever – e, no entanto, escreveu – está a mensagem

principal e talvez a mais bela do livro: Don Camillo e Peppone discutem sempre, até brigam, são diferentes em tudo, mas… nas inundações do grande rio vão juntos ao longo da margem para salvar a aldeia. Que é exatamente o que falta, hoje, à nossa política e sociedade. E também nos emocionamos quando lemos de Guareschi: "No fim de 1951, quando o grande rio galgou as margens e inundou os alegres campos da Bassa, de leitores estrangeiros me chegaram pacotes de cobertores e roupa 'para as gentes de Don Camillo e Peppone', então emocionei-me".

E assim termina Bruni seus comentários: "Por todas estas razões, decidi comentar Don Camillo de Guareschi. Mas a razão mais profunda é outra. Fui seduzido pelos diálogos entre Don Camillo e Jesus. Peppone aparece, quase sempre, com os seus camaradas e a sua família. Don Camillo está sozinho. O seu único companheiro é Cristo, com quem sabe falar, dialogar. Aquele mundo pequeníssimo tornava-se infinito naqueles encontros cara a cara, simplesmente maravilhosos. Seremos capazes de voltar a falar com Jesus?"

HUMOR

O humor de um líder

Disse há alguns dias que estou lendo uma biografia de Winston Churchill. Pensei em fazer um breve resumo de sua vida, com seus altos e baixos, que poderia ser bem interessante. Mas fica para outro dia, vou falar de outra coisa, do seu humor. Os tempos andam rasos, pesados, hospitalares (que pena!) e policiais e acho que estamos precisando, eu pelo menos, de olhar para o outro lado e encontrar ar puro, harmonia, respeito, alegria, humor leve e grandeza de espírito.

Ao falar de espírito me lembro de uma frase de um dos nossos grandes humoristas: "todos passamos por situações em que é necessária a presença de espírito, embora o ideal mesmo seria a ausência de corpo! ". Essa é verídica e as de Churchill que virão abaixo penso que também são. É fácil atribuir frases e situações a pessoas famosas. Li há muito tempo a seguinte história. Um jornalista viu uma freira atendendo um doente em situação bastante difícil e disse: "Irmã, eu não faria isso nem por um milhão de dólares", e ouviu a resposta: "eu também não! ". Na altura, Madre Teresa de Calcutá não era conhecida e anos depois ouvi a mesma história atribuída a ela. Poderia ser e todos sabemos o quanto ela foi heroica, mas no original não constava seu nome. Acompanho as crônicas de Luiz Fernando Veríssimo e admiro seu brilhantismo, embora discorde de suas opiniões algumas vezes. Já vi textos, atribuídos a ele, que não têm a mínima chance de serem seus. Na internet, também, nem tudo o que reluz é ouro. Uma última história antes de voltar a Churchill. Todos diziam que aquela senhora falava demais. Um dia alguém resumiu bem a situação: "não pode ser verdade tudo o que ela diz, não existe tanta verdade! ". Como dizem os italianos: "si non è vero, è ben trovato".

O que vem a seguir é transcrito de páginas do livro, dedicadas ao humor do nosso personagem. O autor cita

alguém: “o homem é o único animal que ri e chora, pois ele é o único que percebe a diferença entre o que as coisas são e o que deveriam ser” (e como percebemos!). E prossegue, dizendo que se isso for verdade, então o humor genuíno nasce de algo semelhante a uma grandeza de alma, uma amplitude interna tão abrangente que envolve tanto o comum como o ideal; tanto a feiura quanto a surpreendente beleza da vida; tanto o normal quanto o absurdo. Assim é a alma da grande liderança, palavras ainda suas, e assim era a alma de Churchill.

E aí vêm as histórias. Certa vez quando visitava a Casa Branca, estava saindo do banho quando o presidente Roosevelt entrou em seu quarto. Roosevelt ficou profundamente envergonhado, pediu desculpas e procurava sair logo do local. De modo astuto, Churchill aproveitou a oportunidade para uma causa maior. Estendendo a mão, disse solenemente: “o primeiro ministro da Grã-Bretanha não tem nada a esconder do presidente dos Estados Unidos”.

Certa vez um crítico usou contra ele a expressão inglesa (bem inglesa!): “a familiaridade produz desprezo”. Sua resposta foi: “eu gostaria de lembrá-lo que sem um grau de familiaridade não poderíamos produzir nada!”

Quando a peça Pigmalião (que foi adaptada para a Broadway e o cinema com o nome de My Fair Lady) estreou, seu autor, Bernard Shaw (não deviam ser muito amigos) telegrafou a Winston: “estou reservando dois ingressos para você para a première. Venha e traga um amigo, se você tiver algum”. Churchill, que não deixaria o comentário ficar sem resposta, telegrafou de volta: “não poderei ir à primeira apresentação. Verei a segunda, se houver”.

Podia ser também mais ácido. Certa vez chamou um colega de “um homem modesto, com todas as razões para ser modesto”. Uma conhecida, um dia perdeu a paciência com ele: “Winston, se eu fosse sua esposa, colocaria veneno em seu chá!”, e ouviu a resposta imediata: “Nancy, se eu fosse seu marido, beberia o chá”. Outra mulher disse não gostar de

suas políticas, nem do novo bigode que ele estava usando, e ele respondeu: “Senhora, não vejo nenhum motivo para que a senhora se aproxime de nenhum dos dois”. Sua definição para certo tipo de pessoas é ótima: “um fanático é aquele que não consegue mudar de opinião, e nem de assunto!”.

Mas não era do tipo que mantinha expressão séria e apreciava as ocasiões para rir. Seu humor é semelhante ao encontrado em grandes líderes. Nascia de um anseio por aceitação é certo, mas também tinha sua origem em um tipo de compaixão, em uma afeição genuína, em uma esperança de emocionar com o poder da verdade. É parte da sabedoria necessária aos líderes em tempos difíceis, e na guerra, suas frases passavam de boca em boca, aliviavam o peso dos desanimados, onde quer que os homens estivessem lutando contra seus agressores e planejando uma nova vida em liberdade.

Essas histórias me fizeram lembrar um diálogo banal, pronto, que tive certa vez com um bom amigo, que nunca mais encontrei. Na altura, era um psiquiatra em fase final de formação e nos encontrávamos bastante. Ele me viu e disse: “que alegria em vê-lo”. Eu quis fazer uma graça e lhe disse: “pena que não possa dizer o mesmo”. Ouvi: “faça como eu, minta!”. Se algum dia fizer uma lista de “coisas a encontrar novamente”, já tenho alguns itens: o meu amigo, o humor leve, a grandeza de espírito.

Humor inglês

Nestes tempos difíceis, com ditadores promovendo guerras insanas e criminosas, e nossos políticos exibindo uma demonstração exemplar de cuidado com seus próprios interesses e os de suas famílias, e descaso total com a população, acho que precisamos de um pouco de humor.

Gosto muito do que chamam humor inglês, constituído por uma fina ironia, um pedantismo no tom certo, uma forma de responder que não é direta, mas usa idas e vindas, para chegar ao mesmo resultado e se tornar divertida.

Em episódio recente de série, um grupo de políticos se reúne com um empresário e o acusam: "Ao que parece você esteve nos fazendo de tolos todo esse tempo!"

Seria muito forte concordar. Sua resposta é um sim, mas essa palavra não aparece: "Não tenho como não dizer que sua afirmação está próxima da verdade!"

Um mestre nessa arte foi Winston Churchill. Já tivemos ocasião de citá-lo outras vezes. Ao final da II Grande Guerra em 1945, ele tentou a reeleição ao cargo de Primeiro Ministro, mas perdeu para Clement Attlee. Sua opinião sobre seu oponente não era muito lisonjeira: "Ele é uma ovelha, em pele de cordeiro". "Um carro vazio para em frente a Downing Street, e Attlee sai dele". "É um homem modesto, com todas as razões para ser modesto!"

Outro exemplo vem da própria Rainha Elizabeth II, que hoje completa 96 anos. No final do ano passado queriam dar-lhe o prêmio de "Velhinha do Ano". Seu Secretário Particular gentilmente informou que ela declinava:

> A Rainha acha que não cumpre os requisitos necessários para aceitar tal honra e espera que encontrem alguém mais merecedor.

Humor nas canções

Passaram por aqui alguns dias. Levaram um pouco de tempo, a possibilidade de ver e abraçar os amigos e mais alguma coisa. Também trouxeram, entre tanta confusão, algumas alegrias. Uma delas foi a de acabar de ler a primeira parte das Aventuras do Sr. Pickwick, de Dickens. Tem o típico humor inglês, do qual gosto tanto, e de que poderemos falar depois. Me fez pensar nos tipos de humor e cheguei às letras das nossas canções. Saudades do tempo em as canções tinham letras. Ia dizer e também quando o País tinha governo, mas é melhor não polemizar e, para dizer a verdade, não sei se tinha governo. E não só aqui, em qualquer lugar do mundo para encontrar um verdadeiro líder, em qualquer época, seriam necessárias a lupa do Sherlock e a lanterna do Diógenes. Como diz o relato de um dos acordos que não conhecemos, um dos comparsas se choca: "mas, e o país? " e ouve a resposta: "o país? Ora, o país!! "

Mas as canções tinham letras e as letras tinham poesia e humor. Há quem pense que os versos mais inspirados do nosso cancioneiro são de Orestes Barbosa:

Mas a lua furando nosso zinco
Salpicava de estrelas nosso chão
Tu pisavas nos astros distraída
Sem saber que a alegria desta vida
É a cabrocha, o luar e o violão

Ele faz a companheira pisar nas estrelas, no barraco que tem o cantar alegre do viveiro, mas distraída.

Encontramos o humor nas irresponsáveis marchinhas de Carnaval. Lembro-me do gosto de reparar pela primeira vez nos dizeres do famoso cordão:

Vossa Excelência / Vossa Eminência
Quanta reverência nos cordões eleitorais!
Mas se o “Doutor” cai do galho e vai pro chão
A turma toda evolui de opinião
E o cordão dos puxa-saco cada vez aumenta mais

E a turma toda, que vinha “dando vivas aos seus maiorais, e onde quem está na frente é passado para trás”, não muda ou troca de opinião, nunca erra, eles evoluem, sempre para melhor!

Saudades dos tempos em que as canções tinham letras; as palavras, verdade, os dias tinham ruas e sol, as ruas tinham amigos e o sol calor, e tantas coisas mais. Acho que vão voltar, tomara que não demore.

FILMES

A Idade Dourada

Assisti ontem ao segundo episódio da série "A Idade Dourada" da HBO. Contém algumas falas que achei excelentes.

É um drama de época, do mesmo criador de "Downtown Abbey". Passa-se na Nova York do final do sec. XIX e se refere à chamada Era de Ouro do país, um período de imensa mudança econômica, quando grandes fortunas cresciam e desapareciam em um piscar de olhos.

Um dos temas é o embate entre as famílias tradicionais, muitas das quais têm os nomes, mas estão perdendo seu status econômico, e os novos ricos.

A tia da personagem principal. Agnes Van Rhijn, lidera uma das famílias do primeiro grupo. Os Russel se instalaram na casa em frente à sua, mas ela os ignora e não permite que ninguém de sua família se aproxime deles. Em uma cena o filho Oscar lhe diz:

> "Deveríamos conhecer a família Russel"
> "Não nos movemos nos mesmos círculos"
> "Mamãe, você é teimosa"
> "Vou tomar isso como um elogio"

Oscar está interessado na filha dos Russel, aparentemente mais pelo dinheiro que por amor e, em outro momento volta à carga:

> "Mamãe, eles são nossos vizinhos!"
> "Nova York tem muitas aldeias (*villages*) e a nossa não é a deles"
> "Você ignora os fatos!"
> "Não me preocupo com os fatos, quando vão contra minhas convicções!"

Uma fala excelente. Penso que explica muitas coisas inexplicáveis, no nosso mundo atual.

E aí vem outra pérola. A mãe, enfadada, diz que vai mudar de roupa para o jantar:

> "Vou me trocar"

Oscar comenta:

> "Você vai subir, descer, e continuará igual!"

Parabéns aos roteiristas e que venham outros episódios.

As Separações

O programa ao qual já me referi, “Filmes que marcaram época”, série francesa, apresentou o iraniano “A Separação”, de Ashgar Farhadi, ganhador de vários prêmios, entre eles o Oscar de melhor filme estrangeiro em 2012.

À primeira vista, a Separação é a do casal de classe média, Simin e Nader. Ela quer deixar o Irã para dar um futuro melhor à filha Termeh. Nader não quer deixar o país porque precisa cuidar do pai que tem Alzheimer. Simin precisa da separação para poder levar a filha. Eles se querem bem e o motivo da separação são as circunstâncias. Comentam que os divórcios são frequentes no país, em geral, pedidos pelas mulheres.

Mas o filme aborda também outras separações. Fahradi fala de uma Separação que não fica explícita, mas que estava em sua visão e é um tema forte. Para ele, em todos nós há uma diferença grande entre o que somos e o que sonhamos ser. E daí vem a ideia de que uma mudança, uma separação, nos levará a uma condição melhor. Parte da eterna inquietação humana.

Uma terceira Separação é escolher entre a vida no Irã ou no exterior. Decisão vivida pelo diretor. Pouco antes, ele estava filmando na Alemanha, ouviu uma música do seu país e foi atingido por uma vontade imensa de retornar, o que de fato fez. Em todo caso, no filme ele não toma partido nem nesse tema, nem em nenhum dos muitos outros que aparecem. O Irã, que para nós ocidentais é um pouco misterioso, é mostrado com uma população semelhante à de qualquer outro país, com divisões grandes na sociedade, mas com sua cultura própria e suas diferenças religiosas.

Entre as dificuldades para fazer o filme está uma lei que diz que “todo filme que não corresponda à norma islâmica será proibido”. O problema, como comenta um dos atores, é que ninguém sabe exatamente qual é essa norma

islâmica! Tudo pode ser proibido. Alguns exemplos. Homens e mulheres não podem se tocar, o que dificulta qualquer cena ao proibir até esbarrões. As mulheres não usam véus em casa, mas precisam usar no filme. O diretor encontrou formas sutis de driblar essa proibição, relaxando um pouco os véus quando estão em casa. Comentam que, com a censura imposta aos jornais, o cinema acaba sendo uma forma eficaz de crítica ao sistema, apesar de todas as dificuldades.

O Irã era governado na época por Ahmadinejad, que passava no exterior uma imagem bastante radical e ruim. Havia protestos internos, abafados, com grande rigor, violência e mortes. Outras separações não declaradas aparecem entre ricos e pobres, religiosos mais rígidos e os demais. Na trama do filme, Nader contrata uma mulher para cuidar de seu pai. Ao discutirem o valor a ser pago ela alega morar longe e gastar muito em condução. Teerã, como outras capitais, tem seus bairros ricos e pobres, suas periferias.

Essa funcionária está grávida e acaba perdendo seu bebê, segundo ela por ter sido empurrada por Nader, o que ele contesta. Um homem comum, com uma reação de raiva momentânea. Surgem muitas questões em torno disso, vão parar em um tribunal, e o diretor mostra como muitos envolvidos acabam mentindo, pela necessidade de proteger a si e aos seus.

O programa feito pela série francesa mostra bem o papel dos atores, e como mergulham no personagem, para bem representá-lo. A empregada mostrada no filme é bastante religiosa. A atriz que a representa não, mas o diretor lhe pediu que no set se comportasse como se fosse para entrar no papel. Com isso ela ficou um tempo sem se dirigir aos homens nesse ambiente. O filme mostra como gravaram uma cena forte, do filho dando banho no pai enfermo, e todos terminam muito impressionados, apesar de ser apenas uma cena. Um detalhe interessante e impossível de perceber no filme: um dos livros que preenchem a estante na casa da família é sobre cinema e escrito pelo pai da atriz que faz

Simin, a mãe. Ela tinha um toque de família e o diretor o gosto de ver o livro em cada uma das vezes que assiste ao filme. A filha do casal, Termeh, interpretada pela filha do diretor, Sarina, conviveu muito com o ator que faz Nader, seu pai para os objetivos do filme. Acaba contando a seu "pai", coisas que Sarina não havia contado a seu pai! Ela nunca havia participado antes de nenhum filme, e foi se identificando com a personagem. No final Termeh tem que fazer uma escolha, relativa aos pais. Sarina diz que fez a sua, mas não revelou qual foi. Ashgar comenta que não é só uma escolha entre a mãe ou o pai, mas entre dois modos de vida, em seu país ou fora dele.

Nenhum dos participantes esperava o sucesso que o filme teve. Contam a surpresa e alegria de serem aplaudidos, na cerimônia do Oscar, por seus ídolos. Fizeram o filme esperando algum sucesso em seu país. O ator que faz o juiz conta que se lembrou de uma frase de Vittorio de Sica: quanto mais nacional um filme, mais internacional! O diretor ficou feliz também por seu País: apesar do líder político excêntrico e agressivo, vê-se um povo com sensibilidade. Como o nosso! Um filme excelente!

Silêncios

Amigos, como, depois de longo silêncio, andei publicando alguns textos, me sinto na obrigação agora de informar que já não porei aqui nenhum texto que possa ser considerado político. Vou voltar ao meu silêncio. Na verdade, nunca tive intenção de discutir política e muito menos ação partidária. Acho que sou dessas pessoas com baixa resistência a injustiças. Revoltam-me muito e aí sinto a necessidade de intervir. Mas o ambiente anda muito polarizado e percebi que, continuar a escrever, ia inevitavelmente levar a discussão para o campo partidário, o que não me agrada. Meus amigos sabem que sempre evitei as discussões sobre futebol. Não levam a nada. Nunca vi ninguém mudar de opinião, só se aborrecer. Sempre pensei que é inútil perguntar a corintianos ou palmeirenses, e vice-versa, se foi pênalti ou não. Eles não precisam nem ver o lance, basta saber em qual área foi. E não gosto de argumentos do tipo, o juiz já roubou muito para vocês em campeonatos passados, deixe ele roubar para nós agora. Nas discussões políticas se dá o mesmo: já viram alguém mudar de opinião? Acabaria perdendo amigos e prefiro manter meus amigos a entrar em discussões inúteis. Tentei, enquanto foi possível tratar de ideias, e evitar qualquer ofensa a outros, mesmo aos que pensam de forma diferente. Se não consegui, peço desculpas. Recebo muitas informações com as quais não concordo. Observo o suficiente para ver do que se trata e sigo em frente em silêncio. Vou continuar assim, encontrando outro canal para as indignações.

Talvez ainda publique algum comentário sobre livros, filmes, música ou história. Fico feliz quando vejo algo bonito, me dá gosto compartilhar e muitos já me disseram que gostam de conhecer. Penso que estamos em época muito triste em certo sentido. (Por falar em tristeza recomendo vivamente um livro recém-lançado, de autor que acompanho e gosto: Daniel Martins de Barros, *O Lado Bom do Lado*

Ruim). Temos um país rico, bonito, promissor, e que nunca melhora, triste país roubado, destruído e diminuído. Que parece que sempre será o País do futuro. Ouvimos uma notícia e pensamos, agora vão fazer assim. E fazem o contrário. Acho muito triste. Confesso que há anos tento usar o recurso de pensar que moro em outro país, e que não é no meu país que tudo isso está acontecendo. Nem sempre funciona.

Por outro lado, sou um otimista e penso que se deve valorizar cada dia de vida. Levei um susto ao saber que é numa letra de John Lennon (*Beautiful Boy*) que está a frase: "Vida é o que acontece enquanto você está ocupado fazendo planos para outras coisas". Estes dias estamos vendo muito bem como a vida é frágil e deve ser aproveitada. Relembrei há uns dias o filme *Um Sonho de Liberdade*. Tem uma cena ótima (https://www.youtube.com/watch?v=K8a5iAGdwMc). Tinha assistido a esse filme há muitos anos e era praticamente a única de que me lembrava. Conversando com um bom amigo, ele disse que se lembrava de outra. Não sei se já estudaram isso, mas penso que as cenas de que nos lembramos devem dizer muito sobre cada um de nós. A cena é significativa para estes momentos: eles estão presos, Andy e seu amigo Red, e o diretor e o chefe de guarda são corruptos e violentos. Andy comete o crime de acessar uma sala e pôr no alto-falante, para todo o presídio, um trecho das *Bodas de Fígaro*, de Mozart. Todos param para ouvir aquela maravilha, muito distante do dia-a-dia brutal, e a voz do narrador, que é o seu amigo diz: "Até hoje não sei o que aquelas italianas estavam cantando, na verdade nem quero saber, algumas coisas é melhor que não sejam ditas; eu gosto de pensar que era uma coisa tão bonita que não podia ser expressa em palavras, e faz o seu coração doer por causa disso; mas eu sei que aquelas vozes voaram mais alto e mais longe do que alguém ali poderia sonhar, foi como se um lindo pássaro entrasse em nossas jaulas e dissolvesse todas aquelas paredes, e por um momento muito breve todos os presos se

sentiram livres". Em outra cena Andy diz a Red: "Esta é a beleza da música: ninguém pode tirá-la de você".

Resumindo, vamos seguir o conselho dado a Eliza Doolittle, em *My Fair Lady*, para que ela pareça uma nobre: falar só do tempo e da saúde das pessoas. De vez em quando de alguma coisinha mais, mas nunca de nada polêmico. E aproveitar cada dia, com tudo de belo que contém.

Cartas de Iwo Jima

> "A guerra é um lugar onde jovens que não se conhecem e não se odeiam se matam entre si, por decisão de velhos que se conhecem e se odeiam, mas não se matam..." Erich Hartman

Em 2006 Clint Eastwood dirigiu dois filmes sobre um episódio da Segunda Grande Guerra: *A Conquista da Honra* e *Cartas de Iwo Jima*. Os dois são excelentes, e foram premiados. Narram o mesmo fato, a tomada da ilha de Iwo Jima em 1945, um pela ótica dos americanos e o outro dos japoneses.

Essa pequena ilha, desabitada, sem água, nem terreno fértil, situada a 1200 Km ao sul de Tóquio, parecia estratégica naquele momento nas operações de guerra. Os americanos efetuaram a invasão com cerca de 100 mil soldados e os japoneses eram 21 mil. A batalha foi sangrenta. Os japoneses sabiam que não poderiam vencer e seu objetivo era retardar ao máximo a tomada da ilha e causar o maior número de baixas no adversário. Quase todos morreram. Do lado americano, houve também muitas mortes, menos que no inimigo, mas contando os feridos, foi a única batalha nessa região em que tiveram mais baixas que seu oponente.

Afinal, a conquista da ilha não serviu para quase nada. Mas foi usada como um dos argumentos para o lançamento das bombas de Nagasaki e Hiroshima alguns meses depois: como as batalhas eram duras e sangrentas, lançar as bombas ajudaria a acabar com a Guerra.

Assisti *A Conquista da Honra* pouco depois de ser lançado e já não lembro muito. Vou rever e talvez escreva algo. Conta, entre outros episódios, a história de uma das fotos mais icônicas do período, a colocação da bandeira americana na ilha. Foi tirada ao final, refazendo a cena para

fins de propaganda. O filme mostra o efeito negativo dessa montagem nos protagonistas.

Nestes dias vi *Cartas de Iwo Jima*, gostei muito e em algumas cenas me emocionei. O DVD ficou por uns 13 anos comigo sem que eu o visse. É curioso olhar agora para essa caixinha, que esteve quieta em meus armários por anos, e pensar que pode me tirar algumas lágrimas.

Um tema que fica evidente é a estupidez e o absurdo das guerras, Aqueles jovens que poderiam ser amigos, sentar e conversar estão morrendo e matando, sem saber porque. Às vezes não é fácil saber o que é real e o que foi romanceado, mas é certo que dois oficiais japoneses tinham estado nos Estados Unidos e apreciavam sua cultura. Aparecem pessoas honradas e canalhas dos dois lados. Esses dois oficiais estão entre os nobres.

Dizem que nas guerras a primeira vítima é a verdade. Infelizmente, é possível observar isso claramente nas batalhas que se travam hoje pelo poder político em nosso país. Em períodos de guerra, governos se servem de mentiras sobre os adversários para difamá-los, diminuí-los e, em casos extremos, poder matá-los em maior número e sem culpa. Todos os que estudam os grupos fanáticos ou de ódio sabem que uma das táticas para incentivar as teorias de supremacia, rancor ou racismo é dizer que existem *nós* e *eles*, que *nós* não somos iguais a *eles*, que são inferiores, e por isso podem ser dominados e, se for o caso, eliminados. Pessoalmente, vejo com grande admiração esses jovens, ou não tão jovens, que saem às ruas todos os dias, pacificamente, para pedir o fim do racismo e das discriminações. Se há uma diferença entre os seres humanos é a da sua qualidade moral, e a dos racistas é muito baixa.

Voltando ao filme, em dado momento os japoneses capturam um soldado jovem ferido. Querem matá-lo, mas o oficial impede e ordena que cuidem dele. No dia seguinte, percebem que não resistiu. O oficial encontra uma carta em seu bolso e lê em voz alta. Era da mãe do rapaz e contava

como as flores floresciam e as galinhas cresciam, no quintal de sua casa, em algum lugar tranquilo dos Estados Unidos, muito longe de Iwo Jima. Ao final dizia que sentia muito sua falta, e estava rezando para ele voltar com saúde para casa.

Os soldados japoneses ficam perplexos. Tinham lhes dito que os americanos eram covardes e sem sentimentos. O ator que fez o papel de oficial comentou: “Disseram para os americanos que os japoneses eram macacos amarelos, e disseram aos japoneses que os americanos eram diabos”, diz ele. “Aquela era a primeira vez que os japoneses encontravam o inimigo face a face. Entendem que compartilham os mesmos sentimentos, que os soldados americanos também têm mães que amam seus filhos.”

Penso que é um filme que merece ser visto pela sua história, qualidade técnica e pelos temas que suscita. Pode ser um argumento a mais a favor de respeitar sempre o outro, amar a verdade, favorecer tudo o que possa unir a sociedade e não jogar uns contra os outros por interesses particulares.

Um bom filme sobre Educação

Costumo trocar indicações de bons filmes com amigos. É o que me leva a recomendar "Escritores da Liberdade", título original "Freedom Writers", de 2007, dirigido por Richard LaGravenese, com Hilary Swank. Tem um comentário interessante em https://www.culturagenial.com/filme-escritores-da-liberdade/

O filme me surpreendeu positivamente. Tem um gênero conhecido, o professor que chega repleto de idealismo e entusiasmo para lecionar um uma nova turma e é esmagado pelas dificuldades, problemas e falta de interesse dos alunos. Há muitos filmes desse tipo desde o clássico "Ao Mestre com Carinho", com música consagrada, passando por "O Substituto", "Entre os Muros da Escola" e tantos outros.

Tem a vantagem de se basear na história real de Erin Gruwell, uma jovem professora idealista, que vai lecionar onde seu pai havia trabalhado na introdução do programa de inclusão de alunos carentes, em uma escola na periferia de Long Beach, na Califórnia.

O ambiente que encontra, totalmente inesperado, é de completa aversão a ela e de absoluta falta de interesse. Os alunos estão divididos em grupos de acordo com suas origens e etnias, e fora da escola todos pertencem a gangues que se enfrentam e se matam nas ruas.

O miolo do filme é a luta que trava para conquistar a confiança e abertura dos alunos. Nesse processo enfrenta todos. Seu pai entende seus ideais, mas quer poupá-la dos sofrimentos. Seu marido sente sua falta e acha um exagero tanta dedicação.

Outra luta é com os colegas professores que preferiam a antiga escola, sem os alunos problemáticos. Nesse sentido, o filme é um convite à reflexão sobre vários temas, alguns bem polêmicos.

Como as aulas normais não são suficientes para se aproximar dos alunos, e na verdade, ela nem consegue chegar perto do que se chama aula, ela tenta várias alternativas. Uma é fazê-los ler. Um dos livros que leem é “O Diário de Anne Frank”. Isso vai leva-los a também escrever diários, que vão ser a base do livro que dará ocasião ao filme.

Outra tentativa é a de levá-los a visitar juntos alguns lugares e passear. Essa possibilidade me tocou bastante porque há alguns anos, tenho desenvolvido com amigos a prática de levar crianças de Casas de Acolhimento a passear. Tanto neste caso como no filme, essa possibilidade é extremamente benéfica para todos.

Não falo mais para não produzir spoilers. Fica a indicação de um filme que merece ser assistido por todos, e especialmente por aqueles que se interessam pela educação e pelo relacionamento humano.

https://www.culturagenial.com/filme-escritores-da-liberdade/

A Família Soprano e uma personagem muito real

Em suas divergências com Platão, Aristóteles valorizava a arte em sua capacidade de imitar a natureza, o que ficou resumido na frase "a arte imita a vida". Lembrei-me disso ao assistir novamente ao último capítulo da primeira temporada da Série "A Família Soprano". Uma personagem me surpreendeu muito pelo realismo com que foi concebida.

Escrevi há tempos uma tese analisando os personagens de "Everybody loves Raymond", outra série de muito sucesso da TV americana, relacionando-os com os tipos temperamentais de David Keirsey.

Gostaria aqui de analisar a personagem de Lívia Soprano à luz do comentário que outra integrante da história, a Dra. Jennifer Melfi, faz dela. Parece-me uma figura muito bem-apanhada e representada, sobre a qual vale a pena debruçar-se um pouco.

The Sopranos

Esta série de TV foi vencedora de 21 prêmios Emmy e 5 Globos de Ouro. É considerada por muitos como a melhor série de televisão de todos os tempos e inovadora em muitos aspectos. Foi ao ar em seis temporadas, de 1999 a 2007, com 86 episódios.

James Gandolfini vive Tony Soprano, que tenta equilibrar os problemas de sua família desajustada com outra "família" bem diferente, a máfia de Nova Jérsei. Ele recorre a uma terapeuta, a Dra. Jennifer Melfi, vivida por Lorraine Bracco, para lidar com seus problemas profissionais e pessoais, que lhe causam ataques de pânico. O "chefão" da organização criminosa lida com batalhas pelo poder, relacionamentos amorosos, violência, a constante ameaça de ser exposto e traído, e com todas as pessoas que estão sendo alvo de suas atividades.

Entre os personagens principais estão seus colegas de máfia, Paulie, Silvio, Pussy, Chris, seu tio Junior Soprano, sua esposa Carmela e filhos, e sua mãe.

Como curiosidades sobre a Série, James Gandolfini tinha problemas com álcool e drogas e os produtores tinham medo de que ele não pudesse completar as filmagens. Conseguiu terminar, mas faleceu em 2013 aos 51 anos. Outro ator, Tony Sirico, que faz Paulie Walnuts, já tinha sido preso 28 vezes por roubo, assalto à mão armada, posse ilegal de armas e outras acusações. Pôs uma condição para seu personagem: não poderia ser um delator ou traidor.

Olivia Soprano, a mãe

Chamada por todos de Lívia, a mãe começa a história morando sozinha. É vivida por Nancy Marchand, que faleceu no final da segunda temporada, em junho de 2000. Já estava doente e sua personagem deveria sair antes da história. Ela pediu que a mantivessem por mais tempo e foi atendida. Como Lívia só falece no início da terceira temporada, tiveram que usar cenas antigas e truques nas representações.

Sua presença é sempre triste. Ela raramente ri e parece que quando o faz é só por uma gentileza extrema ou quando vislumbra que algo vai acontecer a seu favor. O produtor da série, David Chase, disse que a personagem foi inspirada em sua mãe, o que não é muito elogioso para esta.

Para descrever a personagem e os eventos da série vamos reproduzir alguns diálogos. Estes são muito bons e merecem ser conhecidos. Os personagens, em geral, são ricos e apresentam vários ângulos. Vamos nos limitar aqui ao que interessa ao tema deste texto, e reduzir os diálogos para facilitar a leitura, tentando não comprometer o conteúdo.

Na primeira cena em que aparece, no primeiro episódio, Tony vai visitá-la para levar um tocador de CDs, para que ouça as músicas italianas de que gosta. Sua resposta é breve: “Não quero!”. E completa: “Filhas cuidam melhor das mães do que filhos!”.

Em outra cena o filho leva-lhe flores, que também são mal recebidas: “Ainda não morri, para azar de uns e de outros!”

Essa é sempre a sequência de suas aparições, as pessoas tentando agradá-la e ela se recusando. Está sempre mal-humorada, se faz de vítima, enxerga segundas intenções em tudo.

Um comentário constante é lembrar-se de seu marido e referir-se a ele como um santo, que a tratava bem. Como é lógico, isso não corresponde à realidade, seu marido a tratava mal e ela tinha mágoas dele, mas se trata de fórmula usada para mostrar como agora é desprezada. Quando a Dra. Melfi pergunta sobre seu pai, Tony esclarece: “Depois que meu pai morreu tornou-se santo. Antes não era nada!”.

No filme prelúdio da série, “Os Muitos Santos de Newark”, lançado em 2021, há relativamente poucas cenas com Lívia. Está com cara de aborrecimento quando seu marido Johnny discursa na Crisma da filha; chora quando Johnny a repreende em público na recepção que preparou para sua saída da prisão; leva um tiro do marido pouco acima da cabeça ao falar demais no carro e pouco mais. Um dia acompanha Tony à escola, para este falar com a orientadora pedagógica, apanhado roubando uma prova. Ao falar com Lívia a orientadora comenta que aplicaram ao menino o teste Myers-Briggs, precursor do teste de Keirsey, e ele teve bons resultados. Antes, ao falar com Tony, lhe pergunta: “o que deixa sua mãe feliz?”. A resposta é significativa: “Feliz? minha mãe?!”

Seus comentários sobre as pessoas são sempre ferinos e mordazes, atacando a todos. Quando Tony lhe pergunta se seu tio Junior a visita ela diz: “Você acha que ele visita a cunhada?”

Aproveita todas as chances para soltar veneno. Quando seu cunhado vem buscá-la para uma reunião familiar diz: “Obrigada por vir me buscar. Alguém se importa comigo!”.

Há uma cena muito significativa de seu modo de agir. Um dia Tony precisa que ela saia da residência onde mora, para guardar lá objetos que não podem ser descobertos em uma batida policial. Combina com Carmela para convidá-la para almoçar. Esta chega e a convida:

> "Levante-se, vamos almoçar"
> "Que houve? É Meadow (a neta), ela não está comendo?"
> "Não há nada errado!"
> "Você vem sem avisar, eu não deveria achar estranho?"
> "Está um dia bonito, vamos sair"
> "Eu não quero sair. É Anthony, ele foi indiciado? O pai dele aguentou a prisão, mas ele não aguentará!"
> "Eu não acredito".
> "Ele a traiu de novo!"

Afinal acabam saindo. Todas as hipóteses aventadas por Lívia para a visita inesperada da nora são negativas. Esse é o seu mundo.

Um lugar para morar

Tony gosta da mãe, quer seu bem e tenta dar-lhe o melhor. Fica furioso se alguém a critica ou fala mal. Por sua idade e condições, ela já não pode morar sozinha. Um dia está falando com o filho pelo telefone e tem algo no fogão. Ela se distrai e começa um pequeno incêndio.

Carmela, a cunhada vai visitá-la e lhe diz que gostariam muito de que morasse com eles. Sua resposta é na linha de sempre: "Eu sei quando não sou bem-vinda". E mais uma vez se refere ao marido:

> “E deixar esta casa que dividi com meu marido!”
> “A mudança pode ser boa”
> “Ele era um santo!”

Sem que vá morar com eles e sem poder ficar só, Tony e Carmela não têm alternativas e tentam pôr uma acompanhante para cuidar dela. Na primeira chance ela diz ao filho:

> “Ela está roubando!”
> “Quem?”
> “Essa aí!”

A típica resposta de quem está com raiva.
E prossegue: “Sumiu um prato de metal!”
Tony que a conhece, retruca:

> “Sumiu ou você deu de presente para alguém?”
> “Atrevida”

As dificuldades vão se sucedendo até que se chega a uma situação insuportável. Ela sai de carro com uma amiga e ao deixá-la em casa, avança em lugar de recuar e atropela a amiga, que precisa ser hospitalizada. Diante disso, aceita ir para Green Grove, uma residência de alto padrão que insiste em chamar de asilo. A residência existe na realidade e recebeu as filmagens.

A série aproveita para fazer uma piada. Referindo-se ao local, a terapeuta diz que é muito bom e luxuoso e que parece um hotel de Cap D’Antibes, a região bonita e exclusiva no sul da França. Tony sorri. Mais adiante, referindo-se à residência diz que soube que foi feita por um tal Captain Tibes.

O filho fica perturbado por tirar a mãe de casa e sua terapeuta tem de animá-lo: “Você fez o melhor por ela”.

Intrigas sérias: com o cunhado Junior

Assim vai sendo apresentada Lívia Soprano. Mal-humorada, negativa, manipuladora e egocêntrica. Entre as personagens femininas ela é quase uma exceção e destoa das outras. As esposas dos membros das famílias mafiosas parecem resignadas em sua condição de donas de casa, que não se queixam, não reclamam dos negócios nem das amantes dos maridos. Só falam disso entre elas.

Algumas das atitudes de Lívia lembram as caricaturas que se fazem das mães judias, italianas e outras. Na linha de rir de si mesmos, foram-se criando muitas piadas relativas a essas mães, para brincar com a forma como tratam os filhos.

Quanto à mãe judia, além de tiete e controladora, ela tem a fama de imputar ao filho uma culpa incurável: a culpa de fazê-la sofrer. Muitos dizem que a mãe italiana também é assim, mas uma anedota, entre as milhares que tratam do tema, esclarece a questão. Sabe qual a diferença entre a mãe italiana e a mãe judia? A mãe italiana diz: “Come, senão eu te mato.” Já a judia ameaça: “Come, senão você me mata” ou, numa variação, “Come, senão eu me mato”.

As piadas em geral são baseadas no que de fato ocorre. A mãe dá de presente ao filho duas gravatas, uma verde e outra azul. Para alegrá-la, o filho vai a um almoço de família com a azul. Ao se encontrarem, ele recebe a reprimenda: “Você detestou a verde!” É impossível agradá-la e escapar da culpa. Se você ligar para sua mãe judia perguntando “como vai?” e ela disser “tudo ótimo”, pode fazer como o filho da piada e responder: “Desculpe, foi engano.”

Lívia é assim, ela nunca está bem e não se consegue agradá-la. Mas ela vai dar uns passos além.

Um dos temas sobre os quais a história se desenvolve é a depressão de Tony, seus ataques de pânico e suas

conversas com a psicanalista, Dra. Melfi. Logo nas primeiras cenas ele já aparece no consultório. Algo inusitado para um chefe mafioso. É humilhante para esse padrinho ter de recorrer a esse tratamento médico e ele faz de tudo para escondê-lo de todos. Se seus subordinados souberem será um sinal de fraqueza e um risco para seu comando e sua vida.

Quando Lívia vai para a residência Green Grove, Junior Soprano passa a visitá-la com frequência e conversam bastante. Em uma dessas ocasiões, no episódio 8 da primeira temporada, Junior diz:

> "Temos um delator, pobre Tony, é muita pressão sobre ele"
> "Aposto que ele disse à psiquiatra que a culpa é da mãe"
> "Que é isso de psiquiatra?"
> "Há algum tempo ele vai à psiquiatra. Só Deus sabe o que ele conta para ela!"
> "Tony?"
> "Sim, Tony, aquele com uma mãe terrível!"

Lívia revela algo e ao mesmo tempo já deixa no ar uma dúvida, insinuando que seu filho fala mais do que deveria, contando à psiquiatra detalhes da sua organização.

> "E que você lhe disse?"
> "Nada, não quero que tenha o gostinho. E Junior, não quero que haja nenhum comentário a esse respeito".

E aqui se mostra outra de suas características. Depois de lançar o veneno ela se recolhe como se estivesse incomodada com o rumo da conversa. Mas foi ela que a conduziu a esse ponto. Isso vai se repetir nos outros diálogos comprometedores que terá.

Carmela desmascara Lívia

Em uma cena bem relevante, no episódio 11, Carmela vai visitar Lívia, depois que esta não compareceu a uma festa de família.

> "Trouxe uma torta"
> "Não posso comer pelo colesterol"

Carmela solta a voz e lhe diz que sabe muito bem o que ela está fazendo, usando seu poder de mãe para afetar profundamente Tony. Lembra-lhe que este a ama muito, vive para ela que é tudo para ele, fica muito chateado com seu sofrimento e que isso o está matando.

Lívia reage e diz que não é assim. Carmela diz que também é mãe e que Lívia sabe muito bem o que está fazendo. Lívia chora:

> "Espere até ser abandonada! Quando meu Johnny era vivo, ninguém me tratava assim. Ele era um santo"
> "Nunca ouvi você dizer isso quando ele era vivo!"

Outro diálogo com o cunhado

Em outra ocasião Lívia volta a ser indiscreta e a semear gratuitamente discórdia entre seu filho e seu cunhado. Em uma cena do episódio 11 ela está chorando quando Junior bate à porta:

> "A garota disse que você ligou?"
> "Ele vendeu a casa! O lar que meu marido e eu construímos. Devia ser mais complicado fazer as reuniões em minha casa do que neste asilo"
> "Do que você está falando?"

> “Raymond, Larry e o outro de Manhattan. Com seus sapatos altos e seus ternos brilhantes”
> “Ternos? Ele veio aqui mais de uma vez? Por que eu não soube disso?”
> “Devem estar falando de você! Quem vai saber?”

Há uma pausa. Lívia já soltou a primeira parte do veneno, que está fazendo efeito. Então passa à parte de dizer que não gosta desse tipo de conversa: a que ela preparou e executou.

> “Bem, eu não gosto de me envolver nessas coisas! Eu devia saber que havia algo estranho quando a mãe de Larry se mudou para cá de repente...e depois a de Jimmy”
> “Três dos meus capos têm mães aqui?”
> “Em vez de morarem em casas normais com seus filhos, como seres humanos”
> “Deve ser uma conspiração. Acham que eu sou idiota. Veremos!”. Junior diz isso e se levanta. Lívia reage:
> “Espere! Eu não gosto desse tipo de conversa. Pare! Isso me deixa chateada. Senão eu não conto mais nada!”.
> “Se isso é verdade, Lívia, você sabe o que devo fazer. Eu sou o chefe! Tenho que agir, derramando sangue ou não...Eu preciso!” E se levanta.
> “Oh Deus! o que eu falei agora” diz Lívia e chora. “Acho que eu devia manter a boca fechada, como uma muda”.

Nancy Marchand, que faz o papel de Lívia trabalha muito bem, modulando a voz de acordo com o que diz. Nota-se a força quando tem vontade de falar mal do filho e depois o choro e fraqueza, quando aparentemente se arrepende, ao perceber as consequências do que disse.

Junior, afetado pelas insinuações gratuitas de Lívia, sai decidido a eliminar o sobrinho, que julga estar conspirando contra ele.

O incêndio no restaurante

Tony é leal com seus amigos. Um desses, amigo de infância de quem ele gosta muito, é Artie Bucco. Um grande chef, herdou o restaurante do pai, o Vesúvio. Um dia Tony fica sabendo que Junior pretende matar um desafeto enquanto este almoça no restaurante de Artie. Tem pena do amigo, que vai perder a clientela e resolve ajudá-lo. Primeiro tenta convencer Junior a mudar de ideia, mas não consegue. Depois oferece passagens a Artie e a esposa para uma viagem internacional, e assim fechar por umas semanas o restaurante, mas também não dá certo. Apela então para a última solução que lhe ocorre: por fogo no restaurante, com a certeza de que Artie receberá o seguro e ajudá-lo a reabrir. Ele faz isso sem informar nada ao amigo que se oporia. É o que acontece, Artie sofre um pouco, mas reabre e está indo bem.

Um dia, ele vai visitar Lívia no hospital.

> "Sra. Soprano, como está? lembra-se de mim, Artie Bucco"
> "Claro, como vai Arthur?"
> "Estou melhor que nunca. Belo quarto. Ensolarado!"
> "Como está sua mãe, você liga sempre para ela?"
> "Minha mãe morreu há seis meses"
> "Sério? Como vai o Vesúvio?"

> “Tenho um novo.”
> “Bom menino, você veio me visitar”

E aí começa a chorar. Artie reage.

> “Sra. Soprano, nos conhecemos há tanto tempo. A senhora fazia uns sanduíches deliciosos para mim!”
> “Depois do que meu filho fez com você, como vou poder encará-lo?”
> “Tony? O que ele fez agora?”
> “Você não o culpa pelo incêndio? Você é bondoso!”

Artie fica perplexo e indignado.

Lívia completa: “Temos que ser gratos por ninguém ter morrido”.

A atitude de Artie muda com relação a Tony e em uma cena seguinte ele chega a ir armado e furioso para matar o velho amigo. A muito custo Tony consegue convencer Artie de que essa conversa é resultado da condição senil da mãe. Depois de Tony jurar que não teve nada a ver com o incêndio, Artie acredita, mas fica despedaçado. “Eu amo muito meu restaurante! Essa conversa estragou tudo!”

Esse é o método de Lívia: revelar indiscrições, sugerir ações ou intenções inexistentes, contar um fato sem todas as circunstâncias, sempre para promover a discórdia e a desunião. E causar muita dor e muito estrago: Tony quase foi morto e Artie fica acabado.

O diagnóstico da Dra. Melfi

Depois da conversa que tem com Lívia sobre as reuniões de seus chefes em Green Grove, que na verdade nunca ocorreram, Junior decide matar seu sobrinho. O plano

é executado, em forma de assalto, mas Tony escapa com vida.

Na sessão seguinte com a terapeuta, esta tem uma teoria interessante sobre o ocorrido.

> "Tem sido uma odisseia com sua mãe, não?"
> "Estes séculos passaram voando"
> "Não é estranho ela ter perdido a memória após você quase ter sido morto no assalto?"
> "Minha mãe está tentando me matar porque a coloquei no asilo?"
> "Normalmente o paciente é que tem que chegar às conclusões, mas sua vida está em perigo e, por isso, eu vou pôr as cartas na mesa. Acho que sua mãe tem, no mínimo, um transtorno de personalidade borderline. Vou ler a definição para você".

Pega um manual.

> "Um padrão de relacionamentos instáveis, instabilidade afetiva, isto significa uma ansiedade intensa e infelicidade. Só o que importa para essas pessoas são suas fobias. O mundo real e as pessoas reais são periféricos. Essas pessoas não têm amor ou compaixão. A pessoa borderline tem um comportamento duplo. Criam conflitos entre as pessoas do seu meio".

Tony não aguenta mais, está furioso: "Estamos falando da minha mãe, não de um assassino maníaco!" Levanta-se, pega a psiquiatra literalmente pelo pescoço e quase a esbofeteia. Por fim sai, batendo a porta. A Dra. Melfi,

assustada, tranca a porta e coloca um sofá para impedir sua abertura.

Só depois, quando a polícia revelar a Tony escutas que tinham feito, é que ele vai entender chocado o que aconteceu.

Conclusão

Lívia Soprano é uma personagem de ficção. A ficção muitas vezes é exagerada e caricaturesca. Infelizmente, o negativismo, vitimismo, manipulação, bipolaridade e os transtornos de personalidade borderline não são só ficcionais e, provavelmente, todos nós já nos deparamos com alguma Lívia, em alguma ocasião da vida.

Tendemos a achar que um pouco de encenação, de apresentar nossa realidade um pouco pior do que realmente é, serve até de proteção contra as invejas e maus olhados da vida. Mas um teor de intrigas desse nível, parece coisa de telenovelas. Será?

Na descrição lida pela psiquiatra para Tony se fala de um grau tão elevado de instabilidade, ansiedade e infelicidade, que se tornam doentios.

Um desequilíbrio que leva a considerar o mundo e as pessoas irrelevantes, a não ter amor ou compaixão por ninguém, ao desejo de criar conflitos.

Felizmente trata-se de um transtorno, e são poucas as pessoas que se comportam dessa maneira. Mas estão aí e, algumas vezes, não é tão fácil perceber sua presença e sua ação.

Observar a atuação de uma pessoa dessas na ficção, pode ser de grande ajuda para impedir que as reais, que estão ao nosso lado, levem a termo suas tramas.

Uma imagem vale por mil palavras

A série de televisão “Família Soprano”, sobre um grupo de mafiosos ítalo-americanos, recebeu muitos prêmios. A última cena do episódio 9 da quinta temporada demonstra bem a qualidade dessa produção. Parece uma obra prima, para mostrar os dois lados dos casamentos, a alegria e esperança de uma nova boda e a frustração e tristeza quando não dão certo.

Quem aparece é Carmela, vivida por Edie Falco, esposa do protagonista Tony Soprano, que merecidamente recebeu vários prêmios por sua interpretação. Nessa cena, ela chega em casa, sobe ao seu quarto e vê pela janela Tony se banhando na piscina. Nesse momento, sua filha Meadow liga para lhe dizer que vai se casar. Em Carmela estão presentes a alegria de saber que a filha se casará com um rapaz de quem ele gosta, e a frustração de ver seu marido com quem já não consegue conviver.

Ao longo do episódio a situação vai se desenhando. Tem o sugestivo título de “Negros Desconhecidos” (“Unidentified Black Males”). Outra qualidade da série, as alusões que faz, sem chamar a atenção. Nesse episódio há três referências há crimes cometidos por homens negros, sendo que nenhum deles é verdadeiro. São todos desculpas dos personagens.

Carmela está separada de Tony, que já não mora em casa, mas aparece de vez em quando. Ela pede o divórcio. Gosta dele, mas já não suporta suas traições, seus estouros de raiva, seu estilo de vida. Sua frustração na cena a que nos referimos é máxima, pois tinha esperanças de conseguir um bom advogado, que lhe garantisse uma boa divisão dos bens, a maior parte deles não declarados, e Tony impede. Avisado por um amigo, Tony faz consultas com os melhores advogados da cidade. Quando Carmela os procura, dizem que não podem pegar o caso devido às conversas com Tony. Um

deles lhe indica um colega que, a princípio, lhe diz que o caso é viável e falará com os contadores. Antes de chegar em casa, Carmela recebe uma ligação desse advogado, dizendo que ao saberem quem é seu marido, nenhum contador aceitou trabalhar. Ela vai ter que passar o resto de seus dias em uma situação frustrante. Está arrasada.

A filha Meadow está passando uns dias com o namorado Finn. Consegue um emprego para ele através de seu pai, no qual Finn deve conviver com os homens de Tony. Há dois incidentes que deixam Finn apavorado. No primeiro ele vê alguém ser fortemente espancado, sem nenhuma reação do grupo. No segundo, pior ainda, ele assiste a um ato comprometedor e oculto de um dos capitães, e teme por sua vida. Quando Meadow percebe que Finn está fazendo as malas para partir, não quer ouvir as razões, de forma imatura só pensa em si, e faz uma cena. Surpreendentemente, a conversa termina com a decisão de se casarem. É quando ela liga, imensamente entusiasmada, para a mãe, comunicando a decisão.

A série não é contra o casamento, apenas reproduz a realidade. O episódio 4 da mesma quinta temporada tem o sugestivo título de "Todas as famílias felizes..." ("All Happy Families..."), referindo-se à muito conhecida e citada introdução de Anna Karenina, de Tolstói: "Todas as famílias felizes se parecem; cada família infeliz é infeliz à sua maneira". Ao menos dois personagens são felizes no casamento: Bobby Baccalieri ama muito sua esposa e sofre quando ela morre em um acidente de carro, seu luto dura semanas; o pai de Carmela, Hugh, diz em seu aniversário que não poderia viver sem Mary, sua esposa. Já Carmela, é infeliz, à maneira da Máfia!

Então na cena final, Carmela está totalmente frustrada com o telefonema que acaba de receber. Sobe as escadas, olha pela janela e vê Tony boiando na piscina e jogando água sobre si mesmo, como uma criança. Não acredita que não poderá se libertar dele tão cedo. Toca o telefone e sua filha,

feliz, lhe diz que vai se casar. Ela tem que comemorar, mas está destruída. Olha para Tony e não sabe se Finn será como ele ou diferente. Precisa comemorar, mas tem vontade de gritar. Ela diz que vai chorar. Uma obra de arte!

Corinthians - Irmãos de armas

Assisti nos canais Telecine a um filme, indicado por meu irmão, chamado “Unidos pelo Timão”. É bem interessante, sobre um time inglês, e leva a muitos temas e reflexões, além do futebol.

Conta a história do Corinthian Football Club, fundado em 1882. Um dos atletas que jogaram lá é Charles Miller que foi estudar na Inglaterra e ao voltar ao Brasil trouxe as primeiras bolas e incentivou o esporte. No início do século XX, o time fez uma excursão pelo mundo difundindo o futebol e passou também pelo Brasil. Influenciou vários times, entre eles o Real Madrid, e fez com que nascesse o Corinthians Paulista. Os jogadores em geral tinham pouca técnica e se limitavam a chutar a bola e trombar com os adversários. Os do Corinthian trocavam passes e tinham tática, o que tornava o jogo bonito de se ver. Um grupo de operários viu a exibição e criou o time paulista em 1910.

Meu irmão já tinha me alertado para um detalhe em que o filme não entra. Por que o nome Corinthian? Os Gaviões da Fiel não vão gostar de saber que tem a ver com São Paulo, mesmo que não seja o time, mas o Apóstolo. Em sua primeira epístola aos Coríntios, em inglês Corinthians, o santo compara os fiéis cristãos aos atletas que corriam nos Estádios da época: “Vocês não sabem que, de todos os que correm no estádio, apenas um ganha o prêmio? Corram de tal modo que alcancem o prêmio”. Usou o exemplo do esporte para incentivá-los a serem melhores cristãos.

O Corinthian manteve-se sempre amador, até os dias de hoje, apesar de todas as dificuldades. Esse é um dos temas do filme. Quase fechou as portas, e ainda corre esse risco.

Em 1914 voltou ao Brasil, mas a I Grande Guerra tinha começado e eles nem desembarcaram dos navios, voltaram para lutar por seu país. Muitos morreram em combates e há uma cena dos jogadores indo visitar os

túmulos de seus colegas em um cemitério na França. É bonito ver como prestam homenagem aos que deram a vida por seu país. Como tiveram muitas guerras, têm muito presente o dever de não esquecer o sacrifício dos seus irmãos.

Um comentário muito interessante que fazem é sobre o momento em que foi criada a regra da falta no futebol. Os jogadores do Corinthian não queriam aceitá-la porque, como era apresentada, supunha que o jogador tivera intenção de impedir o outro de jogar, e isso nunca seria feito por um cavalheiro! Explica a atitude que têm lá com o fingimento e toda espécie de catimba ou forma de burlar as regras. O jogo é forte, mas teoricamente leal. Essa ideia não vingou muito e ao cruzar o Atlântico naufragou em algum lugar, ao ponto de que alguns, como eu, pensem que o que se pratica na Libertadores deveria ter outro nome, pois não é futebol.

E não só deste lado. Até hoje se discute se no lance famoso da final da Champions de 2018, Sérgio Ramos queria só fazer uma falta em Salah, ou tirá-lo do jogo. O egípcio saiu do jogo e da Copa.

Muitos corintianos descobriram o time inglês e viajando pela Inglaterra vão visitar seu estádio simples. Isso começou a criar laços e em 2015, ao fazer uma enquete sobre qual time convidar para jogar uma partida especial no novo Estádio de Itaquera, o escolhido foi o Corinthian. Os jogadores amadores do time, com suas profissões comuns, pedreiros, eletricistas, vieram ao Brasil com o status de celebridades, tendo direito a multidões no aeroporto, autógrafos e fotos com a família. O ponto de honra era não perder de muito. Os jogadores corintianos tinham nas costas não os seus nomes, mas os dos jogadores ingleses daquele time que veio aqui. Muitos mortos na Grande Guerra.

Como parte das paixões do ser humano, o futebol também mostra seus dois lados, o sublime e o sombrio. É impossível para os apreciadores desse esporte não se encantar com lances como por exemplo, os gols de Pelé nas Copas de 58 e 70, com o quase gol contra o Uruguai, driblando o

goleiro sem tocar na bola. Mas existe também a teoria de que precisamos de alguma guerra, pelo menos alguns, e gritar e xingar nos estádios, evita iniciar batalhas. O filme recorda o episódio conhecido como Trégua de Natal, em que soldados alemães e ingleses, em 1914, na Bélgica, trocaram presentes, cantaram juntos e jogaram futebol. Passado o Natal, voltaram a atirar uns nos outros.

O título original, "Brothers in Football", me parece melhor que a tradução. Os *Brothers in Arms* lutam juntos, por alguma causa que acham justa. Os Irmãos no Futebol devem ter como causa competir lealmente, ajudar os companheiros, divertir e encantar. O melhor e o pior do ser humano. Para quem gosta de futebol, um filme que emociona.

Lost in Translation, Perdidos na Tradução

O Canal Curta tem passado a série francesa "Filmes que marcaram época", com episódios muito interessantes. Assisti o que se refere ao filme americano, de 2002, Encontros e Desencontros, escrito e dirigido por Sofia Coppola.

Ela vinha de uma polêmica por sua participação na Trilogia "O Poderoso Chefão", dirigida por seu pai. Ao dirigir e escrever esse seu segundo filme, estabeleceu seu lugar no mundo cinematográfico, recebendo vários prêmios.

Como é natural, muitas partes do roteiro do filme são tiradas de suas recordações e experiências. Conta que tinha grande atração por Tóquio, pela cultura japonesa e tinha passado por um período de incertezas no início do casamento. Isso influenciou seus personagens principais.

Vamos falar de quatro deles. O par central de atores é composto de Scarlett Johansson que interpreta Charlotte, uma jovem esposa que acompanha seu marido fotógrafo, e Bill Murray na pele de Bob Harris, um ator começando a decadência, chamado para fazer um comercial de whisky. Scarlett tinha 17 anos, mas transmite toda a solidão e insegurança da protagonista. Sua imagem se consolidou a partir desse filme e se tornou muito requisitada e valorizada. Murray também está ótimo e foi indicado ao Oscar. Pelo programa francês se percebe que ele é algo excêntrico, parecido com o personagem que interpreta. Sofia fazia questão dele para o papel. Depois vêm a cidade de Tóquio e o Hotel Grand Hyatt, como lembrados pela diretora, ambos retratados em muitas cenas. Os responsáveis pelo Hotel não queriam cedê-lo e só permitiram com muita insistência do pessoal da produção.

O título original do filme é excelente e pode-se pensar em vários níveis. Descobri que se trata de uma expressão

americana que representa a parte cultural de palavras ou frases que se perde quando é traduzida para outra língua. Mesmo que a tradução seja feita corretamente. Os exemplos são incontáveis. Para ficar no mundo do cinema, um filme sobre Jesse Owens e a Olimpíada de Berlim, chamou-se Race, com alusões à corrida dos cem metros da qual era recordista e ao preconceito racial que sofreu por parte dos nazistas. Como traduzir? O filme que estamos comentando recebeu no Brasil e em Portugal os títulos de "Encontros e Desencontros" e "O Amor é um lugar estranho", imensamente mais pobres e distantes que o original. Isso é o que se perde na tradução, o "lost in translation". Mas há mais.

O filme é ótimo ao explorar as dificuldades de língua e cultura para os americanos no Japão, como exemplo das dificuldades para estrangeiros em qualquer lugar do mundo. Há várias cenas de pessoas falando em fluente japonês, para os americanos que não entendem nada. Em uma cena muito engraçada, o diretor da tomada em que Murray prova o whisky fala por minutos como se estivesse ordenando ao seu pelotão para avançar e liquidar o inimigo, e a tradução é: "vire para a direita, com mais intensidade!"

Um dos entrevistados no filme francês diz que tiveram problemas com a equipe japonesa de filmagem. Um dos técnicos quis sair e vários de seus colegas também em solidariedade com ele. Ao perguntar para descobrir o que tinha acontecido, souberam que era por um atraso de dez minutos no horário previsto para acabar as tomadas, o que para os americanos era absolutamente usual. Depois de muitas conversas e desculpas a questão se resolveu.

Os dois personagens principais estão ótimos ao retratar situações de deslocamento, no caso devido ao fuso horário, ambiente diferente, dificuldade de língua, falta de sono, mas sobretudo pelo momento existencial. Pensei que outra perda na tradução é a terrível incapacidade que notamos em algumas situações, de encontrar alguém que perceba os pedidos de socorro emitidos na língua da tristeza,

insegurança, da ânsia por ser compreendidos e ajudados. No filme estão rodeados de muitas pessoas, mas somente eles percebem que estão na mesma solidão, o que os aproxima.

Um belíssimo filme. Alguém comenta no documentário que, na época, acabara de ser lançado "Kill Bill" de Quentin Tarantino, e todos queriam imitá-lo. Sofia Coppola fez um filme diferente.

Muitos filmes guardam segredos que intrigam seus admiradores e especialistas. Na cena final, Bob sussurra algo ao ouvido de Charlotte. Bill Murray perguntou um dia a seu amigo, que o apresentara à diretora, se queria saber o que ele dissera. O amigo disse então que não fazia diferença para ele. Algum tempo depois ficou curioso e perguntou: O que você disse? ". Ouviu a resposta: "Agora é tarde! "

Rosas sempre haverá

Estou assistindo nestes dias, entre outros, a vários filmes antigos. Vi, por ex., Cimarron, Cavalcade e Mrs. Miniver. Todos estes ganhadores de Oscar, nos primeiros tempos. Faltam o ritmo e os recursos técnicos mais modernos, mas todos têm seu charme.

Mrs. Miniver foi filmado na Inglaterra, em 1942, em plena II Grande Guerra, em meio a bombardeios. É natural que o filme tenha sido usado para elevar a moral do povo, muito sofrido naqueles anos.

O filme trata dos ataques aéreos, do resgate de Dunkerk, fala da captura de um piloto alemão, infiltrado em solo inglês e comenta também um costume bem britânico, das pequenas vilas: o concurso anual para escolher a rosa mais bonita. Todos os anos o concurso é vencido por uma aristocrata do lugar, que é quem o organiza. Nesse ano, o Sr. Ballard, chefe da estação ferroviária, quer concorrer com a rosa Mrs. Miniver, nomeada assim em homenagem à senhora que sempre o cumprimenta com um sorriso.

O ator, já de idade é Henry Travers, o mesmo que fez o anjo no brilhante "A Felicidade não se compra" de Frank Capra. Aliás, o filme tem uma semelhança grande com os de Capra, feitos na mesma época.

Em uma cena, Ballard e um amigo estão puxando as cordas dos sinos da igreja e falam sobre o concurso. O amigo diz que nesse ano não deverá haver a exposição, pelas circunstâncias de guerra. E acrescenta: "do jeito que as coisas vão logo não haverá nem rosas". Mr Balllard o repreende: "deixe de bobagens, pode deixar de existir muita coisa, pode não haver mais Inglaterra, mas rosas sempre haverá!!"

Uma frase esperançosa: "Rosas sempre haverá".

Uma ideia semelhante, curiosamente, se repete mais de 60 anos depois, em uma linda canção de Marisa Monte, 'O

Rio', lançada em 2006. Uma mãe acalma o filho e o prepara para as dificuldades da vida:

Ouve o barulho do rio, meu filho
Deixa esse som te embalar
As folhas que caem no rio, meu filho
Terminam nas águas do mar

Quando amanhã por acaso faltar
Uma alegria no seu coração
Lembra do som dessas águas de lá
Faz desse rio a sua oração

Lembra, meu filho, passou, passará
Essa certeza, a ciência nos dá
Que vai chover quando o sol se cansar
Para que flores não faltem
Para que flores não faltem jamais

Desejando que em nossas vidas nunca faltem as flores, nem as rosas!

Revoluções inglesas

Voltei a ver estes dias um belo filme, de 1970, “Cromwell, o homem de ferro”. O filme é muito bom e levanta uma série de questões interessantes.

Passa-se em um dos muitos períodos conturbados da monarquia inglesa. O conhecido rei Henrique VIII que morreu em 1547, teve seis esposas, duas das quais foram executadas por sua ordem, divorciou-se de duas e uma morreu no parto de seu único filho homem, o jovem Eduardo VI, que o sucedeu no trono, com apenas 9 anos.

Depois dele vem Maria I, filha da primeira esposa de Henrique, que ganhou o nada honroso título de Bloody Mary. Chega então Elizabeth I, filha de Ana Bolena, que governa por 47 anos, eleva muito o poder e prestígio da Inglaterra, mas não deixa filhos. Em seu reinado, manda executar sua prima, Maria Stuart, que tinha pretensões ao trono.

Sem herdeiros da rainha falecida, quem sobe ao trono é Jaime I, filho de Maria Stuart. A história do filme vai se passar no reinado de seu filho, Carlos I, que começa a governar em 1625 e sai de cena em janeiro de 1649, data de sua execução, o único rei inglês julgado e condenado à morte por seu povo.

Para os comentários a seguir vou me apoiar no filme e em alguma pesquisa rápida na internet. Os temas são muito densos e, logicamente, não pretendo apresentá-los todos em poucas linhas e nem aprofundei muito em sua autenticidade.

Carlos I tinha, entre outros, três problemas principais. Sua dinastia era recente na Inglaterra. Os Stuart eram reis da Escócia e pelo casamento de um antepassado com um Tudor no século anterior, o pai de Carlos I chegou ao trono. Dinastias novas estavam sempre inseguras.

Havia insurreições internas contra ele. Escoceses e irlandeses ameaçavam com rebeliões. Ele precisava de recursos para montar um exército e combatê-los.

Finalmente, Carlos era casado com uma princesa francesa, que era católica. Em um período turbulento de guerras de religião, o catolicismo não era bem visto entre os nobres ingleses. Henrique VIII havia rompido relações com o Papa, pelo tema de sua separação com Catarina de Aragão, sua primeira esposa. Declarou-se chefe da Igreja da Inglaterra, a Igreja Anglicana, e um decreto de 1701, ainda em vigor, exclui do direito ao trono qualquer um que professe a religião católica.

Os Stuarts tinham tendência ao absolutismo e a Inglaterra tinha tradição de dar direitos ao Parlamento. Carlos não podia estabelecer impostos para financiar suas guerras sem a autorização do Parlamento. Estabeleceu-se uma crise que chegou a tal ponto que alguns nobres ingleses convocaram Cromwell para uma revolta contra o Rei. A princípio ele não quis aceitar, pois respeitava os direitos do Rei e do Parlamento. Com a piora da situação ele luta contra as tropas do Rei e sai vencedor. É restabelecido o poder do Parlamento. Ao perceber mais adiante que o Parlamento estava negociando com o Rei, de acordo com seus interesses, ele dissolve o Parlamento, e o processo acaba no julgamento de Carlos I, que é condenado e morto. Cromwell assume o poder, governa por alguns anos, é sucedido por seu filho, que acaba se retirando e a monarquia é restabelecida com a volta de um dos filhos do rei deposto, que será Carlos II. Esse nome só voltou a ser utilizado com o monarca atual, Carlos III.

Uma questão que se coloca aqui é quem tem o poder de julgar o governante e os representantes do povo? A questão não é simples e, em princípio, afeta todos os governos e todas as épocas. Sem entrar em grandes discussões, diria que talvez as únicas saídas sejam mesmo educar o povo e, a partir de um povo bem preparado, estabelecer instituições fortes. Solução que nossos governantes têm adiado continuamente.

O clima de antagonismo de religiões é bem diferente hoje mas, infelizmente, não parece ter se resolvido totalmente. Ouvi certa vez, há muitos anos, o comentário de que esse filme foi feito para opor-se a outro de 1966, também muito bom e premiado, vencedor de vários Oscars, inclusive o de melhor filme. Trata-se de "O homem que não vendeu sua alma", a história de Thomas More, Lord Chanceler de Henrique VIII, que se opõe ao rei no episódio do divorcio com Catarina para se casar com Ana Bolena.

More era um grande intelectual, com enorme prestígio. Amigo de Erasmo de Roterdã, escreveu "A Utopia", sobre um local onde o governo funcionava bem.

O título original do filme, "A Man for all Seasons", capta bem sua personalidade: sabia se comportar em todas as ocasiões, na família, na corte, com todos. No filme isso vem representado pela janela da prisão, onde vão se sucedendo as estações, enquanto ele está preso. Com sua resistência a Henrique acabou por ser condenado à morte, tornando-se mártir e santo da Igreja Católica.

Lembro-me de duas frases marcantes do filme. Um dos que tramaram a morte de Thomas More foi Thomas Cromwell, antepassado de Oliver. Ao final do julgamento, em que tinha sido condenado, More passa por Cromwell e vê que carrega uma medalha de distinção em Gales, e lhe diz: "Está escrito que não se deve vender a alma pelo mundo inteiro, e você vendeu por Gales!". Cromwell também foi executado a mando de Henrique, alguns anos depois.

A outra é do Cardeal Wolsey, representado no filme por Orson Welles. Ele está fazendo uma viagem, abandonado pelo Rei, sente-se mal, sabe que vai morrer e diz: "Se eu tivesse servido a Deus como servi ao meu Rei, não estaria morrendo sozinho!".

Dois bons filmes, com elenco estelar e boas histórias!

Publique-se a lenda

Uma das atrações de assistir a um bom filme são os diálogos e as frases de efeito. Algumas são tão boas que passam ao uso comum, como “Ninguém é perfeito” do final de “Quanto mais quente melhor”, considerada por muitos a melhor comédia já feita.

Qual será a melhor frase ou diálogo no cinema? Imagino que cada um tem a sua preferida. Há algumas muito famosas e citadas, como a de Glória Swanson em “Crepúsculo dos Deuses” (Sunset Boulevard), de 1950, no papel de uma atriz mais velha, menos requisitada para os filmes, em novos tempos. Quando lhe comentam isso, sua resposta é rápida: “Eu continuo grande. Os filmes é que ficaram pequenos”.

Acho ótima também a de outra excelente comédia, “Os Irmãos Cara de Pau” (The Blues Brothers), de 1980. Dois irmãos totalmente extravagantes recebem da freira que os educou em um orfanato a tarefa de conseguir um valor para salvar a casa. Eles reúnem a velha banda que já tiveram e vão fazer um show. Ao longo do trajeto o mundo desaba ao seu redor, mobilizam todas as Forças Armadas americanas contra eles, e continuam imperturbáveis: “Estamos numa missão de Deus!”

Em 2002 Mariza Gualano lançou “Ouvir Estrelas”, uma compilação de frases e diálogos de mais de 500 filmes. Ela brinca com o título da poesia de Olavo Bilac e com a forma como nos referimos aos astros e estrelas de Hollywood.

Consultei o índice do livro, e parece que o filme mais citado é “Casablanca”, com suas tiradas memoráveis: “Nós sempre teremos Paris”; “Prendam os suspeitos de sempre”, “De todos os bares do mundo, ela tinha que entrar logo no meu?”, e tantas outras.

Extraídas de filmes, piadas, provérbios, fatos históricos, as frases são boas para resumir uma história ou

situação. Com uma frase breve já nos situamos no contexto. Quando se diz que alguém "subiu no telhado" ou que é preciso "combinar com os russos", quem conhece as piadas sabe do que estamos falando. Também na deliciosa piada árabe "cospe a pedra, Mansur!", menos difundida. Se não encontramos algo que deveria haver no lugar dizemos "casa de ferreiro, espeto de pau". Penso que surpreendeu a todos a frase usada por Lula estes dias, de que sua aliança política "vale uma Missa". De tão pouco conhecida, os jornais tiveram que explicar que é atribuída a um pretendente ao trono da França, no final do Sec. XVI. Era época de guerra de religiões e para assumir o trono ele deveria se converter ao catolicismo e assistir a uma Missa, e afirmou que Paris merecia isso.

Nos filmes, uma das que mais gosto está em "O homem que matou o Facínora" (The man who shot Liberty Valance"), de 1962, dirigido por John Ford, com James Stewart, John Wayne e Lee Marvin. Considerado um dos melhores Westerns, mostra a visita de um senador que vem de longe à pequena cidade do Oeste, para o funeral de um grande amigo. Diante de muitos jornalistas ele recorda fatos de sua juventude. Os repórteres dizem que o que ele diz não corresponde à história que corre pela região. Ele protesta e diz que essa não é a realidade. E ouve a resposta dos jornalistas: "Quando a lenda é melhor do que a realidade, publica-se a lenda".

São muitos os motivos para as informações falsas: sensacionalismo, interesses de grupos, satisfazer ideologias e tantos outros. E existem há muito tempo, parece que desde sempre. Nas primeiras páginas da Bíblia já aparece o engano de Eva pela serpente, negando o que ela ouvira do Criador. É tarefa árdua conhecer a realidade, aceitar os fatos e rejeitar a desinformação. Com um pouco de esforço se consegue. A recompensa é não viver apoiados em lendas e boatos.

Policiais

Temos falado de livros e filmes. Queria hoje falar do gênero policial, bom para relaxar, distrair-se, e descobrir se o culpado é mesmo o mordomo. Tendo outros elementos é ainda melhor, e vou recomendar duas séries, baseadas em personagens de livros, com boas histórias, personagens, ambientação e humor.

Os títulos são incontáveis, os de Conan Doyle, Agatha Christie, Georges Simenon e tantos outros. Filmes memoráveis como o excelente "Morte sobre o Nilo" de 1978, recheado de estrelas, as duas versões de "Assassinato no Orient Express" e o recente "Entre Facas e Segredos". Das séries nacionais na TV aberta, as do Delegado Espinoza, vivido por Domingos Montagner, e do Detetive Zózimo, por Vladimir Brichta, muito boas também.

A primeira recomendação é "Pe. Brown", série da BBC, com personagem criado por G.K. Chesterton e que passa na TV Cultura. O autor é um escritor inglês, convertido ao catolicismo, que viveu no início do Século XX. Pela pesquisa que fiz na internet, parece-me que foi apropriado pelos tradicionalistas cristãos. Se for assim é uma pena. Tinha entre suas características um senso prático especial e um grande gosto pelos paradoxos. Li alguns livros e lembro-me de algumas das suas ideias. Certa vez fez uma enquete entre os amigos sobre o livro que levariam a uma ilha deserta. Alguns disseram a Bíblia, outros Shakespeare e outros algum desse estilo. O seu seria "O Manual do construtor de Barcos"! Viveu em uma época de relações vivas entre a Fé e a Razão, e tinha ideias claras sobre ambas. Dizia que o louco é aquele que perdeu tudo, menos a Razão. Um dos títulos de livros de seu personagem é "A Incredulidade do Pe. Brown". Este não é detetive, mas por algum motivo sempre está nas cenas dos crimes e acaba resolvendo-os. Nessas histórias há elementos que parecem indicar que houve algum fator sobrenatural nas

mortes. O Pe. Brown, paradoxalmente, é sempre o mais cético quanto a isso, e assim, tem mais facilidade de entender o que está acontecendo e resolver o mistério. Como pensava o grande S. Tomás de Aquino, se Deus nos deu um intelecto, foi para usá-lo. Faz pensar que a Fé e a Razão têm suas regras, e não é conveniente crer em tudo. O personagem da TV é apenas baseado no do livro e imagino que tiveram que acrescentar muitas características para fazer várias temporadas. Mas o resultado é bastante satisfatório, há personagens interessantes, um ambiente rural inglês com vilas, castelos, mordomos e trens, boas histórias e humor. Vale a pena.

A outra é uma série canadense, "Os Mistérios do Detetive Murdoch", que se passa em Toronto, também na virada do Século XX, e está sendo exibida pela Globosat. Os personagens são ótimos. O detetive é bastante cerebral, com algum sentimento. Ele é precursor de várias descobertas, chega às impressões digitais, aos gravadores, às luzes que detectam sangue, interage com várias pessoas famosas como Nikola Tesla, Thomas Edison, Mark Twain e muitos outros. Seu chefe é o Inspetor Brackenreid, um inglês amante do Império, fanfarrão, sempre com seu copo de whisky cheio. O soldado mais próximo ao detetive chama-se Crabtree, é leal, jovem, escritor. A legista é a Dra. Júlia que gosta do Detetive, tem ideias bem avançadas para a época. As histórias são muito boas e já chegaram a 13 temporadas. Têm um fio condutor e é preferível ver em série. Há muitas referências a pessoas, à época, ao futuro, deve haver muitas à cidade de Toronto que quem não é de lá não consegue perceber, às relações dos canadenses com os americanos. Em um episódio Crabtree dá conselhos a uma escritora jovem na altura, que viria a ser muito famosa. No final do episódio eles esclarecem: "não há evidências de que a escritora tenha encontrado Crabtree, mesmo porque ele é um personagem ficcional". Em outro episódio há um grupo de políticos e empreiteiros corruptos roubando a cidade e quando um tem

medo e quer recuar o outro o incentiva várias vezes: “Vamos fazer Toronto grande de novo” (Make Toronto Great Again). Pela semelhança com o slogan de Trump fui ver a data e era 2017, com o presidente já eleito. Acho que a série não deve fazer muito sucesso na Casa Branca.

Um espião infiltrado

Assisti há pouco a série da Netflix "Um Espião Infiltrado". Recomendo vivamente. São 8 episódios de 30 minutos e não consegui parar até chegar ao final. Parece que é baseado em fatos. Um engenheiro viúvo e aposentado, um pouco entediado, acaba aceitando infiltrar-se em um asilo de alto nível para descobrir o autor de um furto.

Com esse tema conseguem fazer rir e se emocionar bastante, abordar questões familiares, solidão, amizade, confiança e tratar todas muito bem. Há assuntos sensíveis como mal de Alzheimer, finitude da vida, mas também lidam com eles com muita competência.

Ocorreu-me que quando se fala de falta de bons papéis para atores veteranos, essa série coloca vários deles em cena, começando por Ted Danson como o engenheiro Charles e o carismático Stephen Henderson, que tem também presença de relevo em "Guerra Civil".

Entre as cenas marcantes, a filha do protagonista tenta falar com os 3 filhos adolescentes que olham o celular. Dois respondem secamente que não ao que ela propõe e o terceiro não responde nada. Em outra Charles quer falar sobre uma amiga, atriz, em seu funeral e se serve do monólogo "O Mundo é um Palco" de "As you like it", de Shakespeare:

> O mundo é um palco; os homens e as mulheres, meros artistas, que entram nele e saem. Muitos papéis cada um tem no seu tempo: Sete atos, sete idades.

Não falta uma homenagem a uma das mais conhecidas séries de detetives, a Monk, o detetive diferente. Já quase no final, em certo momento, Charles diz: "Resolvi o caso".

Tomara que venham outras temporadas!

Duas máscaras

No antigo teatro grego havia duas máscaras: uma sorridente para se utilizar nas comédias e outra triste e pesada para as tragédias.

Lembrei-me disso estes dias ao rever dois bons filmes. A comédia, apesar do nome, é "Morte no Funeral" um filme inglês de 2007. Ri muito, é muito engraçado. A trama é simples, morre o chefe de família e parentes e amigos se reúnem em sua casa para o velório. Um dos anúncios do filme diz: "Uma família problemática se reúne para o funeral de um de seus membros. À medida em que vão chegando os parentes, relações escandalosas, ressentimentos e ameaças transformam o evento em um caos".

Os convidados vêm para a reunião, mas cada um continua muito ligado a um determinado objetivo, o que vai provocando situações cômicas. Um dos filhos, promete para a sua mulher uma nova vida e faz de tudo para que a despedida do pai seja boa. Seu irmão, um romancista de sucesso, só pensa em conquistar belas mulheres. O namorado da prima ingere acidentalmente drogas e passa a ter delírios para desespero dela, pois queria que o novo namorado causasse boa impressão para seu pai. Prima que é cobiçada por outro parente. Um dos primos é usuário de drogas e acaba pondo os comprimidos que produziu dentro de um vidrinho de Valium. Como a situação vai ficando tensa, muitos recorrem ao Valium e os efeitos alucinógenos se multiplicam.

Parece-me que uma das ideias do filme é colocar uma série de pessoas com um objetivo central comum, mas com objetivos particulares muito diferentes e, em alguns casos, um pouco obsessivos. Pensei que isso é uma boa metáfora para nossa vida, ou momentos dela. Temos umas ideias e objetivos principais que vão se misturando para o bem ou para o mal com outros paralelos. No filme se ri muito. Espero

que em nossas vidas também seja assim, e que essa mistura de ideais acabe se transformando em fonte de muitas risadas.

A tragédia está em "A 25ª Hora", um filme ítalo-franco-iuguslavo de 1967, baseado no romance homônimo do romeno Virgil Gheorghiu. Escrito durante o cativeiro do autor – preso pelas tropas americanas no fim da Segunda Guerra Mundial –, "*A 25ª hora*" conta a história de Iohann Moritz, um camponês romeno que é equivocadamente denunciado como judeu por um gendarme que cobiça sua esposa. Moritz é representado por Anthony Quinn e a esposa por Virna Lisi, que está deslumbrante. Ele vai para um campo de trabalhos nazista, e inicia um périplo por diversos campos da Europa. Acaba por fugir com outros detentos, judeus, para a Hungria. Lá seus companheiros recebem auxilio por serem judeus, mas ele não. Detido como espião romeno é torturado. Deportado para a Alemanha, na condição de "trabalhador húngaro voluntário", é examinado por um médico nazista que o considera um espécime excepcional da linhagem ariana. Sua foto, com uniforme nazista, vai para todos os jornais, revistas e cartazes de propaganda do regime na Europa. E suas desventuras continuam, sem que ele entenda nada ou possa fazer qualquer coisa.

Uma frase que diz, quando ainda estava feliz em sua casa, chamou-me a atenção. Um amigo vai embarcar para Nova York e a esposa lembra a Moritz que ele teve essa chance e recusou. Ele então lhe diz: "E o que eu faria em Nova York sem você!" Há poucas semanas escrevi sobre uma música espanhola que pergunta porque chegar tão cedo em Nova York. As duas frases são mais ou menos da mesma época, a primeira metade do século XX. Nova York era o sonho de paraíso e riqueza para muitos. Não para todos!

A Criação do Homem segundo os Gregos

O canal Curta (na NET 553) passa umas séries sobre a Mitologia Grega feitas pela Televisão francesa. Assisti a um capítulo sobre Prometeu, que acaba sendo a visão dos Gregos sobre o surgimento dos homens, um paralelo ao relato do Gênesis. É curioso notar as semelhanças e diferenças entre os relatos. Achei interessante e o resumo aqui. Reproduzo tal qual ouvi: se alguém não gostar, por favor, não me culpe!

Um dos Titãs teve quatro filhos, entre eles Epimeteu e Prometeu. O primeiro é o que pensa depois e Prometeu o previdente, o que pressente os eventos futuros, uma qualidade rara e de grande utilidade.

Houve nos primórdios uma batalha entre Zeus e seu pai Cronos. Juntamente com Kairós, Cronos representa o tempo. Aquele ligado à oportunidade, ao momento ideal, enquanto Cronos é o tempo que passa e tudo devora, inclusive os próprios filhos. Sabendo disso, Zeus luta com seu pai, tendo contra si todos, com exceção dos dois irmãos, Prometeu e Epimeteu. Em sua sabedoria, Prometeu sabia que Zeus venceria.

Vieram tempos de paz e, como nada acontecesse, de tédio. Zeus pediu então a seu filho Hefesto, Deus do Fogo e Ferreiro, que produzisse algo excepcional e único que os distraísse. Este pensou e acabou misturando fogo e terra, para produzir os animais e os homens. Estes últimos foram feitos à imagem dos deuses e não havia ainda as mulheres.

Zeus lhes oferece dons para que distribuam pelos novos seres. Epimeteu vai distribuindo, força, velocidade, proteção através de pelos, cascos, couro. Quando percebe já entregou tudo e não deu nada aos homens que estão nus, indefesos, vulneráveis. Prometeu recorre a Zeus pedindo que lhes entregue o fogo para que se protejam e cozinhem. É atendido e vem a era de ouro, em que dispõem do que necessitam, não precisam semear, reúnem-se em banquetes.

Vivem no Paraíso e a única diferença entre os homens e os deuses é a imortalidade. Mas não passam pela morte, Hypnos, o Deus do sono, os toma em dado momento, e conduz aos Campos Elíseos.

Tudo vai bem, mas Zeus fica incomodado novamente. Não aceita que todos estejam no mesmo plano e cria três graus: o primeiro para si, depois os deuses e no terceiro os homens. Prometeu não gosta e, por ocasião de um banquete, engana Zeus, deixando para este a pior parte e entregando aos homens o melhor.

Zeus fica furioso e se vinga. Torna o trabalho cansativo. Retira dos homens o fogo, sem o qual não podem cozinhar, ter iluminação, aquecer-se e defender-se das feras. Prometeu mais uma vez vai proteger os homens, rouba o fogo e lhes entrega.

Aparece novamente a ira de Zeus. Desta vez envia um presente a Epimeteu. Pede que façam uma mulher de argila, a quem os deuses oferecem múltiplos dons: a graça, vestes, colares de flores, mente ardilosa e manipuladora, e sobretudo a curiosidade. Recebe o nome de Pandora, a que recebeu os dons dos deuses. Ao final Zeus sopra e lhe dá a vida. É a primeira mulher, a ancestral de todas. Preciso dizer que é o programa quem afirma que se trata do verdadeiro fogo, sem chama visível! Recebem o fogo ladrão em resposta ao fogo roubado!

O presente vai para Epimeteu, o que pensa depois, o desprevenido. O que faz muitos planos, mas tudo sai ao contrário. Se quisermos fazer os deuses rirem é só contar a eles nossos projetos! Prometeu alerta o irmão para não aceitar presentes de Zeus, mas este não resiste, fascinado pela beleza e graça que tem diante de si!

Pandora vem com uma caixa linda, ricamente ornamentada, que lhe foi dada por Zeus, com a indicação de não a abrir, de forma alguma. Tudo o que é necessário para estimular sua curiosidade. Na primeira noite ela abre, e saem da caixa todos os males do mundo, as desgraças, aflições,

misérias, que se misturam aos bens, ficando difícil distinguir onde encontrar o que vai nos favorecer ou prejudicar.

Há um castigo para Prometeu também. Ele é acorrentado a um rochedo e uma águia lhe morde o fígado, que se regenera todas as noites, para ser consumido novamente, tornando a pena contínua.

Quando Pandora percebe o que aconteceu, tenta fechar a caixa rapidamente, mas é tarde, quase todo o conteúdo já se foi. Ela consegue reter apenas um elemento, a Esperança, que fica no fundo da caixa, colocada por um deus bondoso. Assim, quando os homens passam por dificuldades, podem ainda acreditar e esperar, pois esse bem ainda lhes pertence.

Dois filmes, vários Oscars

Para quem está atrás de um bom filme para ver estes dias, dos antigos, recomendo dois que acabo de rever. Um é My Fair Lady, de 1964, Audrey Hepburn e Rex Harrison. Músicas fantásticas e 3 personagens ótimos. Ele é um professor distraído, sem sentimentos, especialista em línguas, que aposta com o amigo que vai transformar a plebeia em uma lady. Ela a moça que vai se transformando e chega um momento em que já não sabe mais a qual mundo pertence. Uma das etapas é ir ao hipódromo chique e só falar do tempo e da saúde das pessoas. Mas ganha um bilhete de aposta e não consegue evitar um sonoro palavrão para incentivar seu cavalo a correr mais. O terceiro, de que não me lembrava que era tão bom, é o pai da moça, amante de beber e não fazer nada. Um verdadeiro filósofo que só quer o que canta, "um pouco de sorte" e "ser levado ao casamento em tempo", enquanto se prepara bebendo com os amigos.

O outro, considerado o melhor filme de todos os tempos pelo site IMDB, é "Um Sonho de Liberdade" de 1994, com Tim Robbins e Morgan Freeman. Excelente. Reflexões sobre a vida, liberdade, justiça, amizade. Uma história muito bem contada.

MATEMÁTICA E FÍSICA

Jogo de Bingo, Probabilidades e Senso Comum

Um dos jogos mais populares que há é o de Bingo, que como se sabe, consiste em preencher uma cartela com números. Todos os jogos dependem de sorte e estratégia, como os de baralho, ou estratégia, como o de xadrez, ou puramente de sorte, como é o caso do Bingo. Não há nada que o jogador possa fazer para melhorar seu jogo, além de torcer e prestar atenção. Uma coisa que ele pode fazer é tentar entender as probabilidades ligadas ao jogo. É o que vamos fazer a seguir.

A Teoria das Probabilidades estuda, como seu nome diz, as possibilidades ligadas a eventos determinados. Ao lançar um dado, por exemplo, a probabilidade de sair um número previamente escolhido é de 1/6. São 6 números, igualmente prováveis, então se eu escolher, por ex., o número 2, a chance de que ele saia é de 1/6, ou dizendo de outra forma, se eu lançar o dado 6 vezes, terei a probabilidade de que meu número saia uma vez. Nada impede que ele saia todas as 6 vezes ou nenhuma, mas não é o mais provável.

A probabilidade é, portanto, o grau de possibilidade, de chance matemática, o quanto é provável. Uma forma de medi-la é dividir o número de resultados esperados, pelo número de possíveis. No caso do dado, de que falamos acima, temos um resultado esperado, em seis possíveis, daí a probabilidade de um para seis ou 0,16. Se eu lançar uma moeda, a probabilidade de sair coroa é de 1/2, ou 0,5 ou 50%.

Sendo um jogo, e com números, há muitas probabilidades e resultados que podemos associar ao Bingo. Vamos tratar disso logo, mas antes queria mostrar que nosso senso de probabilidades, nosso senso comum, nesse aspecto, nem sempre é muito certeiro.

“O Andar do Bêbado” e o problema das 3 portas

Há um livro escrito em 1988 que analisa com muita propriedade a relação entre nossas impressões e as

probabilidades ligadas a vários fenômenos corriqueiros. Chama-se “O Andar do Bêbado” e foi escrito por Leonard Mlodinow.

Entre tantas questões interessantes que ele estuda, está o problema das 3 portas. Em um concurso, uma pessoa deve escolher uma de 3 portas, A, B ou C, sabendo que uma tem um belo presente para ela, e as outras duas não têm nada. Ela escolhe a porta A. Antes de lhe dizer se acertou, o organizador abre a porta C e lhe diz que essa não tem nada. E lhe pergunta se quer trocar o palpite da porta A para a porta B. Que você faria?

Se quer pensar um pouco no problema não leia este parágrafo e os próximos, pois já vou apresentar a solução da questão. Boa parte das pessoas pensa, a recompensa não saiu do lugar, as portas A e B não foram alteradas, então não há motivo para alterar minha escolha. Costumo ser uma pessoa de convicções e não vou alterar meu palpite.

Engano! Qualquer alteração no problema muda as probabilidades. No início cada porta tinha 1/3 de chance de ser a premiada. Com a abertura da porta C, as probabilidades se alteraram e agora são para A 1/3, para B 2/3 e para C zero.

Então temos mais duas características da Teoria de Probabilidades: qualquer mudança de condições pode alterar as probabilidades e a soma das probabilidades para um evento é igual a um. No caso da moeda temos ou cara ou coroa, com 0,5 cada um, somando um e no do dado temos 6 números, com 1/6 cada, somando um.

Voltando à porta, quando nosso amigo escolhe a porta A ele tem 1/3 de chance de ganhar e 2/3 de chance de perder, se o prêmio estiver em B ou C. Ao abrir a porta C, o conjunto de B e C continua com a chance de 2/3 de conter o prêmio, que não foi alterado de lugar. Logo a probabilidade de ele estar em B é de 2/3. Portanto, quando se oferece a chance de trocar a porta A pela B se está oferecendo sair de 1/3 para 2/3 de probabilidade, ou o dobro de chances!

Contrário ao senso comum, à nossa percepção? Pode ser. O autor do livro diz que há bons matemáticos que têm dificuldade de aceitar essa solução. Minha experiência também vai nessa direção.

Talvez uma forma de entender que essa solução está certa é pensar em número maior de portas, por ex. dez, e repetir as operações. Escolhemos A e abrimos todas as outras com exceção de B. A probabilidade de acertar era de 1/10 e a de B é de 9/10. Mais fácil de perceber que devemos trocar.

Aniversários

Outro tema em que nossas percepções parecem nos enganar é o dos aniversários. Recentemente uns amigos, em grupo de quinze pessoas, fizeram uma viagem de 18 dias. Comentaram que nesse período comemoraram 2 aniversários. À primeira vista, parece muito. Sendo 15 pessoas em 18 dias com o ano com 365 dias, parece que deveria haver menos aniversários. Será? Qual a probabilidade, nessas condições, de que se comemore um aniversário?

Vamos usar mais uma vez a fórmula complementar. Calcular a chance de não haver aniversários e obter o complemento. Essa probabilidade é de (347/365) elevado a 15, o que dá 0,445 e portanto, seu complemento, a chance de que haja uma comemoração, é de 0,5547, ou 55,47%, maior do que 50%. Portanto, não há nenhuma surpresa em ter havido festas!

Um problema clássico é o dos aniversários simultâneos em um grupo de pessoas. Estando juntas 40 pessoas, qual a chance de haver ao menos duas com aniversário no mesmo dia? Um artigo publicado no ano 2000, e que pode ser encontrado na internet (Folha de S.Paulo - Fovest - 03/10/2000 (uol.com.br)), analisa esse tema. Curiosamente sua abordagem é parecida com a nossa, e o artigo começa assim: “O cálculo de probabilidades pode ser tão surpreendente que alguns resultados fogem totalmente ao senso comum”. No caso de 40 pessoas há uma probabilidade

de 89% de que ao menos duas façam aniversário no mesmo dia e com 50 pessoas a probabilidade sobe para 97%, quase uma certeza.

Alguns números no jogo de Bingo

Há muitas formas de se organizar o Bingo. Basicamente depende de quantos números serão sorteados no total (T), de quantos terá cada cartela (c) e do que será premiado, em geral a cartela cheia e talvez um conjunto de linhas.

Para ver alguns números vamos considerar um sorteio com 75 números, cada cartela com 25, sendo 5 colunas, números de 1 a 15 na primeira coluna, de 16 a 30 na segunda e assim sucessivamente.

O número de cartelas possíveis nesse exemplo é muito elevado, algo em torno de 243 x 10 elevado a 15.

À medida que o jogo vai se desenvolvendo, a chance de sair cada número em nossa cartela é de exatamente 1/3 quando começa e de um valor próximo a esse a seguir. Por isso, se tivermos um terço dos números sorteados na nossa cartela estamos na média. Outros estarão abaixo e alguns acima. Um destes últimos vai ganhar.

Uma pergunta que surge é qual a probabilidade de um jogador ganhar em determinado momento do jogo. Duas posições são básicas: a menor e a maior. Vamos começar por esta última. Qual a probabilidade de o jogo só terminar, para uma cartela, no último número sorteado? Considerando que o total de números (T) é o triplo de cada cartela (c), isto é T= 3c, podemos dizer que essa probabilidade, antes do jogo começar, é de 1/3. Como dissemos, probabilidade de um evento é o número dos favoráveis, dividido pelo de possíveis. Podemos imaginar a lista de números sorteados como uma sequencia de T números. Se listarmos todas, quantas vão terminar com um dos números de c? Pela simetria dos números 1/3 do total. Logo nossa probabilidade é de 1/3.

Vamos à outra posição. Qual a probabilidade de um jogo terminar depois de exatos c números, isto é, todos os números sorteados estarem em uma cartela. Por dois caminhos podemos chegar ao resultado. Um é ir multiplicando as probabilidades de que qualquer número sorteado esteja na cartela. A primeira é de c/T, a segunda de c-1/T-1, até a de 1/T-c+1. Essa expressão corresponde à formula c! x (T-c)! / T!. Outra forma de resolver o problema é pensar que todas as sequencias que resolvem nossa questão começam com um arranjo dos c primeiros números. O número dessas sequências é de c! x (T-c)!. Como a probabilidade é esse número dividido pelo total de sequências que é de T!, chegamos à mesma fórmula. Mais adiante vamos aplicar essas formulas a alguns exemplos numéricos e será mais fácil entender o que representam.

O curioso é que essas duas fórmulas, das probabilidades nessas duas casas, são absolutamente gerais e valem para quaisquer números. A única hipótese especial que fizemos foi a de T= 3c no primeiro caso, e chegamos à probabilidade de 1/3. Com T = n c, a probabilidade será de 1/n.

Como é de se esperar a segunda probabilidade é um número bem pequeno, e que aumenta com o valor de T. Sempre supondo T= 3c, com T= 6 a probabilidade é de p = 1/15, com T= 9 p= 1/84 e com p = 15 já é algo como 3 em 10.000.

Isso nos leva de volta à pergunta. Qual a chance de um jogo terminar em determinado ponto, com um número n de pedras sorteadas?

Probabilidades de o jogo acabar

Muitas funções estatísticas regem-se pela curva de Gauss que tem a forma aproximada de um sino. Quando temos uma variável com uma média, muitos resultados sairão próximos a essa média e à medida que se afastam irão sendo em menor número, dando o que chamamos curva de Gauss.

Pensemos em grupo de mil homens e vamos registrar sua altura. Supondo que a média de altura é de 1,70 m, se pusermos em um gráfico a quantidade de pessoas com certa altura em função da altura teremos uma curva desse tipo. Poucos mais baixos, grande concentração em torno dos 1,70 e poucos mais altos.

Será que a probabilidade do jogo terminar segue uma função desse tipo? A resposta é não. A probabilidade vai aumentando da casa c até a casa T, que são as que vimos antes.

Para entendermos melhor vamos usar números baixos. A Matemática nos reserva uma surpresa e uma das soluções que mostra a beleza surpreendente dessa matéria.

Um jogo muito simples e praticamente inviável seria um bingo com 3 números no total e cada cartela com apenas um número. Estamos usando apenas para fixar as ideias. As chances de o jogo acabar em determinada casa seriam:

Casa	1	2	3
Probabilidade	0,33	0,33	0,33

Reparem que os cálculos que fizemos antes para as casas T e c são válidos nessa tabela.

Um Bingo com 6 números e 2 em cada cartela

Este também um jogo pouco viável, que estamos utilizando apenas pela facilidade de fazer cálculos e fixar ideias.

Neste caso temos 6 bolinhas para serem sorteadas. O Jogo só pode acabar a partir da segunda bolinha e, de acordo com o que já vimos, temos P2= 1/15 e P6= 1/3, chamando de Pn a probabilidade de o jogo acabar na casa n.

Vamos chamar de Pr;s a probabilidade de o jogo acabar entre as casas r e s.

Calculemos P5. Esse valor é igual a (1-P6) multiplicado por 2/5, isto é, a chance de não acabar na última

casa, vezes a de sair uma pedra da cartela na quinta casa. Esse valor é 4/15.

Com esse raciocínio, podemos chegar a uma fórmula:

Pn = (1 – Pn+1;T) x c/n

Aplicando essa fórmula, chegamos à seguinte tabela:

Casa	1	2	3	4	5	6
Probabilidade	0	1/15	2/15	3/15	4/15	5/15

Um resultado belíssimo como esses que a Matemática nos oferece!

O que vemos é a probabilidade de o jogo terminar vai aumentando à medida que vai evoluindo e atinge seu ponto máximo na última casa com o valor de 1/3. Essa é a probabilidade de cada casa, o que não significa que vá terminar na última. Individualmente ela é a maior, mas a chance de terminar antes é o dobro, 2/3. Como já dissemos essas são probabilidades antes do jogo começar. A partir da primeira pera elas já começam a mudar.

Voltando às curvas de Gauss, elas devem estar presentes aqui. Se fizéssemos a contagem de quantas pedras foram sorteadas cada vez que um jogo acaba e puséssemos em um gráfico ele teria provavelmente uma semelhança com uma curva de Gauss, mas com um corte abrupto na última casa.

Como curiosidade apresento o mesmo cálculo para um jogo de 9 números, com 3 em cada cartela:

Casa	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Prob	0	0	1/84	3/84	6/84	10/84	15/84	21/84	28/84

Outro resultado belíssimo! Reparem que as diferenças entre os números dessa tabela vão subindo de forma uniforme de 2/84 até 7/84.

Conclusão

Esta brincadeira com os números nos mostra que nem sempre o que nos parece mais provável de fato o é, as probabilidades, às vezes, gostam de nos enganar.

Mostrou-nos também um pouco da beleza da Matemática, e que as chances de um jogo de Bingo acabar são cada vez mais altas ao final, o que era esperado. Quanto mais pessoas jogando, mais chance de um ponto fora da curva. Se isso não vai ajudá-lo a ganhar, ao menos vai facilitar uma melhor compreensão do que está acontecendo. Então paciência, e... boa sorte!

Contos árabes e problemas matemáticos

Exploramos nesta nota alguns problemas matemáticos de grande beleza. Alguns procedem do livro “O homem que calculava”, de Malba Tahan, publicado em 1938 e que continua sendo, ainda hoje, popularíssimo e conta já com mais de 100 edições. Outro é uma questão clássica que permite, além de uma solução muito engenhosa, uma relação muito interessante com a teoria das bases numéricas.

Um dos autores que me acompanharam na infância e juventude foi Malba Tahan, com seus livros deliciosos de contos árabes. Na verdade era um professor brasileiro, Julio César de Mello e Souza, que adotou esse pseudônimo. Tive a chance de cumprimentá-lo um dia. Garoto ainda, passávamos férias em Águas de Lindóia, e um tio nos apresentou seu amigo: para minha decepção, não um beduíno do deserto, mas um simpático senhor carioca, que nunca usou turbante e – sempre professor – me fez, na breve conversa, uma pequena sabatina informal sobre as matérias da escola…

Passadas muitas décadas, ainda me lembro de algumas histórias, meio apagadas pelo tempo transcorrido. Cheias de poesia, valores e de uma sadia ingenuidade. Como a do homem que faleceu e em seu julgamento lhe perguntaram o que havia feito de bom. Não se lembrava de nada. Com muito esforço, recordou que havia salvado uma aranha, deixando de pisar nela. Foi o suficiente para que começasse a descer um fio muito fino, uma teia de aranha, no fosso em que ele se encontrava, permitindo que subisse. Quando estava a meio caminho reparou que outros estavam também subindo pelo fio. Ficou com medo e começou a gritar-lhes para descerem. Seu egoísmo foi punido. O fio se rompeu, não pelo peso, mas pela sua atitude e todos ficaram sem poder subir.

Em outra, um jovem viajante, cansado do caminho, deita em baixo de uma árvore e adormece. Enquanto ele repousa passam por aquele caminho vários outros viajantes, veem o garoto dormindo, pensam em acordá-lo, mas acabam deixando para depois. Passam por ele o Amor, a Fortuna, a Morte...Ficam muitas ideias na cabeça do leitor: como nosso futuro é imprevisível, quantas oportunidades passam perto de nós, como a vida é frágil.

O Homem que calculava

Um de seus livros de teor diferente é "O Homem que calculava". Para muitos, como no meu caso, uma introdução divertida à beleza da Matemática e suas questões lógicas. Lembro-me de uma história. Um rei tinha três contadores, bons matemáticos, que foram acusados de roubá-lo. Ele os condenou, mas reservou-lhes uma chance de se salvarem caso acertassem um problema lógico. Foram postos em fila, cada um com um cartaz nas costas, escolhidos entre 3 pretos e 2 brancos. O primeiro a tentar adivinhar a cor do cartaz de suas costas, via os outros dois. Ele arriscou e errou. Foi morto. O segundo sabia do acontecido, via a cor do companheiro à frente, mas não ouviu a cor dita pelo anterior. Como este, arriscou, errou e foi morto. De posse dessas informações o contador restante ficou feliz e pensou: "estou salvo". Quais foram as cores, quais os palpites e por que o último tinha a certeza de estar salvo? Respostas no final.

O problema dos 35 camelos

Um problema clássico que consta do livro é o dos 35 camelos. Um homem viajava com seu amigo matemático em seu camelo, quando se depararam com uma discussão familiar. Três irmãos discutiam como resolver uma situação criada em relação à herança do pai. Ao falecer este deixou 35 camelos para serem repartidos entre os 3 filhos, sendo metade para o primeiro, um terço para o segundo e um nono para o

terceiro. Na verdade, a história é uma dessas que nasce de uma equação: 1/2 + 1/3 + 1/9 = 17/18 ou 34/36.

Um estudioso da cultura árabe, Jean Lauand, me disse que essa situação é improvável na tradição islâmica, que não comporta essa liberdade para determinar as porcentagens da herança: os valores estão previstos pelo próprio Alcorão (Sura IV). Precisamente essa exigência religiosa foi um dos motivos para o surgimento da álgebra na Casa da Sabedoria de Bagdá: para resolver as intrincadas equações que surgem essa sura.

Voltando aos filhos, um receberia 17,50 camelos, outro 11,66 e o último 3,88. Como resolver? O matemático intervém, pede o camelo emprestado ao amigo, dando um total de 36, que se repartem em 18, 12 e 4 para os irmãos, devolve o do amigo e fica com o que sobra. Que aconteceu? Os filhos ficaram contentes, mas ganharam ou foram enganados? Foi bom porque a questão foi resolvida, mas tinham recebido 35 camelos e agora juntos têm 34.

Vamos à solução. O que fica escondido nas entrelinhas da historia é que o pai não destinou aos filhos o total de camelos. A soma das porcentagens, como já dissemos, resulta em 34/36. Aplicando esse valor aos 35 camelos a soma do que se distribui é 33,05 sobrando 1,95. Já com o camelo emprestado, ficam 34 para os filhos e sobram 2, um é devolvido e o matemático pega o que sobra!

As doze bolinhas

Uma questão clássica e que expõe também a beleza da Matemática é o das 12 bolinhas (ou pérolas, se quisermos fantasiar). Onze delas têm o mesmo peso e a última é ligeiramente diferente, não sabemos se para mais ou menos. O problema é descobrir qual é a bolinha e se é mais leve ou mais pesada, servindo-se de 3 pesagens feitas em uma balança de comparação, com dois pratos. Em cada uma das pesagens a balança indica os pratos leve e pesado.

À primeira vista parece impossível. Como determinar uma diferença para mais ou menos em doze bolinhas, o que resulta em 24 alternativas, só com 3 pesagens? Por outro lado, cada pesagem nos dá 3 possibilidades (igual, maior ou menor), e sendo 3 poderemos ter 27 possibilidades, contra as 24 alternativas das bolinhas. Se houver uma solução o que representa a diferença de 3 entre 27 e 24?

Vamos a uma solução. Há várias soluções possíveis. Vamos apresentar uma delas. Começamos colocando em um prato as bolinhas de 1-4 e no outro as de 5-8. O resultado pode ser igual (0), maior (1) ou menor (2).

Comecemos com igual (0). Significa que a bolinha diferente está entre 9-12. Temos 8 possibilidades, com qualquer uma delas sendo mais leve ou mais pesada. Neste caso a segunda pesagem será 9-10 com 11 e 1. Se der igual a bola diferente é a 12 e basta compará-la com qualquer outra para saber se é mais pesada ou leve. Nesta pesagem temos certeza de que a bolinha 12 é diferente e, portanto, a pesagem não pode ser igual. É uma daquelas 3 a que havíamos nos referido, e que não podem acontecer. Se a segunda pesagem der maior, temos 9 ou 10 mais pesadas ou 11 mais leve. Basta então comparar 9 com 10 e o resultado indicará a solução. Se a segunda pesagem der menor, a solução é semelhante à de resultado maior, pesando as mesmas bolas. Assim, se a primeira pesagem der resultado igual, teremos a bola diferente de 9 a 12, e as duas pesagens seguintes vão determiná-la.

A segunda possibilidade para a primeira pesagem é o prato de 1-4 ser mais pesado que o de 5-8 (1). Aqui também teremos 8 possibilidades: ou as do primeiro prato são mais pesadas ou as do segundo são mais leves. Vamos fazer a segunda pesagem entre 1,2,5 por um lado e 3,6,12 no outro. Esta é talvez a parte mais importante da solução: dividir o grupo de 8 bolinhas em 3, misturando as possíveis pesadas com as possíveis leves. Teremos como resultado: igual, maior ou menor. Caso seja igual teremos 4 mais pesada ou 7 ou 8

mais leve. A terceira pesagem é 7 com 8. Dando igual, teremos 4 mais pesada. Sendo diferente, indicará 7 ou 8 como mais leve. Se a segunda pesagem indicar o primeiro prato como mais pesado, teremos 1 ou 2 mais pesada ou 6 mais leve. Basta então comparar 1 com 2 e teremos o resultado. Finalmente, o segundo prato pode ser mais pesado o que indica 3 mais pesada ou 5 mais leve. Neste caso comparamos 3 com 12 e só teremos 2 possibilidades: mais pesada, indicando que 3 é a mais pesada ou igual significando que 5 é a mais leve. Não existe a possibilidade de menor.

Caso o prato com 1-4 seja mais leve que o de 5-8 a solução (2) é totalmente análoga à que acabamos de indicar, com o prato mais pesado.

Resumindo: fazemos a primeira pesagem, com resultado: igual, maior ou menor. A seguir, cada alternativa indicará 8 resultados e uma impossibilidade, dando no total as 24 alternativas mais as 3 impossibilidades, que somam as 27 variantes que podem resultar das 3 pesagens com 3 chances cada!

As bases numéricas

Até aqui já temos uma solução belíssima, mostrando as possibilidades matemáticas. Mas há ainda uma observação surpreendente que podemos fazer. Para isso precisamos recordar os conceitos de bases numéricas. Trabalhamos comumente com a base 10. Um número qualquer é lido de acordo com as potências de 10. Por exemplo, escrever 576 significa ter 6 x 1 mais 7 x 10 mais 5 x 100.

Uma base muito utilizada pelos sistemas digitais é a do número 2. Tomemos um exemplo para entender como se representa um número nessa base: (10010)2 se calcula 0 x 1 mais 1 x 2 mais 0 x 4 mais 0 x 8 mais 1 x 16 sendo então (10010)2 = 18

Poderíamos ter uma base 12 e para isso seriam necessários mais dois símbolos, um para o 10 e outro para o

11, por ex., # e $. O número (#25)12 = 5 x 1 + 2 x 12 + 10 x 144 = 173.

A base 3

Se considerarmos a base 3, só poderemos trabalhar com os algarismos 0, 1 e 2. Assim, a sequência de números de 0 a 10, nessa base, seria: 0, 1, 2, 10, 11, 12, 20, 21, 22, 100 e 101.

Utilizar esta base vai nos possibilitar relacionar os 27 números que vão de 0 a 26 com as 27 pesagens que fizemos, sendo cada pesagem um resultado possível para o nosso problema.

Vamos associar cada resultado possível de pesagem a um número, sendo igual, maior e menor respectivamente a 0, 1 e 2. Aplicando esse critério ao texto acima, a sequência igual, igual, igual era impossível, igual, igual, maior resultava 12 pesada (12P) e igual, igual, menor em 12 leve (12L). Assim, com a sequência que seguimos no nosso texto, temos a solução:

0 000 Impossível

1 001 12P

2 002 12L

3 010 11L

4 011 9 P

5 012 10P

6 020 11P

7 021 10L

8 022 9 L

9 100 4 P

10 101 8 L

11 102 7 L

12 110 6 L

13 111 1 P

14 112 2 P

15 120 5 L

16 121 3 P

17 122 Impossível

A última sequência, da terceira possibilidade, com a primeira pesagem dando menor, levaria aos números de 18 a 26 e, como já se disse, é semelhante. Magnífico, não?

Solução da questão dos contadores e dos cartazes

Sabemos que todos os contadores eram bons matemáticos. Então, o primeiro a arriscar a cor do seu cartaz não estava vendo nas costas dos outros dois cartazes brancos. Ele saberia que o seu seria preto. Não sabemos a cor nem o que ele disse.

O segundo sabia que o primeiro não viu dois brancos. Ele viu ou preto e branco ou dois pretos. Se ele visse um branco no primeiro ele acertaria o próprio. Não sabemos que cor tinha, nem o que disse, só que ele não viu um cartaz branco. Esse foi o raciocínio que levou o último a saber que seu cartaz era preto.

Há muitos problemas que usam a lógica ou a matemática. Uns mais fáceis outros difíceis e, de vez em quando, encontramos alguns de grande beleza, como os que vimos acima.

Algumas observações sobre o jogo de Sudoku

As seções de passatempos de jornais e revistas nos oferecem os jogos de Sudoku. Em uma tabela de 9x9 é preciso inserir algarismos de 1 a 9 sem repeti-los em uma linha, coluna ou nos nove blocos de 3x3 que se formam.

Alguns são relativamente fáceis, por conterem muitos números, mas outros têm dificuldade média ou grande, quando os números iniciais diminuem.

História

O Sudoku como hoje conhecemos, foi criado em 1979, por Howard Garns, um arquiteto americano aposentado de 74 anos de idade e construtor de quebra cabeças. O jogo foi publicado pela primeira vez no Japão em 1984, e ganhou projeção mundial após 2004, quando Wayne Gould, um juiz aposentado que conheceu o jogo em uma visita ao Japão em 1997, criou um programa capaz de gerar diferentes jogos e propôs ao jornal Britânico "The Times" que publicasse o passatempo em suas páginas. O sucesso alcançado pelo jogo foi tanto que outros jornais resolveram fazer o mesmo. A partir de então, o Sudoku passou a ganhar popularidade e se transformou em fonte de estudo e pesquisa para diversos matemáticos.

Como construir um jogo

Quando se consegue alguma familiaridade com o jogo uma pergunta que vem, é como construir um exemplar desses. São tantas variáveis que dá a impressão de que é preciso recorrer aos computadores e programas para criar jogos com eficácia.

Um bom jogo deve ter uma solução e que seja única. Vamos tratar aqui das situações em que há o menor número de algarismos iniciais, isto é, sem nenhum que possa ser deduzido pelas próprias regras do jogo.

Simetria

Um jogo qualquer de Sudoku apresenta várias regras de simetria. Se girarmos 90 graus a solução continuará a mesma, apenas alterada pelo giro. Por isso qualquer regra que exista para as linhas é a mesma para as colunas.

Como é lógico, alterar os números também não afeta o resultado, desde que se mantenha a estrutura básica: posição, repetições, etc.

Jogos em tabela 4x4

Em uma tabela de 9x9, com nove algarismos possíveis, é muito difícil tirar conclusões. Podemos utilizar aqui um artifício, muito empregado em solução de problemas, que é trabalhar com um campo menor, semelhante, que possa fornecer padrões. No caso, vamos empregar quatro algarismos e uma tabela 4x4. Para conseguir os blocos internos sempre será preciso trabalhar com números quadrados, 1, 4, 9, 16, etc., resultado de 1, 2, 3, 4, etc. algarismos.

Em uma tabela de 4x4 se os algarismos iniciais forem três o problema não está definido, isto é, não há uma solução única, que foi uma das regras que estabelecemos.

Será possível encontrar uma solução partindo de quatro algarismos? Sim, apresentamos a seguir um jogo assim. A solução, que não é difícil de ser conseguida, está no final.

1			
	2		
		3	
4			

Mas há tabelas com 4 algarismos que não têm solução. Apresentamos a seguir um exemplo.

1			
	2		
		3	
			4

Isso comprova que posição dos algarismos iniciais conta muito para a solução.

Uma técnica de solução

Muitos dos que jogam Sudoku desenvolveram um método prático para ajudar a resolver os problemas. Ao

observar a tabela, vemos que há casas em que um algarismo pode estar e outras em que não pode. Quando as possibilidades são apenas duas em uma linha, coluna ou grupo, muitos jogadores escrevem essas possibilidades, com letra menor, em um canto da casa. Aplicando esse método à última tabela obtemos:

1	34	24	23
34	2	14	13
24	14	3	12
23	13	12	4

A observação dessa tabela nos revela que se introduzirmos qualquer número além dos quatro iniciais, em qualquer posição, teremos um jogo válido, com solução única. Será um jogo com 5 algarismos iniciais. A maioria desses jogos têm solução. Mas há alguns com cinco algarismos, como o que vai a seguir, que não têm solução única.

1			
2			1
3			
		2	

Será preciso acrescentar um sexto algarismo. Tente resolver e comprovará que não pode ser posto qualquer número. Muitos já estão definidos pelas regras do jogo.

Com situações especiais é possível encontrar uma tabela com 6 algarismos que também não conta com uma solução única.

1			2
2			1
	1		
4			

A conclusão a que chegamos, por observação sem uma prova definitiva, é que nas tabelas 4x4 para terem solução os jogos devem ter de 4 a 7 algarismos iniciais. Se tiverem menos o jogo não tem solução e se tiverem mais alguns números podem ser deduzidos, o que vai contra as hipóteses que formulamos no início. Parece também que a maioria dos jogos contêm 5 algarismos, e os de 4, 6 ou 7 são em menor número.

Os jogos de 9x9

É como aparecem nos jornais e revistas de passatempos. Os jogos difíceis têm, em geral, entre 23 e 27 algarismos iniciais. Como o total é de 81 casas isso dá, para 25, um valor de 30% das casas ocupadas, enquanto

considerando os jogos de 5 em 4x4 temos 31%, um valor bem próximo.

Observando os jogos difíceis propostos notamos que, em geral, ocupam todas as linhas e colunas, ficando, às vezes, alguma livre.

Em um artigo escrito por colegiais de Bauru (https://www.fc.unesp.br/Home/Departamentos/Matematica/revistacqd2228/v12a03-a-matematica-por-tras-do-sudoku.pdf), encontrei uma informação que me surpreendeu. Alguém conseguiu fazer um jogo válido com apenas 17 algarismos iniciais, bem abaixo dos 25 habituais. Surpreendente também é que sua resolução foi bem mais simples do que as de outros jogos que já encontrei. Ponho o jogo a seguir e, no final, a solução e um jogo, com 24 algarismos, que considerei de solução bem difícil.

			8		1			
							4	3
5								
				7		8		
						1		
	2			3				
6							7	5
		3	4					
			2			6		

Solução de um jogo com 4 algarismos iniciais

1	4	2	3
3	2	4	1
2	1	3	4
4	3	1	2

Solução de um jogo com 17 algarismos

2	3	7	8	4	1	5	6	9
1	8	6	7	9	5	2	4	3
5	9	4	3	2	6	7	1	8
3	1	5	6	7	4	8	4	2
4	6	9	5	8	2	1	3	7
7	2	8	1	3	9	4	5	6
6	4	2	9	1	8	3	7	5
8	5	3	4	6	7	9	2	1
9	7	1	2	5	3	6	8	4

Um jogo de Sudoku bem dificil

		9	5		4	6		
			8		1			
5								1
7	2						9	5
6	3						2	8
8								4
			3		9			
		4	2		6	3		

A natureza do tempo

Um dos mais desafiadores mistérios do Universo é a natureza do tempo. “O que é o tempo?” é uma pergunta que intriga todo físico. Para nosso senso comum o tempo parece algo bastante simples. Há um relógio universal, único, que corre e vai ditando as horas. Mas não é assim. Também aqui a natureza e o senso comum nos enganam. Parece que a Terra é plana, mas não é. Parece que o Sol gira em torno da Terra, mas sabemos que é o contrário, a Terra gira em torno do Sol. E há um relógio diferente para cada objeto. O relógio universal e absoluto não existe, ele depende da velocidade de cada objeto, de sua altura.

Certa vez dando uma aula, comentei que o tempo passava mais devagar nos vales do que nas serras. Várias alunas me perguntaram onde era esse vale, queriam ir para lá!

A ideia do tempo único e universal é relativamente recente. Durante muitos séculos cada local fazia suas medições, baseando-se no Sol. Só com as comunicações e os transportes (os horários dos trens) é que apareceu o problema de ter uma hora única, de referência.

Por sua natureza o tempo é relativo. Há um outro fator que o torna relativo também: nosso estado de espírito. Moro perto da “Galeria do Relógio Antigo”, uma charmosa relojoaria, com peças de todas as idades. Já a conheço há uns vinte anos. Desde a primeira vez que a vi, reparei em uma inscrição latina colocada discretamente um dos balcões: “Afflictis lente, celeres gaudentibus, horae”. Ao lado está a tradução: “As horas de aflição são lentas, e as horas de alegria são rápidas”. Os antigos tinham o hábito de pôr frases significativas junto aos relógios. É um fenômeno psicológico conhecido, que não precisa de explicação. Para citar um exemplo, a prorrogação de dez minutos dada pelo juiz de

futebol, parece um instante para o time que está perdendo e uma eternidade para o que está ganhando.

Essa ideia da relatividade psicológica do tempo é universal. Jean Lauand está lançando um livro de provérbios árabes. Faz um belo estudo introdutório. Depois de analisar 1000 provérbios selecionou 250. Um deles diz: "Ano ruim tem 24 meses". É a mesma ideia comentada no parágrafo anterior.

A sabedoria dos relógios antigos tem outra pérola. Li há algum tempo em um artigo. Sob o mostrador reluzia a frase: "Omnes vulnerant, ultima necat". Tinham a ideia de que é impossível livrar-nos das incomodidades, preocupações e sofrimentos da vida. É o que vem refletido no começo da frase, "omnes vulnerant", isto é, todas as horas deste relógio vão lhe trazer alguma ferida. A segunda parte é divertida (a seu modo) e reflete também a mentalidade antiga, da necessidade de ter presente a finitude da vida: "ultima necat", a última hora deste relógio vai lhe matar! É um caso em que, com certeza, o tempo é diferente para cada um!

A vida tem sofrimentos, mas também tem suas alegrias. Há as horas com feridas, o "vale de lágrimas" da antiga oração da Salve Rainha. Mas há também os mares de rosas e os céus de brigadeiros. Talvez a grande sabedoria da vida seja saber reconhecer as horas e viver de acordo com elas. E nessa tarefa os relógios antigos são bons amigos, a nos dar conselhos.

Enigmas da Física e limites do nosso conhecimento

As aparências enganam. Essa frase pode se aplicar a muitas situações. Os vendedores tentam nos convencer da qualidade dos produtos pela sua aparência e muitas pessoas se vestem bem para passarem por confiáveis.

Um dos campos onde também se aplica é na nossa percepção do mundo. De acordo com ela, a Terra é plana e o Sol gira ao seu redor. Os gregos antigos já sabiam que a Terra era redonda e uma experiência para determinar sua circunferência foi feita no sec. III antes de Cristo. O Heliocentrismo também era postulado por alguns deles.

A Ciência Física avançou muito desde os tempos antigos e continua a surpreender os que se aproximam dela.

A origem do Universo

A teoria mais aceita pelos físicos atualmente é a do Big Bang. Uma explosão ocorrida há 13,5 bilhões de anos. Tudo o que chamamos de Universo estava concentrado em um ponto de energia incalculável e explodiu, o Big Bang.

Os cientistas conseguem calcular o desenvolvimento do Universo desde esse momento. Não se sabe nada sobre o que haveria antes. Da grande explosão foi aparecendo a matéria, depois a vida e chegamos aos dias atuais

A composição da matéria

Do que é feito tudo o que existe? Mais uma vez os gregos estavam no caminho certo. Demócrito no século V antes de Cristo já falava dos átomos, partículas básicas que seriam a base de tudo o que chamamos de material. Com o passar dos anos e o desenvolvimento da Ciência vários modelos de átomos foram sendo apresentados. Sabemos agora que o que chamamos hoje de átomos não são a base de

tudo, mas que há partículas mais elementares. A velha Tabela Periódica cedeu lugar a uma nova, mais básica, constituída por 17 partículas.

Os limites do nosso conhecimento

O conhecimento do mundo através da Física avançou muito, mas ainda há muitas dúvidas e enigmas. É curioso que muitas vezes, ao longo da História, se pensou que o conhecimento estava quase completo e faltava apenas resolver algumas questões menores e tudo estaria definido.

Costuma-se atribuir ao grande físico britânico, Lord Kelvin, o comentário de que haveria apenas duas pequenas questões para serem resolvidas no final do sec. XIX, e tudo estaria pronto. Alguns acham que ele estava ciente da dificuldade que esses dois temas representavam. Tudo funcionava muito bem, exceto duas pequenas questões.

Assisti recentemente uma exposição (*) onde se comentava que no início do sec. XX as órbitas dos planetas eram bem conhecidas. Havia apenas uma que não correspondia aos cálculos, a de Mercúrio. Supôs-se que haveria um planeta entre ele e o Sol, e foram feitos muitos experimentos para localizá-lo. Um problema menor e que seria resolvido em breve.

Nos dois casos, as questões de Lord Kelvin e a órbita de Mercúrio, só tiveram solução com teorias completamente novas e que revolucionaram todo o conhecimento anterior: as teorias Quântica e da Relatividade.

Enigmas atuais

Na mesma palestra a que me referi acima foram citados 3 enigmas da Física atual, cujas soluções não sabemos se serão questões menores ou uma revolução em relação ao que é conhecido atualmente.

A massa do neutrino

Algumas das 17 partículas citadas acima são neutrinos. Partículas extremamente abundantes no Universo, só perdendo para os fótons. Descobriu-se que eles possuem massa, ínfima, mas diferente de zero. O grande problema é que a teoria relativa às 17 partículas, que funciona extremamente bem para tudo, prevê que a massa do neutrino deve ser zero. Uma questão menor. Ou não?

A matéria escura

A Física evoluiu tanto que é possível fazer cálculos muito precisos. É com esses cálculos que foi possível levar astronautas à Lua. Acontece que ao medir a massa de algumas galaxias se acaba percebendo que elas são mais pesadas do que as medidas apontam. Há lá uma matéria que influencia alguns fenômenos mas não é detetada de nenhuma outra forma. Como não se sabe nada sobre ela, nem se pode vê-la, recebeu o nome de matéria escura. Um elemento desconhecido.

Como as coisas existem

O terceiro enigma é também surpreendente. Ele diz que não deveria haver matéria e portanto nada no Universo. Por sorte não é assim.

Aqui é preciso introduzir outro conceito pouco sensível, a antimatéria. Os físicos sabem que existe algo a que se chamou antimatéria porque interagindo com a matéria ambas se transformam em energia. Em algum momento essa energia pode voltar a se transformar em matéria e antimatéria.

Se como dissemos acima, no Big Bang só havia energia, a matéria e antimatéria foram criadas em quantidades iguais. Seria de supor então que se auto transformassem, aniquilando toda a matéria. Mas a matéria está aí. Enigma.

Essas são algumas das questões que intrigam os físicos atualmente. Eles vão formulando teorias e testando. Quando alguma dá certo eles ganham o Prêmio Nobel. Quando não, continuam as teorias e as experiências. A questão que fica no ar é se a solução para esses enigmas será um pequeno ajuste ou novas teorias que vão revolucionar tudo o que sabemos. Só o Tempo dirá, ele próprio um grande mistério.

Nota

(*) Neutrinos, Matéria Escura e Outros Enigmas, Dr. André Luiz de Gouvêa, 21/02/2025, https://outreach.ictp-saifr.org/public-lectures/